
TRILOGIA
IRMÃOS SANTORO
- LIVRO 1
O Herdeiro
INESPERADO DO
MAFIOSO
Italiano
EDVÂNIA VOITZSZN

O Herdeiro INESPERADO DO MAFIOSO Italiano

EDVÂNIA VOITZSZN

Copyright © 2024 Edvânia Voitzszn

Capa: HEV Design

Diagramação: HEV Design

Revisão: Sônia Carvalho

Autora: Edvânia Voitzszn

Redes Sociais: @evoitzszn_autora

Esta é uma obra de ficção.

Qualquer semelhança com a realidade com pessoas vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98 com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 18 ANOS – AS CENAS

NARRADAS PODEM CONTER CONTEÚDO SEXUAL.

SUMÁRIO

SUMÁRIO
SINOPSE
PLAYLIST
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS

SINOPSE

Ele a amou, mas precisou deixá-la.

Ela se sentiu rejeitada pelo único homem para o qual havia entregado seu coração.

Três anos depois, ele descobrirá que não deixou apenas seu grande amor para trás, mas também, o filho que ela carregava dele.

Romance Proibido Mafioso + Gravidez inesperada + Reencontro + Criança fofa

Lorenzo Santoro é um empresário de sucesso e também **chefe da máfia.** Seu casamento com a filha de uma importante família está marcado e ele sabe que precisa respeitar o acordo, contudo, Lorenzo não esperava apaixonar-se pela primeira vez, ao conhecer Aurora, uma jovem bem diferente da mulher que é seu destino.

Aurora Almeida é uma jovem que trabalha muito para cuidar de si e pagar as contas da casa sozinha.

Ela estava atendendo uma de suas mesas na cafeteria quando o clima, naquela tarde comum, que misturava o cheiro de chuva e café fresco, mudou dentro do ambiente.

Era para Lorenzo ser apenas mais um cliente, porém, algo mudou no instante em que os olhos verdes dele cruzaram com os dela fazendo seu coração disparar e o ar fugir de seus pulmões.

Poderá o amor vencer as barreiras que os separaram um dia?

PLAYLIST

Ouça a Playlist no Spotify

Ouça Aqui!



UM
LORENZO

3 ANOS ANTES

— Elena, eu já falei que não posso te atender todas as vezes que você liga! Estou trabalhando! — Respirei fundo tentando não perder a paciência ao telefone. — Eu te ligo mais tarde, adeus. — Encerrei a ligação colocando o aparelho de volta no bolso enquanto a porta do elevador privativo se abria.

Os três soldados que nos acompanhavam em viagens, fazendo nossa segurança avançaram para dentro da cobertura a fim de verificar o ambiente, um apartamento duplex em um dos bairros nobres de São Paulo, onde costumávamos ficar quando precisávamos vir ao Brasil para tratar dos negócios da 'Ndrangheta, a máfia da qual em breve seria o *Capo Crimine*[1], cargo ocupado por nosso pai até aquele momento.

Andei até o meio da sala olhando ao redor, nada parecia fora do lugar. Dos nossos apartamentos no Brasil, este era meu favorito. Havia um

bom espaço de lazer no piso superior, todos os cômodos eram amplos, e ainda podíamos apreciar uma vista panorâmica da cidade.

— Carlo — chamei o segurança que estava há mais tempo ao meu lado. — Façam a vistoria — ordenei apontando para os três soldados. Toda vez que ocupávamos um lugar que ficou vazio por algum tempo, fazíamos uma inspeção rigorosa antes de nos acomodarmos. As câmeras de segurança não mostraram nenhuma invasão durante nossa ausência, porém, os protocolos de segurança não deviam nunca ser quebrados e este era um deles.

Primeiro os soldados revistaram cada cômodo para termos certeza de que estavam realmente vazios, e depois, fizeram uma busca minuciosa por escutas. Não podíamos baixar a guarda, não com a vida que levávamos.

Sentei-me no sofá sentindo a exaustão pelas horas de viagem dominarem meu corpo, assim que permiti minhas costas relaxarem no encosto de couro, meu telefone voltou a tocar. Retirei o aparelho do bolso e vi o nome de Elena na tela novamente. Bufei, reprimindo um palavrão. Desliguei o aparelho o guardando de volta.

— Elena de novo? — Stefano perguntou sentando-se ao meu lado. — Fiz sinal de silêncio. Meu irmão entendeu o recado. Até que o apartamento fosse liberado, não íamos falar nada relevante.

— Está tudo limpo, senhor — Carlo disse retornando à sala após mais de duas horas de inspeção.

— Certo, neste caso, podem descansar por enquanto. Chamarei quando formos sair. Vocês já sabem onde é o alojamento de vocês.

Vi os soldados saírem em direção ao corredor onde ficava o cômodo deles e me afundei ainda mais no sofá.

— Você parece mais cansado do que qualquer um de nós. — Ouvi a voz do meu irmão ainda ao meu lado.

— Além de ter que lidar com esse novo acordo que é uma puta vantagem em questão da quantidade de coca que poderemos distribuir, tenho uma noiva neurótica tentando me enlouquecer com uma ligação a cada dois minutos sobre a porra do casamento.

Esfreguei as mãos no rosto como se pudesse expulsar o cansaço que me consumia.

— Eu sei que a Elena pode ser difícil às vezes, mas acordos são acordos. Você deve honrar a palavra de nosso pai.

— Eu sei — afirmei.

— Além disso, todos sabem o quanto ela é louca por você. Sempre foi.

— Sei disso também — disse tentando não me irritar mais. — Contudo, confesso que já pensei no que aconteceria caso eu adiasse esse casamento por mais algum tempo.

— Não pode — Stefano me cortou imediatamente. Meu irmão não seria meu braço direito e *Consiglieri* apenas por ser meu irmão, se assim fosse, Nicolau, nosso irmão caçula também poderia disputar o posto, Stefano iria ocupar o lugar porque ele conseguia ser o mais racional dos irmãos Santoro.

— Eu sei que não, mas me permito imaginar...

— Não se permita — ele me cortou novamente. — Não podemos viver sonhando com cenários impossíveis. Você é o futuro *Capo Crimine* da ‘Ndrangheta e tem um acordo de casamento para cumprir. Nosso pai o fez pensando em honrar os anos de lealdade do atual *Consiglieri*, antes mesmo de você se tornar maior de idade. Sabemos que eles se mantiveram pacientes por esperarem tantos anos. Você já tem 27 anos, irmão.

Joguei minha cabeça para trás, frustrado.

— Vamos descansar agora. Todos nós estamos precisando — meu irmão disse antes de sair da sala e me deixar sozinho.

Andei até as janelas do outro lado, a vista da cidade de São Paulo à noite era fascinante, mas não me demorei por ali sabendo do quanto precisava descansar para a reunião no dia seguinte.

Depois de tomar um banho longo, me joguei na cama deixando meu corpo finalmente relaxar por algumas horas.



Batidas na porta me despertaram, busquei meu relógio de pulso deixado na mesa de cabeceira para então notar que dormi mais do que o esperado.

— Já vou — respondi me levantando. Liguei o celular para encontrar dezenas de mensagens de Elena. Desliguei o aparelho novamente.

Fiz minha higiene matinal para em seguida descer as escadas em direção ao andar debaixo e encontrar o Stefano e os soldados.

O cheiro do café preencheu o ambiente me fazendo salivar. Busquei uma xícara no armário e a enchi com o líquido preto fumegante e em seguida, com o leite quente no fogão.

— Temos uma reunião com o nosso futuro distribuidor às 10 horas — anunciou Stefano.

Olhei para o relógio no meu pulso calculando se era possível terminarmos a refeição antes de sairmos para encontrar o nosso contato.

Sentei-me na cadeira ao lado da ilha no meio da cozinha e puxei as sacolas de papel com o nome de alguma panificadora que devia ser da região. Uma das sacolas continha croissants doces e a outra salgados.

— Temos tempo — disse depois de pegar um croissant doce para acompanhar o café com leite.

— Precisaremos de reforços? — perguntou Carlo.

— Não. Nosso contato é conhecido pela diplomacia com as facções locais. Nossa fonte é segura e garantiu que não corremos o risco de uma emboscada. Ele é no momento, o maior nome do narcotráfico no Brasil. Ele procura um novo cliente e nós mais um fornecedor — Stefano assentiu.

— Ainda assim, todos nós iremos armados. Certo? — indagou Carlo.

— Até os dentes — confirmei.

Depois da nossa refeição, retornei ao quarto para pegar a maleta com a parte do pagamento ao futuro fornecedor. Então, descemos até a garagem nos direcionando ao carro blindado. Carlo e os outros dois soldados conferiram o veículo novíssimo que havia sido entregue um dia antes de chegarmos ao Brasil.

Entramos no carro e Carlo assumiu o volante. Todos nós tínhamos habilitação para dirigir no país, mas ele era nosso piloto mais experiente, se

precisássemos entrar no “modo de fuga” dificilmente alguém iria se sair melhor do que ele.

Saímos de São Paulo capital em direção a São Roque, uma cidade no interior de São Paulo onde nosso distribuidor tinha uma vinícola e nos aguardava para a reunião.

Pouco mais de uma hora depois, estávamos de frente a um grande portão de ferro com o nome “Vinícola Família Rocha”. Carlo abaixou um pouco o vidro de sua porta e falou em português com o segurança pelo interfone localizado ao lado do portão. Era necessário que os soldados que faziam nossa segurança pessoal falassem português, já que fazíamos negócios no Brasil há bastante tempo e eles nos acompanhavam.

A passagem foi liberada e seguimos adiante. O caminho até a casa era cercado por enormes árvores que pouco nos permitiam enxergar em volta. A estrada de chão levantou poeira quando Carlo acelerou o carro.

— Devagar, aí — chamei sua atenção. Não estava entrando no território de nosso futuro parceiro com medo, mas também não tinha a intenção de passar uma impressão de afronta.

Paramos em frente à casa da vinícola. Era uma casa imensa e rodeada por mais árvores altas. Os vidros do carro foram baixados e homens armados com fuzis rodearam o veículo. Meus seguranças estavam em alerta mesmo sabendo que este era um procedimento de recepção comum.

— Finalmente, o famoso Lorenzo Santoro. — Um homem de estatura mediana e cabelos castanhos atravessou a porta da casa de braços abertos para nos receber. — Pelo amor de Deus! — disse ele. — Deem espaço para os meus convidados descerem do carro. — Os homens armados se afastaram e os meus seguranças desceram para abrir a porta e nos acompanhar até a escada à frente da casa onde o nosso futuro parceiro aguardava.

— É um imenso prazer conhecê-lo pessoalmente, senhor Santoro. — Estendeu a mão em minha direção. Stefano se mantinha um passo atrás e os seguranças ao nosso redor.

— Digo o mesmo, senhor Rocha — cumprimentei o homem à minha frente. Seus olhos correram para minha outra mão que segurava a

maleta preta. Seu sorriso de satisfação mostrava que ele sabia do conteúdo dentro do objeto.

— Por favor, não precisamos de certas formalidades aqui, me chame apenas de Jonas. Ninguém me chama de Rocha. Mesmo Jonas não sendo meu nome verdadeiro é assim que todos do nosso... círculo, vamos assim dizer, me conhecem — assenti.

— Este é meu irmão Stefano, foi ele que manteve contato com você e acertou os termos do acordo.

— É um prazer conhecê-lo também, Stefano — Jonas cumprimentou meu irmão.

— Vamos entrar, temos um negócio importante para fechar.

Entramos na casa que parecia ainda maior por dentro. A sala espaçosa continha grandes vasos de plantas nos cantos. O ambiente era preenchido por móveis rústicos e tapetes que pareciam artesanais, deixando o ambiente acolhedor.

No final do corredor, ainda no primeiro andar da casa, um dos seguranças de Jonas, que caminhava à nossa frente, abriu uma porta revelando um escritório, sinalizando em seguida para que entrássemos no cômodo.

— Sentem-se, por favor. — Jonas indicou duas cadeiras estofadas e dando a volta na escrivaninha, sentou-se em sua cadeira, diante de nós. Eu não precisava olhar para trás para saber que nossos soldados, Marino e Elio, estavam às nossas costas enquanto Carlo se mantinha ao lado da porta, de prontidão. Eles não tinham chegado ao posto de nossos seguranças particulares sem mérito.

— Pois bem, senhor Santoro — disse Jonas abrindo a gaveta ao lado da mesa e retirando de lá um envelope pardo. — Aqui estão os papéis com todos os detalhes, que cabem a vocês, sobre as entregas.

Stefano esticou o braço sobre a mesa para alcançar o envelope.

— Está tudo de acordo como o combinado — disse Stefano depois de algum tempo lendo os textos do documento.

— É verdade — confirmou Jonas. — O acordo é justo e vocês podem ter certeza de que todos os carregamentos chegarão na quantidade certa e no prazo estimado. Não me chamam de Jonas por acaso, se for

preciso recrutar uma baleia para cumprir com minha parte no acordo, farei isso.

— Acredito no que diz, sua fama se estende por toda Europa.

— Eu sou bom no que faço — disse sem modéstia.

— Aqui está parte do primeiro pagamento, como acordado anteriormente — falei abrindo a maleta que carregava e mostrando o conteúdo ao nosso fornecedor. Ele estendeu as mãos sobre a mesa para alcançar a maleta, fechando-a em seguida.

— Não vai conferir todas as notas? — perguntei.

— O senhor também tem uma boa fama, senhor Santoro. Não será necessário — disse parecendo satisfeito. Ele se levantou e Stefano e eu fizemos o mesmo. — Espero que este seja o início de uma bela parceria. — Estendeu a mão em minha direção e eu aceitei o cumprimento. — Vocês nos acompanharão no almoço? — perguntou animado. — Vamos, temos feijoada, um dos nossos melhores pratos, preparado pessoalmente pela minha maravilhosa esposa — disse entusiasmado. — Não façam essa desfeita — brincou.

Todos esperavam ansiosos pela minha resposta ao convite de Jonas.

— Aceitamos — declarei. Não que eu confiasse integralmente no homem à nossa frente, mas se fosse para ele nos matar, iria ser muito mais fácil usar os tantos homens a seu dispor em um ataque do que envenenar nossa comida.

Direcionamo-nos para a sala de jantar onde a esposa de Jonas o aguardava.

— Meu bem, estes são Lorenzo e Stefano Santoro, clientes muito estimados, eles se juntarão a nós no almoço. — Ele se aproximou dela dando um beijo em sua testa. Ela sorriu com o gesto.

— Muito prazer, senhores — ela disse. — Vou colocar mais dois pratos à mesa — falou antes de retirar-se.

— Ela é a melhor mulher que já conheci, por isso é mãe dos meus filhos. — Uma pontada de orgulho podia ser ouvida em sua voz. — É casado, Lorenzo? — Jonas me direcionou a pergunta.

— Não — respondi rapidamente.

— Eu sei que casamento para vocês é diferente, mas espero que tenha sorte como eu tive com a minha esposa.

Sabia que sua intenção não era me incomodar, mas pensar em Elena fez minha fome desaparecer no mesmo instante. Um minuto de interação entre um casal não era o bastante para julgar se estavam em sintonia ou não, contudo a cumplicidade e paixão que Jonas e sua esposa transmitiam um ao outro, era notável, nunca senti o mesmo ao lado de Elena por todos esses anos e esperava que isto não fosse um prenúncio do que estava por vir.



DOIS
AURORA

Abri o guarda-chuva para caminhar até o ponto de ônibus. Deixei o portão de casa apenas encostado, prevendo que meu pai não tinha a chave para abri-lo, assim ele ao menos podia se jogar bêbado na varanda, de novo.

Estava farta de me matar de trabalhar para vê-lo gastar o pouco que eu ganhava com bebidas. Ainda assim, aqui me encontrava eu, torcendo para a chuva ceder um pouco, pois o guarda-chuva que carregava não me protegia o tanto que era necessário.

Quando cheguei na esquina do ponto de ônibus, vi o transporte deixar o ponto após fechar a porta, passando por mim em seguida. Esbravejei fazendo sinal para ele parar, mas o ônibus seguiu reto. Retirei o celular do bolso e vi que o motorista estava cinco minutos adiantado. Que droga! Ia chegar atrasada no trabalho.

Uma notificação chegou no meu celular, abri a mensagem de minha tia Dora me desejando um bom dia. A única família que considerava era aquela senhora que morava na cidade de Amparo, a mais de cem quilômetros da capital de São Paulo, onde eu morava, infelizmente, devido à distância, não a visitava tanto quanto eu queria.

Respondi sua mensagem desejando a ela um bom dia também, e prometendo ir visitá-la no próximo mês.

Tia Dora se preocupava de verdade comigo e eu com ela. Há algum tempo, pedi que ela viesse morar conosco devido à sua idade já avançada, mas ela não aceitou. Primeiro, porque detestava meu pai, seu ex-cunhado, segundo, porque ela jamais ia deixar a cidade que vivia havia tanto tempo. E eu não a julgava, por nenhum dos motivos.

Desarmei o guarda-chuva após encontrar a cobertura do ponto de ônibus. A chuva não dava trégua, pelo contrário, parecia aumentar ainda mais. Assim que vi o ônibus da linha que ia me levar ao centro da cidade, acenei pedindo a parada para meu embarque.

As portas se abriram e entrei rapidamente no transporte, tentando não me molhar muito. Vi em seguida que o ônibus estava lotado, não havia nenhum assento vazio e até encontrar um lugar para me segurar se tornava um desafio.

As janelas estavam fechadas por causa da chuva deixando o local abafado, torcia mentalmente para chegar logo ao meu destino.

As portas se abriram no ponto mais próximo do meu trabalho, corri para fora, mas não vi o buraco coberto pela água da chuva e quase fui ao chão. Evitei a queda, contudo minha calça jeans não escapou ficando parcialmente encharcada e suja de lama. Dei um passo para fora da poça vendo a água verter do meu tênis.

— Que maravilha de dia! Esbravejei para ninguém em particular.

Chegando em frente à cafeteria onde trabalhava, dei a volta no estabelecimento para entrar pelo acesso de funcionários, nos fundos.

O ar de café fresco me recebe me fazendo sentir algo bom pela primeira vez no meu dia que começou caótico.

— Aurora, o que houve? — Erica, minha gerente, perguntou preocupada.

— Bom, para resumir — disse fechando a porta atrás de mim. — Perdi o ônibus quando o motorista passou mais cedo, peguei um outro depois, lotado, desci quase correndo do tal ônibus e não vi o buraco coberto pela água da chuva, consegui evitar de cair no chão, no meio da calçada, porém, fiquei nessas condições que você pode ver — disse apontando para meu corpo molhado e sujo.

— Você teve um começo de dia bastante agitado — ela quis falar seriamente, contudo notei que segurava o riso.

— Vou me trocar e em dez minutos estarei no saguão — anunciei.

— Você tem trinta minutos para tomar um banho quente, vestir sua calça de uniforme e avental, prender os cabelos novamente e assumir seu posto.

— Obrigada — agradeci sinceramente.

— O tempo está correndo — ela anunciou, e eu corri para o banheiro dos funcionários.

Tirei a roupa com pressa deixando-a em cima do vaso enquanto ligava o chuveiro. Entrei debaixo da água quente e deixei que ela recomeçasse meu dia.

Depois de terminar o banho, sequei meu corpo com uma toalha que eu mantinha em meu armário e tirei o uniforme de dentro da mochila dando graças por ter protegido a calça e o avental com uma sacola plástica, tendo assim uma roupa seca para vestir.

— Tenho esse par de sapatos que você pode usar, estavam no meu armário. — Erica me entregou um par de sandália Anabela quando fechei a porta do banheiro atrás de mim.

— Obrigada, de novo — disse sentindo-me grata por ter Erica como nossa gerente. Eu já havia tido outras duas experiências de trabalho até meus atuais vinte e dois anos, no entanto, haviam sido péssimas. Com chefes exploradores que não respeitavam nosso horário de trabalho e nem a nossa função. No meu último emprego, antes de sair, eu trabalhava por três, e até meu último dia, recebi por um.

Apesar do salário de atendente não ser muito, ainda era o bastante para eu pagar as contas e colocar comida na mesa. Não podia negar sentir alívio por não me preocupar com um aluguel já que meu pai tinha casa própria. Era uma casa de madeira, pequena e simples, mas era nossa.

Eu tinha esperança de que as coisas iam melhorar para nós quando eu conseguisse um emprego na minha área de graduação.



No final da tarde, meus pés doíam, mesmo com o baixo movimento devido à chuva, o que eu havia caminhado dentro da cafeteria, deixou meus pés latejando.

— Você anda meio devagar hoje — provocou Amanda, a outra atendente. A cafeteria não era muito grande, então nós duas conseguíamos dar conta do atendimento mesmo nos horários de pico. — Não faça corpo mole, não vou atender suas mesas.

— Eu não pedi que fizesse isso — respondi.

Virei-me para os fundos da cafeteria, onde minhas mesas ficavam e notei que alguém estendia a mão, chamando-me. Deixei Amanda sozinha e me encaminhei até a mesa.

— Olá, sejam bem-vindos — disse acostumada àquele anúncio padrão. — O que vão querer hoje? — Meus olhos estavam baixos, encarando o bloco de notas, pronta para anotar o pedido.

— O que nos recomenda, *signorina*[2]? — A voz grave com sotaque italiano me fez levantar a cabeça. Do outro lado da pequena mesa de madeira marrom, encarei os olhos mais verdes que eu já tinha visto. Eram quase hipnotizantes. Pensei ter esquecido como respirar até que outro homem, ao lado daquele que prendia a minha atenção, pigarreou.

— Temos bolos caseiros que acompanhados de café preto, são um excelente pedido, vão sentir-se tomando café da tarde na casa de uma avó.

Olhei para todos à minha frente. Eram cinco homens fortes. Bonitos. Dois deles, incluindo o que falava comigo, estavam sentados à mesa e os outros três se mantinham em pé, atrás. Entretanto, apesar da clara beleza de todos, nenhum era como o homem de olhos verdes.

— O bolo de milho é meu favorito — voltei a falar tentando me desvencilhar do efeito que parecia me prender a ele.

— Será bolo de milho, então. — Ele sorriu. Era um lindo sorriso. — Com café preto para todos. — Abaixei minha cabeça fazendo força para não mostrar um sorriso bobo ao encará-lo de novo. Eu já tinha visto muitos homens bonitos, contudo, nenhum havia me impactado como aquele. E não era pelo traje formal, apesar de ficar muito bem nele. Era a presença, como se preenchesse todo o ambiente.

— Anotado. Retorno em breve — anunciei.

Deixei a mesa com os homens ao fundo e me direcionei ao balcão para solicitar o pedido. Esperei ansiosa.

De longe, observei Amanda que flertava com um de nossos clientes assíduos. Todos nós já o conhecíamos, sabíamos que ele era casado, porque algumas vezes, a esposa o acompanhava. Amanda não parecia se importar com isso. Balancei a cabeça rejeitando a cena que assistia.

Assim que o pedido ficou pronto, voltei até a mesa que atendia, notando que os dois homens do grupo, que antes estavam em pé, agora estavam sentados na mesa ao lado. Eles mantinham o semblante sério, parecendo vigiar a porta e todos à nossa volta. Depositei as xícaras de café nas mesas, e em seguida, busquei os pratos com as fatias de bolo de milho, concluindo o serviço.

— Espero que gostem — disse após servir a todos.

— Tenho certeza de que nos fez uma excelente recomendação *signorina*...?

— Aurora — respondi rapidamente.

— Me chamo Lorenzo. — Senti meu coração palpitar, e sorri.

— Aurora? — Ouvi Amanda me chamar a poucos passos dali.

— Se precisarem de algo mais, é só me chamar — Lorenzo assentiu e eu me retirei.

— Quem são os bonitões, Aurora? — Amanda perguntou olhando por cima do meu ombro.

— São clientes — respondi.

— Isso eu sei! — disse com um sorriso debochado. — Mas tem algo a mais ali...

— Deixe-os em paz. Estão na minha área de atendimento

Amanda estreitou os olhos na minha direção e se aproximou ainda mais rompendo meu espaço pessoal.

— Não está interessada em nenhum deles, está? — Um sorriso maldoso brotou em seus lábios.

— Não seja ridícula.

— Cuidado, Aurora — falou em tom maldoso. — Estes são homens e não moleques. E provavelmente — ela disse se afastando um pouco e me olhando da cabeça aos pés —, só olhariam para você para se divertirem um pouco.

— Por que você não cuida da sua vida, Amanda? — perguntei tentando não perder a paciência com a minha colega de trabalho.

— Estou tentando te alertar apenas...

A porta da cafeteria se abriu e um cliente entrou sentando-se do outro lado, onde ficavam as mesas de Amanda.

— Tenho trabalho a fazer — disse antes de me deixar em paz.

Eu ainda estava de costas para as mesas dos meus últimos clientes, porém, sentia como se algo queimasse em minha direção. Respirei fundo para não me virar e encarar novamente aqueles olhos verdes.

Ouvi a porta se abrir novamente enxergando dois rostos familiares adentrarem o ambiente, me fazendo relaxar um pouco.

— Aurora. — Bruno sorriu ao me ver ao lado do balcão. Ele e seu irmão mais novo se sentaram ao redor de uma das minhas mesas. Aproximei-me de ambos. — Você sabe do que eu preciso? — Olhei seus cabelos cacheados molhados e sorri.

— Você se molhou um pouco, não foi? Quer uma toalha? Posso te emprestar a minha se me acompanhar até os fundos.

— Eu quero apenas um café quente e... — Passou os dedos nos cabelos molhados.

— Um pedaço de bolo de laranja — completei, já conhecendo meu antigo colega de classe. Estudamos os últimos anos juntos e depois que ele descobriu que eu trabalhava aqui, passou a frequentar o lugar se tornando um de nossos clientes assíduos.

— Viu como você sabe? — Ele riu me fazendo rir também.

— E para seu irmão? O que vai... — Antes de eu concluir a frase, aquela voz grave com sotaque italiano chamou pelo meu nome no fundo da cafeteria. Cada pelo do meu corpo se arrepiou no mesmo instante. Busquei o ar e virei-me lentamente em sua direção.

— Pode vir até aqui, por favor? — Lorenzo me chamou.

— Você o conhece? — Bruno me perguntou.

— Eu atendo vocês, já que Aurora está ocupada — Amanda quase gritou atravessando o salão.

— Não! — O homem de voz grave disse. Amanda se deteve no mesmo lugar. — Eu chamei pela *signorina* Aurora. — Seu tom não era de alguém que estava esclarecendo um equívoco. Era de alguém que dava uma ordem.

— Só um instante — falei ainda na mesa de Bruno. O olhar do homem pareceu queimar, mas assentiu em seguida.

— E não... — disse a Bruno. — Não o conheço.

— E para você, rapazinho? — perguntei ao irmão caçula de Bruno. — Não quero nada — ele respondeu tranquilamente.

— Comeu muito fast food antes de virmos aqui — Bruno comentou.

— E você não gosta de fast food?

— Prefiro o café daqui. — Ele sorriu novamente. Apesar de estar molhado da chuva, Bruno mantinha o bom humor.

— Ainda bem que o pequeno não se molhou — eu disse apontando para seu irmão que estava com as roupas secas.

— Ele me deu o guarda-chuva — falou o menino. Levei a mão ao peito, comovida.

— É um ótimo irmão, Bruno — declarei depositando a outra mão em seu ombro.

Alguém pigarreou no fundo da cafeteria e eu nem ao menos precisava me virar para saber de quem se tratava. O homem era lindo e com uma voz de abalar, porém, parecia não saber esperar.

Assim que deixei a mesa de Bruno e seu irmão, andei rapidamente até o balcão para fazer o pedido. Deixei a balconista providenciar o que fora

solicitado e rapidamente, estava de volta, entregando o café e o bolo de laranja ao meu antigo colega de escola.

— Aqui está — disse servindo Bruno que agradeceu com um sorriso.

Ao nosso lado, três dos homens que ocupavam as mesas do fundo, passaram pela porta deixando a cafeteria. Internamente, torci para que nenhum deles fosse Lorenzo

Andei até o fundo da cafeteria novamente e ao levantar os olhos, vi que ele me encarava. Lorenzo havia ficado, contudo, seu olhar já não parecia tão amistoso como antes.

— Em que posso ajudar? — perguntei buscando o bloco de notas e caneta no avental. O silêncio me fez encará-lo novamente. Ele parecia estar analisando-me.

— Mais café — respondeu apenas.

— Certo. — Aquela impaciência toda por mais uma xícara de café? Qual o nível de dependência de cafeína daquele homem? Segurei-me para não rir de meus pensamentos.

Andei até o balcão sentindo meus pés latejarem novamente. Quando retornei, Lorenzo havia aberto um notebook sobre a mesa e digitava freneticamente.

— Senhor — chamei. — Senhor — chamei novamente.

— Lorenzo — ele disse sem levantar os olhos que encaravam a tela à sua frente.

Abaixei a bandeja e deixei a xícara com o pires sobre a mesa. Antes da minha mão soltar o objeto, a mão dele se sobrepôs à minha, e ele finalmente levantou os olhos. Senti meu coração errar uma batida. Ele segurou meus dedos finos com sua mão grande.

Libertei-me apenas quando a voz de Amanda soou atrás de mim.

— Você terá que ficar com minhas mesas pelo resto da noite — ela anunciou. — Não estou bem e por isso, vou ao médico.

A mão de Lorenzo deixou a minha, encerrando nosso breve contato. Saí da mesa onde ele estava sem olhar para trás.

— Ele só quer te comer. Depois vai te descartar — ela falou baixinho quando passei ao seu lado.

Precisei ir ao banheiro por um instante e quando retornei, Bruno e seu irmão já tinham ido embora. As mesas de Amanda estavam vazias e naquele momento somente a mesa de Lorenzo continuava ocupada.

Mais algum tempo se passou até que Erica me chamou.

— Aurora, tudo bem se você fechar a cafeteria hoje? — ela perguntou. — Eu sei que faltam menos de trinta minutos para encerrarmos e se não tivéssemos mais ninguém, eu mesma fecharia, porém, meu filho não está bem em casa, preciso retornar imediatamente.

Às vezes eu fechava a cafeteria para Erica, ela pedia somente a mim este tipo de favor porque ela sabia que conferia tudo três vezes.

— Claro, eu fecho tudo.

Ela se despediu e saiu em direção aos fundos da cafeteria. A cozinha já havia fechado, então restávamos apenas eu, a balconista e a funcionária do caixa, contudo, eu sabia que logo estaria de fato sozinha com os dois últimos clientes. Logo que tiveram certeza de que Erica estava longe, Janete e Ana se aproximaram. Elas trabalhavam conosco há mais de seis meses, entraram no mesmo dia para a equipe.

— Tudo bem se nós... — Eu sabia que elas iam pedir para ir embora também. Quem não gostava de se livrar um pouco mais cedo do trabalho?

— Podem ir — eu disse, e elas sorriram. Em poucos passos as garotas já haviam desaparecido da cafeteria.

Assumi o posto de Janete atrás do balcão esperando os últimos minutos da cafeteria ainda aberta. O único som que eu ouvia era das teclas do notebook do Lorenzo.

Quando o relógio deu vinte horas, comemorei por meus pés castigados. Voltei até a mesa de Lorenzo que continuava concentrado.

— Precisamos fechar — disse a ele.

Ele olhou em seu relógio de pulso e pareceu assustar-se.

— Não vi que era tão tarde — Lorenzo se levantou e seu corpo roubou todo espaço à minha volta. Ele me encarou novamente. — Guarde tudo, Carlo — ordenou ao homem que se manteve ao seu lado e em silêncio todo o tempo em que esteve na cafeteria.

A chuva voltou a cair torrencialmente do lado de fora. Suspirei pensando no caminho de volta para casa.

— Podemos acertar a conta? — perguntou-me. Assenti.

Andei até o caixa onde Ana já havia deixado tudo encaminhado para o fechamento do dia, eu precisava apenas encerrar a conta de Lorenzo, o que fiz em seguida.

Os dois homens andaram até a porta, mas nenhum deles saiu do lugar.

Um carro preto enorme se aproximou e o outro homem se encaminhou até o veículo deixando Lorenzo para trás.

— Você precisa sair para eu trancar a porta de entrada — disse a ele.

— E você? — ele perguntou.

— Eu saio pelos fundos — respondi. — A cafeteria tem outro acesso.

— Está chovendo muito — ele comentou. — Eu te levo até sua casa.

— Não! — respondi imediatamente. Seu rosto pareceu não gostar de ouvir aquilo. — É muita gentileza — completei —, mas eu não o conheço. Não vou entrar com você em um carro — justifiquei.

— Me preocupa que saia daqui à noite e sozinha, ainda mais com essa chuva, porém, entendo seu temor. — O homem que o acompanhava voltou com o guarda-chuva e o guiou até o carro.

Seria mais confortável ir para casa de carro? Com certeza, mas eu não podia ser tão irresponsável assim. O homem era bonito, de tirar o fôlego, mas eu não fazia ideia de quem ele era.

Depois de conferir tudo dentro da cafeteria, e voltar a vestir a roupa ainda molhada com a qual eu havia chegado ao trabalho, fechei a porta dos fundos e andei até a rua.

Meu tênis ainda vertia água a cada passo que eu dava. Eu não tinha outro no momento, o que significava que eu teria que chegar em casa, lavá-lo, colocá-lo atrás da geladeira e esperar que ele secasse a tempo de ir trabalhar no outro dia. Era o melhor que eu podia fazer naquela situação.

O guarda-chuva era quase inútil naquele momento, devido ao vento e ao grande volume de água que caía.

A escuridão da noite tomava conta do ambiente já que vários postes da iluminação pública estavam com as luzes queimadas. Andei pela rua sentindo como se alguém estivesse à espreita. Aquela sensação me deixou em alerta. Observei ao redor, não parecia haver mais ninguém. Quase corri até o ponto de ônibus e me senti aliviada quando vi que não ia estar sozinha, pois um grupo pequeno de pessoas esperava o transporte.

Fui a última da fila para entrar no ônibus, segurei na porta e olhei mais uma vez para a noite escura. Era estranho, eu sentia como se alguém me observasse através daquela escuridão.

— Vai subir? — perguntou o motorista. Assenti e subi o degrau levando comigo aquela estranha sensação.



TRÊS
LORENZO

Nunca havia me impressionado com o rosto de uma mulher antes. Aurora tinha um olhar que era ao mesmo tempo doce e selvagem. Os cabelos dela estavam presos, mas dava para ver que eram compridos. Quando eu a vi, senti algo despertar. Algo que me assombrou e me fascinou ao mesmo tempo.

Ela chamava a atenção de qualquer um. Até daquele moleque que chegou depois e começou a sorrir para ela sem parar. Irritante para caralho!

Não era uma opção sair daquela cafeteria, eu necessitava estar perto dela. Aproveitei a desculpa de que precisava rever alguns documentos de transações recentes de nossas empresas, para passar as próximas horas no café. Também enviei um e-mail a Elena dizendo que todas as decisões a respeito do casamento poderiam ser tomadas por ela e não precisavam de minha autorização. Não aguentava mais suas ligações.

É claro que Stefano notou que minha decisão tinha mais a ver com a jovem de olhos castanho-claros do que com o conforto de trabalhar em uma cadeira dura de uma cafeteria próxima ao apartamento.

Ver Aurora trabalhando era uma distração para o que eu precisava fazer. Precisei fazer um esforço sobre-humano para não desviar os olhos da tela do notebook e seguir cada passo que ela dava ou vigiar cada palavra que saía de seus lábios carnudos.

Eu não queria outra xícara de café, mas tomaria um litro se isso fizesse com que ela permanecesse ocupada apenas comigo. Quando ela disse “Em que posso ajudar?” Precisei me segurar para não a puxar para meu colo e tomar aquela boca linda. Meu pau deu sinal de vida só de imaginar!

Entendi seu receio em não aceitar a carona de um estranho, mesmo assim, a segui me escondendo nas sombras até vê-la entrar no ônibus e depois, ordenei que Carlo seguisse o ônibus até vê-la descer e andar para sua casa. Ela morava em um lugar afastado e a casa que entrou após descer do transporte público e percorrer a pé, mais uma quadra, pareceu-me em péssimas condições.

Tive vontade de entrar e retirá-la daquele lugar, mas o que eu podia oferecer a ela neste momento?

Saí do elevador privativo entrando na sala do apartamento. Stefano terminava de fechar a camisa. Estava se preparando para sair.

— Finalmente — disse ele.

— Estava trabalhando.

— Estava vigiando a *bella ragazza* [3]— ele falou rindo. Mantive-me em silêncio. — Você estava mesmo, não estava? — Seu tom não era mais de brincadeira.

— Não é da sua conta — respondi ríspido. — Onde estão os outros soldados?

— No alojamento deles. Chamarei apenas um para me acompanhar.

Stefano se aproximou de mim me encarando seriamente.

— Não te digo isso como seu futuro *Consiglieri*, mas como seu irmão: se quiser se divertir um pouco antes do casamento, está entre os seus, vá em frente. Porém, lembre-se do seu compromisso com a ‘Ndrangheta. O casamento com Elena será em poucas semanas e nada poderá atrapalhar.

— Eu não sei por que você está falando essas coisas. Sei do meu dever. Eu estava trabalhando até agora — disse tentando controlar meu tom de voz para que Stefano não percebesse minha raiva súbita.

— Você sabe do que estou falando — ele retrucou com o olhar acusador que somente ele era capaz de me direcionar. — Eu vi como olhou para ela na cafeteria. Nunca vi você olhar para nenhuma outra daquele jeito. — Seu tom era de advertência. — Você será nosso líder. Sabe de suas obrigações. Não deixe que nada o desvie de seu caminho.

— Não deixarei.

— Certo. Vou até uma das boates de nosso novo parceiro de negócios. Coisa de primeira. — Sorriu, dissipando o clima de tensão anterior. — Quer me acompanhar?

— Não. Estou cansado.

— Estarei no telefone. Mantenha o seu ligado, não pode ignorar sua noiva para sempre.

— Pare de falar comigo como se fosse a porra do chefe — disse irritado. — Às vezes parece que você se esquece de sua posição na organização, e eu preciso lembrá-lo.

Stefano tirou o seu telefone do bolso e chamou Elio para acompanhá-lo. Eles andaram até a porta do elevador, porém, antes de sair ele se virou para trás.

— Nosso pai ligou, ele disse que está bem e que devemos resolver as coisas aqui sem pressa, mas sabemos que não é verdade.

Assenti sabendo do que ele estava falando. Nosso pai não andava bem de saúde ultimamente e o seu coração já não era mais o mesmo.

— Falou com Nicolau? — perguntei sobre nosso irmão mais novo antes de Stefano sair. Nico era nosso maior desafio dentro da família. Não lidava bem com as regras da ‘Ndrangheta e tentava viver sua vida como um playboy qualquer.

— Ele não atendeu o telefone em nenhuma das vezes que liguei — falou antes de entrar no elevador.

Dispensei Carlo que ainda se mantinha por perto. Não me preocupava em falar qualquer assunto ao seu lado, pois confiava nele como confiava em poucos.

Andei até meu quarto e depois de um banho demorado, desejei apenas dormir e esquecer a bela jovem da cafeteria, contudo, eu sabia que seria uma missão impossível antes mesmo de fechar os olhos.



Desci as escadas à procura de Stefano após me levantar. Não podia dizer que tive uma noite de sono tranquila, entretanto, estava habituado a noites maldormidas.

Na cozinha, encontrei Carlo tomando seu café da manhã. O soldado fez menção de se levantar, mas o detive fazendo um sinal com a mão. Não precisávamos manter tantas formalidades estando dentro de casa.

— Stefano? — perguntei servindo-me de uma xícara de café com leite.

— Ainda não retornou, senhor.

— É claro que não — resmunguei.

Liguei o celular para checar as mensagens. Stefano havia entrado em contato avisando que ia voltar antes do almoço, pois estava em melhor companhia.

— Os croissants acabaram, quer que eu desça e compre alguns na padaria aqui do lado? — ofereceu Carlo. Pensei um pouco em sua proposta. Eu não queria aquele café ou os croissants.

— Vamos até a cafeteria novamente. Levarei meu notebook, preciso responder alguns e-mails e aproveitaremos para tomar café lá mesmo.

Carlo assentiu sem questionar. Ele não era um soldado qualquer, além de ter a minha confiança, sabia manter a boca fechada.

Enviei uma mensagem a Stefano avisando que não ia estar em casa pelo resto do dia.

— Avise a Marino que sairemos e que fique à disposição de Stefano — ordenei. Carlo saiu da cozinha e retornou instantes depois.

Mesmo a cafeteria não sendo longe de nosso prédio, decidi ir de carro para evitar uma exposição maior. Chegando no estabelecimento, Carlo adentrou o estacionamento para clientes que não era muito espaçoso. Seguindo mais um dos protocolos de segurança esperei que ele descesse e observasse em volta antes de abrir a porta para que eu saísse do veículo.

Mesmo estando longe de alguns de nossos inimigos declarados não podíamos baixar a guarda.

Entramos na cafeteria que se mostrava mais movimentada do que no dia anterior, talvez a melhora no tempo houvesse colaborado para isso. Procurei a mesma mesa que ocupei e me direcionei até ela.

Sentei-me esperando que Aurora viesse nos atender.

— Sente-se também — ordenei a Carlo que se mantinha em pé ao meu lado. Ele puxou uma cadeira e acomodou-se.

Senti o ar mudar quando a vi depois que um pequeno grupo deixou o salão. Ela parou de andar de repente, seu corpo pareceu se tensionar levemente. Ela olhou em minha direção. Ela me enxergou da mesma maneira que havia feito um dia antes.

Os segundos que ela levou para cruzar o espaço que nos separavam pareceram durar uma eternidade.

— Eu acho que o senhor gostou da minha recomendação — ela disse sorrindo. Era um sorriso doce.

— Lorenzo — falei.

— Certo. — Ela deu um novo sorriso. — O mesmo de ontem, Lorenzo? — Meu nome pareceu dançar em sua boca. Não pude evitar de imaginá-la gemendo enquanto pronunciava meu nome. — Lorenzo? — ela repetiu tirando-me de meu devaneio.

— O mesmo, para nós dois — disse apontando para Carlo que se mantinha ao meu lado.

Eu a vi se afastando e no mesmo instante eu quis chamá-la de volta.

Aurora retornou com nossos pedidos ao mesmo tempo que eu retirava o notebook da pasta que carregava. Ela serviu os cafés, as fatias de bolo de milho e saiu em seguida.

Ao abrir a caixa de e-mail encontrei doze deles sendo de Elena, todos relacionados com o casamento. A merda do meu casamento. Apaguei os onze anteriores e respondi apenas o último “faça como você achar melhor, Elena”. Eu não entendia por que ela continuava me perturbando com assuntos que ela mesma podia resolver. Eu lhe havia dado toda liberdade para fazer como quisesse.

Ouvi uma risada que me fez levantar os olhos da tela do notebook na mesma hora. Era de um outro cliente que mostrava os dentes para Aurora. Ela era muito gentil com todos que atendia. Uma sensação estranha me atingiu ao vê-la sorrir de volta para outro homem.

Tentei concentrar-me nos e-mails à minha frente que precisavam de uma resposta, mas meus olhos se desviavam constantemente à procura da jovem de cabelos loiro-escuros e ondulados. Parecia ser mais forte do que eu.

Forcei a olhar para a tela, eu precisava me concentrar mais.



Dois pratos com sanduíches foram colocados à minha frente, acompanhados de dois copos de suco de laranja.

— É o mais próximo que temos de um almoço aqui — disse Aurora.

Olhei para o relógio da tela do notebook. Passava das treze horas. Estalei o pescoço.

— Obrigado por isso — agradeci afastando o computador e aproximando o prato.

Eu não sabia o que estava fazendo, mas eu me recusava a sair dali. Eu me recusava a me afastar de Aurora.



QUATRO
AURORA

Eu tentava evitar olhar para o fundo da cafeteria onde eu sabia que ele estava. Era como se eu precisasse a todo momento comprovar que ele não havia desaparecido.

— Assim que ele conseguir, vai te chutar para bem longe — disse Amanda ao meu lado apontando com a cabeça para o fundo da cafeteria.

— Por que isso é tão importante para você? — perguntei tentando controlar o tom irritado em minha voz.

— Não é — ela respondeu com deboche —, mas estou te avisando para que não faça papel de boba.

— Você está é com inveja — falei quase sussurrando, tentando não chamar atenção.

— De você? — Ela riu baixo. — Não seja patética.

— Me deixe em paz, Amanda. Dispenso seus conselhos.

Saí de perto da minha colega de trabalho antes que eu não conseguisse mais controlar meu tom de voz e gritasse o que eu realmente pensava dela.

Deixei o salão apenas para ir até o banheiro dos funcionários e me detive no retorno ao encontrar Erica no corredor.

— Aconteceu algo? — perguntei à minha gerente que parecia aflita, encarando a tela de seu celular.

— Meu filho não está bem novamente — revelou, preocupada.

— Por que não vai para casa, cuidar dele?

— Ainda faltam duas horas para fechar.

— Eu posso cuidar de tudo por duas horas. — Pisquei para ela.

— Tem certeza?

— É claro! — afirmei. — Vá cuidar de seu filho. Eu ainda estou com a cópia da chave.

O abraço forte de Erica me pegou de surpresa.

— Tire o dia de folga amanhã — ela disse antes de sair juntando sua bolsa.

— Vou aceitar essa oferta. Obrigada.

Ao retornar para o salão notei que Amanda me encarava de maneira nada amistosa. Eu não conseguia entender de onde vinha sua antipatia por mim.

O movimento costumava diminuir no decorrer da noite e hoje não estava sendo diferente. Quando faltavam trinta minutos para fecharmos as portas, as meninas vieram até mim, como faziam quando Erica nos deixava mais cedo.

— Podemos ir também? — Ana pediu baixinho.

Olhei ao nosso redor e vi que Lorenzo e seu amigo eram os únicos que ainda estavam no local. Não pude deixar de reparar que ele parecia cansado.

— Vão — disse.

— Se vai dispensar todos, não tenho por que ficar aqui — falou Amanda saindo do salão junto com as meninas.

Comecei a limpar as mesas acompanhando os minutos finais do expediente.

— Eu preciso fechar — disse a Lorenzo.

— Terminei — ele anunciou fechando o notebook. Seu corpo grande cobriu o meu assim que ele se levantou à minha frente. Senti sua presença preencher o ambiente.

Virei-me de costas tentando evitar seu olhar que me dominava. Caminhei até o caixa sabendo que ele me seguia logo atrás.

Como na outra noite, assim que ele fez o pagamento da conta, fechei o caixa.

Vi quando os dois homens saíram pela porta da frente e apressei-me em fechá-la. Parte de mim estava cansada pelo dia de trabalho, mas outra parte, queria que aquela noite não terminasse ainda.

Tranquei a porta dos fundos da cafeteria e me encaminhei para a rua.

— Posso te dar uma carona até sua casa? — Lorenzo perguntou saindo da sombra da noite no muro ao lado.

— Quer me matar? — disse levando a mão ao peito, tomada pelo susto.

— Eu jamais a machucaria — ele declarou parecendo ofendido pelo que eu havia dito.

— De susto — expliquei. — Você me assustou — repeti.

— Desculpe, Aurora. Não foi minha intenção — ele pareceu sincero.

— Agradeço a carona — disse. — Mas não posso aceitar.

— Prefere ir de ônibus? — ele indagou incrédulo.

— Prefiro — disse com firmeza.

Andei um passo à frente, mas me detive na sequência ao sentir sua mão segurar levemente meu punho.

— Posso acompanhá-la?

— Até o ponto de ônibus? — perguntei confusa. Ele confirmou com a cabeça.

Respirei fundo. Era noite, já estava escuro e eu não o conhecia, e mesmo assim, desejava sua companhia.

— Sim.

Andamos lado a lado na calçada. As luzes dos postes ainda estavam queimadas. Eu não podia ver seu rosto, mas tinha decorado cada

contorno em minha mente. Os olhos profundamente verdes, os cabelos de fios ondulados escuros e o nariz fino e comprido.

— Não deveria andar por essas ruas escuras sozinha. — Sua voz grave fazia minha imaginação ferver. Eu precisava admitir a mim mesma que desejava aquele homem desconhecido. Desejava-o desde o primeiro olhar que havíamos trocado.

Mas eu ainda não sabia como ia lidar com esse desejo. Eu não era como outras jovens que não viam problema em se deitar com homens desconhecidos apenas pelo prazer do momento. Eu queria me apaixonar, queria amar e ser amada e este homem, apesar de mexer com meus pensamentos e meu corpo, não parecia ser um homem que ia corresponder ao que eu almejava. Ele se parecia mais com aqueles que apenas se divertiam com jovens como eu, como Amanda havia dito.

— Não estou sozinha — falei tentando ignorar os pensamentos em minha cabeça.

— Não estou falando de hoje.

— Eu sei — disse. — Não tenho escolha, por enquanto.

Estava prestes a dar o primeiro passo para atravessar a rua quando o braço de Lorenzo enlaçou minha cintura e puxou-me de encontro ao seu corpo. Um carro passou ao nosso lado buzinando.

— Precisa prestar mais atenção — falou baixo, próximo ao meu ouvido. Eu devia ter esquecido como respirar porque o ar faltou aos meus pulmões naquele momento.

Com a mão livre, Lorenzo deslizou o polegar por minha bochecha até meus lábios, suavemente. Senti meu corpo estremecer por dentro. O telefone de Lorenzo tocou chamando nossa atenção.

Lorenzo buscou o telefone no bolso do casaco que vestia, mas manteve seu braço ao redor de minha cintura. Seu aperto era firme e ainda assim, agradável. Ele olhou a tela do aparelho para então, desligá-lo em seguida.

Seu braço deixou meu corpo para sua mão segurar a minha. Atravessamos a rua em silêncio até chegarmos ao ponto de ônibus.

— Almoce comigo amanhã. — Fui puxada para mais perto dele. Seu corpo cobriu o meu novamente. Ergui os meus olhos para encarar os seus.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— E por que não?

— Eu ainda não te conheço — falei me sentindo afetada por sua proximidade.

— Por isso o almoço.

— Não — consegui responder dando um passo para trás.

— Não? — ele parecia incrédulo.

— Nunca ouviu um “não” antes? — provoquei.

— Não — ele respondeu sério.

— Pois então, eu serei seu primeiro “não”.

Lorenzo diminuiu o espaço entre nós novamente.

— Aceite, *per favore*[4]. Quero muito te conhecer melhor, Aurora. — Suas mãos subiram, circulando meu pescoço e fazendo minha resistência se dissipar.

— Eu não devo — disse tentando manter minha decisão.

— E *perchè no*[5]? — sua voz me fazia resistir cada vez menos.

— Não acho que seja... — Antes que eu conseguisse formar um argumento que justificasse minha recusa, Lorenzo puxou meu corpo contra o seu. Seus lábios tomaram os meus em um beijo intenso. Sua língua explorava minha boca me deixando quase ser ar. Meu corpo amoleceu e permiti que ele me amparasse enquanto roubava o pouco juízo que me restava.

Quando nossas bocas se afastaram, seus olhos me encararam esperando uma resposta.

— Certo. Apenas um almoço — aceitei.

Avistei o ônibus da linha que eu aguardava vindo em nossa direção. Afastei-me dos braços de Lorenzo para acenar para o motorista.

— Eu posso te levar até sua casa. — Sua testa se encostou na minha.

— Te vejo amanhã. — Afastei-me novamente dando um passo em direção ao ônibus que parava ao nosso lado.

— Chegarei às onze da manhã para te buscar.

— Espera... você sabe onde eu moro? — Seu sorriso malicioso dizia que sim. A porta do ônibus se abriu e entrei, me afastando de Lorenzo e sua sombra, o homem que o acompanhava durante o tempo todo.

Eu devia ter dito não, eu devia me preocupar com o fato dele não ter meu número de telefone, mas saber onde eu morava e mesmo assim, eu só conseguia sentir o calor dos seus lábios nos meus e a ansiedade à espera do nosso próximo encontro.



CINCO
LORENZO

Às onze horas eu estava em frente à casa de Aurora, depois de ouvir uma nova advertência de Stefano antes de sair de casa. Ele estava me cansando com seus avisos sobre Aurora. Como se eu pudesse me esquecer de quem eu era.

O vidro escuro não permitia que ninguém de fora nos visse enquanto nós víamos tudo de dentro do veículo.

Observava impaciente o relógio em meu pulso e só me permiti acalmar quando enxerguei o objeto de meus desejos mais intensos atravessar a porta de sua casa e andar em direção ao pequeno portão.

Carlo saiu detrás do volante e circulou o carro para abrir a porta para Aurora. Ela parecia um pouco nervosa, mas sorriu e agradeceu a Carlo. Porra! Essa garota precisava mesmo sair distribuindo sorrisos a qualquer um?!

Ela se sentou ao meu lado no banco. Estava linda com um vestido claro que abraçava suas curvas.

— Tem algo de errado? — perguntou franzindo as sobrancelhas. — Com a minha roupa? — completou.

— *Sei bellissima* [6]— disse enlaçando sua cintura por trás e depositando um beijo no ombro descoberto. Sorri ao ver os pelos claros de seu braço se arrepiarem.

— Aonde vamos? — perguntou tentando manter a postura.

— A um restaurante que costumo visitar sempre que venho ao Brasil.

Aurora se ajeitou no banco passando a mão pelo vestido apressadamente.

— *Non c'è donna più bella di te* [7]— sussurrei em seu ouvido.

— Eu só entendi o bela — ela disse sem jeito.

— Não há mulher mais bonita do que você — repeti em sua língua. Aurora sorriu. Levantei minha outra mão e contornei seu sorriso com o polegar. — Gosto do seu sorriso — declarei.

Puxei Aurora pela cintura e a coloquei em meu colo. Eu queria ter feito isso desde o nosso primeiro encontro. Minha boca tomou a sua com urgência. Tudo em Aurora era doce. Minha língua experimentava sua boca quase com descontrole. Eu não sabia o que ela tinha, mas me deixava alucinado.

Meu braço que circulava sua cintura apertou sua pele e ansioso para explorá-la, subi a outra mão até um de seus seios, sentindo o bico endurecer sob meu toque. Aurora soltou um gemido baixo me fazendo desejar estar em um quarto a sós com ela, e antes que eu acabasse tomando seu corpo por inteiro dentro daquele carro, paramos no estacionamento do restaurante.

Aurora se afastou de meu colo arrumando sua roupa. Eu ia precisar de um pouco mais para disfarçar o volume nas calças.

— Você me enlouquece — disse acariciando seu rosto.

— Não posso dizer que tenho juízo quando estou com você. — Ela riu.

Quando minha ereção começou a ceder, saímos juntos do carro. Do lado de fora, entrelacei nossos dedos, surpreendendo Aurora.

Na recepção do restaurante, anunciei meu nome e a atendente localizou minha reserva. Eu já a tinha feito antes de conhecer Aurora,

contudo, na noite anterior, quando a convidei para estar comigo, me pareceu perfeito estar em sua companhia.

Eu conhecia bem o salão amplo, repleto de mesas redondas, decoradas com flores frescas que deviam ser nativas, mas Aurora parecia encantada ao observar cada detalhe.

Chegamos à mesa ao lado da janela com vista panorâmica da cidade. Não era tão diferente da vista do meu apartamento, contudo, Aurora pareceu apreciar.

O garçom se apresentou com o menu. Eu já sabia que ia pedir o mesmo prato de sempre, mas esperei que Aurora escolhesse o seu, no final, ela acabou optando pelo mesmo que eu. Pedi um vinho para acompanhar e enquanto esperávamos nossos pratos, nos servimos da bebida tinta.

— Ele vai ficar em pé atrás de você? — Aurora disse baixinho, se referindo a Carlo.

— Isso te incomoda?

— Ele é seu segurança pessoal?

— Algo assim.

— Por que você precisa de um segurança? — questionou. — Eu sei que a cidade é perigosa, mas...

— É apenas por precaução.

— O que você faz... digo... com o que você trabalha? — perguntou parecendo curiosa.

— Sou empresário. — Não era mentira. Eu era um empresário, além de chefe da ‘Ndrangheta.

— E sua empresa é do quê?

— Empresas — disse reforçando o plural.

— Certo — falou em tom neutro. — Empresas...

— Trabalhamos com importação e exportação. Também temos uma marca de roupa e calçados. Firma de advocacia e contabilidade.

— Certo. É melhor andar com um segurança mesmo. — Sorriu.

— E você, Aurora?

— Não tenho nenhuma empresa — disse tomando um gole do vinho. Eu ri, gostava da forma como sua companhia me fazia sentir leve. — Sou professora, mas no momento, atendente de cafeteria, como você sabe

— falou estendendo a mão em minha direção. — Ainda não consegui um emprego em minha área e o trabalho de atendente me permite pagar as contas.

— Gosta de ser professora?

— Adoro meus alunos, ao menos, os que conheci durante meus estágios.

— E você? Gosta do que faz?

— Eu não escolhi o que faço, mas gosto — disse a ela. Era a primeira pessoa que me perguntava se eu gostava do que fazia.

— Como assim?

— Nasci para liderar os negócios da família, muitas de minhas escolhas não foram feitas por mim.

— Nossa! — Ela pareceu absorver o que eu dizia. — Mas você é um homem adulto, tenho certeza de que se algum momento você não quiser mais estar à frente dos negócios da família, acharão outra pessoa que seja igualmente capacitada.

Sorri ao notar como ela via as coisas de forma leve e descomplicada, mas eu sabia da verdade. Eu nunca ia deixar os negócios da família, nem os legais e nem os da máfia. Essa era a minha vida e a única que eu ia ter.

Eu nunca havia tido um almoço tão comum e tão extraordinário ao mesmo tempo em minha vida. Sem assuntos específicos de trabalho ou mesmo qualquer preocupação que não fosse apenas o presente. Aurora era a representação de uma normalidade que eu jamais ia ter em minha vida e esse pensamento fez meu peito se apertar naquele instante.

— Vamos? — Enlacei a cintura de Aurora após acertar a conta do restaurante. Ela assentiu se aproximando ainda mais do meu corpo.

Dentro do carro, pedi que Aurora anotasse seu telefone no meu. Ela assim o fez e antes que nos déssemos conta, estávamos de volta à frente de sua casa.

Antes dela descer, puxei-a novamente pela cintura e beijei-a mais uma vez antes de deixá-la ir.

— Obrigada pelo almoço — disse quase sem fôlego ao afastar nossas bocas.

— Eu que agradeço a companhia. — Ela sorriu. — Este seu sorriso será minha perdição. — Ela sorriu ainda mais.

Eu não queria vê-la se afastar, eu não queria deixá-la naquele lugar. Eu sabia que era errado e ainda assim eu a desejava mais a cada palavra trocada, a cada toque, a cada beijo.

Carlo voltou a dirigir e perdido em meus pensamentos, não notei quando chegamos ao estacionamento do prédio.

Saí do veículo ainda sentindo a presença de Aurora. Seu cheiro permanecia em minhas narinas e seu gosto em minha boca. E eu queria mais, eu queria muito mais. Eu era um merda egoísta.

— Pensei que não voltaria mais hoje — disse Stefano ao me ver adentrar a sala do apartamento.

— Se eu não fosse voltar, avisaria, por segurança, não porque te devo explicações — falei exaltado e sem paciência.

— Estava com ela de novo? — questionou-me. Stefano atravessou a sala do apartamento ficando à minha frente.

— Carlo?

— Sim, senhor.

— Está dispensado por enquanto.

Carlo se retirou nos deixando a sós.

— Não me questione na frente dos soldados! Mesmo que seja na presença de Carlo — adverti.

— Eu não entendo por que está perdendo tanto tempo com essa garota — disse. — É só mais uma boceta — completou sem nenhum respeito. Eu não ia me importar se Stefano estivesse falando de qualquer outra mulher, mas meu sangue ferveu na mesma hora que ouvi aquelas palavras sendo direcionadas a Aurora.

Sem pensar, agarrei a lapela de seu paletó e girei seu corpo prensando-o contra a parede. Seus olhos se arregalaram em espanto.

— Não repita essa merda — alertei entredentes.

Suas mãos se levantaram em sinal de rendição e eu soltei sua roupa dando um passo atrás.

— Isso está saindo do controle — ele disse calmo. — Vamos retornar para a Calábria antes que uma merda aconteça.

— Retornaremos quando eu disser que temos que retornar.

Eu sabia que Stefano estava certo. Eu não estava agindo como o futuro *Capo Crimine* centrado que normalmente eu era e mesmo assim, tudo o que eu pensava era em voltar até a casa de Aurora para buscá-la e tê-la comigo mais um pouco, mesmo que aquilo não fosse certo.



SEIS
AURORA

— Onde você estava? — meu pai perguntou assim que cruzei a porta de entrada da casa.

— Estou de folga do trabalho hoje — disse. — Saí para almoçar — completei, antes de deixar a porta e andar em direção ao meu quarto.

— Você está se prostituindo agora, Aurora? — Detive-me no mesmo lugar.

— Não ouviu o que eu te respondi? — Eu estava ofendida, mas não surpresa.

— Acha que eu não vi o carrão que te deixou aí na frente? — cuspiu as palavras. — Eu não vou aceitar uma filha puta — ameaçou vindo até mim, parando na minha frente. Eu podia sentir o cheiro de álcool e cigarro barato escapar por seus poros fazendo meu estômago embrulhar.

— E vai fazer o quê? — desafiei, cansada. — Me colocar para fora de casa? E quem vai pagar as contas e colocar comida na mesa?

Meu corpo cambaleou para trás com o tapa que a sua mão podre acertou em meu rosto. Levei a mão à face não acreditando que ele havia

acabado de me bater. Aquele infeliz que eu chamava de pai, que vivia bêbado pelos cantos precisava mais de mim do que eu dele e mesmo assim ele se achou no direito de me bater porque eu disse a verdade.

— Cuidado com o que você fala. Eu ainda sou seu pai. — Eu estava em choque e não consegui reagir, nenhuma palavra saiu de minha boca.

Vi o homem se afastar e passar pela porta de entrada, batendo-a em seguida.

Sentindo o prazer de horas atrás me deixar trazendo uma onda de tristeza para ocupar o lugar, entrei em meu quarto, e tranquei a porta após passar por ela.

Busquei um pijama qualquer no guarda-roupa e coloquei o celular no modo silencioso. Deitei-me na minha cama de solteiro e fechei os olhos desejando apenas adormecer por algumas horas.

Era noite quando escutei três batidas rápidas e fortes na porta da entrada. Meu pai devia ter perdido a porcaria da chave de novo.

Levantei-me e esfreguei os olhos, suspirei, e então enrolei com os dedos meus cabelos longos fazendo um nó frouxo com os próprios fios.

Ouvi mais três batidas fortes, ele não parecia tão bêbado desta vez.

— Não pode arrebentar a porta todas as vezes que perde a chave — reclamei ao abrir, porém ao reconhecer a figura à minha frente, quis voltar correndo para dentro de casa. — O que... o que faz aqui? — perguntei a Lorenzo que me olhava da cabeça aos pés. Seu corpo se aproximou do meu, encobrindo-me.

— Vim buscá-la para jantar comigo em meu apartamento — disse simplesmente. Parecendo tranquilo, diferente do homem que havia quase arrebentado a porta, instantes antes.

— Você enlouqueceu? — perguntei seriamente. — Não pode aparecer assim na minha casa!

— Você não atendeu nenhuma das minhas ligações — respondeu como se justificasse.

— Meu celular está no silencioso desde que voltei do almoço que passei em sua companhia. — Apontei o dedo para seu peito.

— Não faça mais isso. Fiquei preocupado. — Seu semblante se tornou quase angustiado quando disse aquilo. Suas mãos grandes

circularam meu pescoço e ergueram meu queixo em seguida. Um beijo suave foi depositado em meus lábios e foi o bastante para eu não pensar em mais nada.

— Me espere no carro. Você não pode ficar aqui — disse ao me afastar. Seus olhos se estreitaram na minha direção.

— Você tem outro homem, Aurora? — Sua voz não era mais tranquila e amigável.

— Não — respondi quase rindo de sua súbita mudança de humor. — Meu pai pode voltar a qualquer momento e não quero ter problemas com ele.

— Não temo seu pai — Lorenzo retrucou.

— Eu não quero confusão, por favor, me espere no carro, do outro lado da rua — disse. Lorenzo assentiu, mesmo a contragosto.

Assim que ele saiu pela porta, a fechei novamente, disposta a tomar um banho rápido.

Apressada, escolhi um vestido de tecido leve. A noite estava fresca e eu adorava usar meus vestidos.

Peguei o celular debaixo do travesseiro e vi as mais de trinta ligações perdidas de Lorenzo. Balancei a cabeça achando aquilo uma loucura, contudo, nem um pouco disposta a desistir de sair com ele mais uma vez.

Pronta para me perder em seus braços sem pensar nas consequências de minhas escolhas, tranquei a casa e guardei a chave na bolsa antes de fechar o portão.

O segurança de Lorenzo me aguardava ao lado da porta do passageiro e abriu-a para mim quando me aproximei. Agradeci a gentileza e entrei no carro encontrando Lorenzo à minha espera.

Ele sorriu ao me ver e meu coração disparou. Eu devia me preocupar, mas ignorei qualquer sinal que pudesse me afastar do que eu começava a sentir em sua presença.

— Eu vou preparar um jantar delicioso para você, Aurora — ele declarou, feliz.

— Não espero nada menos depois dessa convocação — disse rindo.

Não demoramos a chegar na garagem do prédio onde o carro estacionou. A porta foi aberta e segui Lorenzo, deixando o carro.

Nós nos direcionamos ao elevador e antes que eu me desse conta, estava dentro da sala enorme no meio do apartamento de Lorenzo.

Era minimalista, amplo e algumas paredes eram pretas, assim como parte dos móveis. Andei diretamente até as janelas, a vista panorâmica era realmente bonita. As luzes rompiam a escuridão da noite embaixo de nós e as estrelas pintavam o céu.

Senti braços fortes que envolveram minha cintura e seu nariz se encaixou em meu pescoço fazendo meu corpo se arrepiar.

— Vou preparar nosso jantar, fique à vontade, Aurora. — Eu adorava ouvir meu nome saindo de seus lábios.

Fiquei algum tempo aproveitando a vista antes de andar até a cozinha que era um espaço aberto.

— O cheiro está maravilhoso — elogiei. Eu não havia comido mais nada desde o almoço e meu estômago começava a reclamar.

— Espere até provar. — Riu. Lorenzo parecia alguém mais leve e descontraído dentro de sua casa.

— Estamos a sós? — Seu olhar malicioso se voltou em minha direção me fazendo prender o ar.

— Ninguém nos incomodará — garantiu, sorrindo.

— Quer ajuda?

— Já estou concluindo aqui — disse. Sentei-me na banqueta ao redor da ilha no meio da cozinha e observei Lorenzo ir do fogão à pia, mexendo o molho de tomate e depositando alguns temperos frescos que tomaram conta do ambiente rapidamente.

Quando ele concluiu o jantar, serviu duas taças de vinho na ilha, colocando uma à minha frente e tomando outra. Em seguida, depositou um prato farto diante de mim, e ralou queijo por cima.

— Adoro espaguete à bolonhesa — disse observando o prato apetitoso. Lorenzo parou de ralar o queijo e encarou-me.

— *Tagliatelle al Ragù* — falou. — Esta é a mistura perfeita de molho de *ragù* e *tagliatelle* dourado fresco. Há essa pequena confusão

sobre o nome, mas posso apostar que nunca provou nenhuma massa tradicional tão saborosa.

— Isso eu que vou julgar e decidir — eu disse divertindo-me. Esperei que Lorenzo se sentasse ao meu lado. Ele tirou o celular do bolso, deixando-o ao lado de seu prato. O aparelho começou a tocar e Lorenzo o desligou no mesmo instante.

— Não quero que nada nos interrompa — esclareceu.

Vi como Lorenzo enrolava o macarrão no garfo e fiz o mesmo fechando os olhos e quase gemendo ao provar o prato preparado por ele.

Lorenzo sorriu satisfeito ao ver minha expressão.

— É boa — disse dando de ombros, após engolir a comida. Lorenzo gargalhou sabendo que eu havia adorado.

Jantamos em silêncio e pareceu-me perfeito. Eu nunca havia apreciado tanto um jantar a dois como aquele.

Depois de terminarmos, juntei a louça e comecei a lavar. Ele havia feito o jantar, não achei que devia ficar com a bagunça, mesmo imaginando que ele mesmo não ia fazer a tarefa, eu tinha a impressão de que aquele homem dificilmente fazia algo assim, que sempre tinha alguém para realizar o trabalho para ele.

Terminei a limpeza e sequei as mãos. Virei-me e encontrei Lorenzo encarando-me. Ele parecia quase melancólico, diferente do espírito leve que apresentou durante o preparo do jantar e de nossa refeição.

— Está tudo bem?

— Está. *Tutto è perfetto.*[8]

Ele caminhou até mim e seus braços circularam meu corpo me trazendo para perto dele. Minha cabeça pendeu para trás e seu nariz passeou pelo meu pescoço, absorvendo lentamente o cheiro de minha pele.

Lorenzo desceu com os braços até minhas pernas, abraçando-as, para em seguida me levantar em seu colo. Deixei que ele me levasse até um corredor e subisse as escadas me carregando. Chegamos a uma porta grande no piso superior do apartamento. Fiz menção de descer de seu colo, mas ele me apertou contra seu corpo negando com a cabeça. Sorri.

A porta foi aberta com a ponta do pé, e a luz acesa assim que adentramos. Lorenzo usou o peso de seu corpo para fechar a porta atrás de

nós. Era um quarto imenso, e a cama de casal no meio do ambiente, era maior do que as camas convencionais. A decoração não era diferente do que eu tinha visto no primeiro andar. Cores escuras predominavam no espaço. Não havia flores ou porta-retratos em nenhum local.

Meu corpo foi colocado sobre a cama e senti a maciez do tecido do lençol abaixo de mim. Lorenzo cobriu meu corpo com o seu e olhou em meus olhos, não era um olhar de desejo apenas, havia mais ali, algo que brigava dentro dele, entretanto ele não parecia disposto a compartilhar.

Levantei meus braços e circulei seu pescoço trazendo-o até mim. Seus olhos continuavam a me encarar. Quando seus lábios tocaram os meus, uma ferocidade tomou conta de nós dois.

Ambos nos entregamos ao desejo. Sua boca buscava a minha com desespero e eu me entregava a ele na mesma proporção.

Uma de suas mãos começou a passear por baixo do tecido do vestido que subiu até minha cintura. Minha pele se arrepiava com o contato do seu corpo no meu. Ele se aproximou ainda mais me fazendo sentir sua ereção pressionar o centro de minhas pernas que foram afastadas facilmente por seus joelhos.

Lorenzo deixou minha boca e desceu beijando meu pescoço até meus seios que foram logo descobertos.

Sua língua correu em volta do meu mamilo endurecido, fazendo meu corpo arquear buscando por mais.

Quando ele se afastou, senti vontade de puxá-lo novamente no mesmo instante. Lorenzo pegou a barra do meu vestido que se acumulava em minha cintura e puxou-o para cima, passando-o por minha cabeça e me livrando da peça.

Ele voltou a se aproximar e eu comecei a desabotoar a camisa azul-marinho que ele usava. A cada botão que eu abria, meus dedos pareciam tremer mais, ansiando por mais contato com sua pele.

Depois que abri sua camisa, Lorenzo se afastou e retirou o restante das roupas, a cueca boxer preta foi jogada ao chão juntamente com as calças. A luz do quarto me permitia admirar seu corpo grande e musculoso.

Quando retornou para a cama, Lorenzo retirou minha calcinha de renda branca lentamente, como se apreciasse a descoberta que fazia.

Senti minha respiração voltar quando seu corpo nu tocou o meu. Minhas mãos correram por suas costas descobrindo cada músculo de seu corpo.

Sua boca retornou aos meus seios, alternando entre um e outro. Ele apertava os pequenos montes com suas mãos grandes enquanto sua boca os devorava. Entre lambidas e pequenas mordidas, meu centro latejava, ansiando por alívio.

Sua ereção se esfregou em mim e senti meu corpo implorar por mais. A língua de Lorenzo deixou meus seios e desceu deixando um rastro até o meio de minhas pernas.

Senti um arrepio percorrer minha espinha quando sua língua quente saboreou minha intimidade.

Eu vibrava desejando cada vez mais. Agarrei os lençóis sob meus dedos no momento em que ele atacou meu clitóris. Sua boca me chupava com vontade à medida que sua língua contornava o meu ponto de prazer. Suas mãos circularam minha cintura, mantendo-me no mesmo lugar enquanto ele me devorava, me deixando enlouquecida.

Não segurei os gemidos que saíram de minha garganta enquanto sua língua me atacava.

Quando uma onda de prazer se espalhou pelo corpo, cravei as unhas nas costas de Lorenzo não me importando se podia cortá-lo.

Soltei seus ombros e deixei que meus braços descansassem ao redor de meu corpo, sentindo meu centro sensível e meu corpo aliviado.

Lorenzo levantou a cabeça entre as minhas pernas, sorrindo. Puxou-me me pela cintura e beijou-me levando o meu próprio gosto à minha boca. Excitada, correspondi ao beijo intenso.

Suas mãos voltaram a segurar firme em minha cintura. Ele voltou a esfregar sua ereção em meu centro mais uma vez, lambuzando-se do meu prazer.

Sua língua encontrou o contorno de meu pescoço saboreando minha pele até meus seios. Seus dentes morderam levemente o bico endurecido fazendo minhas costas se afastarem do colchão em direção ao seu corpo.

Senti a penetração forte, dura, me invadir. Deixei um gemido alto escapar.

— Lorenzo... — pronunciei seu nome em sussurro. Sua cabeça se levantou e seus olhos verdes se prenderam aos meus.

— Meu nome nunca soou tão bem quanto neste instante, *amore mio* [9]— Ele disse parecendo me observar em um estado de adoração que nunca havia sido direcionado a mim por ninguém antes.

— *Amore mio* — repeti contornando seus lábios com meu polegar.

Suas estocadas se tornaram mais... possessivas. A cada nova investida Lorenzo reivindicava meu corpo para si. Minhas mãos desceram por seus ombros largos e sem perceber eu arranhava suas costas na mesma intensidade que seu corpo tomava o meu.

Era uma mistura deliciosa de dor e prazer que eu experimentava. Um novo gemido, alto, saiu de minha garganta quando senti um novo orgasmo me dominar.

O ritmo intenso de nossos corpos fazia o suor brotar em nossa face e brilhar sob a luz da luminária.

Lorenzo voltou a beijar-me faminto até que seu corpo endureceu-se para se aliviar em seguida.

Ele enterrou sua cabeça em meu pescoço urrando enquanto se derramava dentro de mim. Em seguida, seu corpo pendeu para o lado e circulando minha cintura ele me segurou junto ao si.

Senti o sono se apossar de meu corpo e me deixei levar. Fechei os olhos e dormi nos braços de Lorenzo.



Algum tempo depois, saltei da cama ao ouvir alguém falando alto, em italiano, no andar debaixo. Tentei me desvencilhar dos braços de Lorenzo, mas seu aperto era firme.

— Lorenzo... —Ele não respondeu. — Lorenzo... — tentei de novo. Ele resmungou algo. — Lorenzo acorde — eu disse um pouco mais alto.

— O que aconteceu? — perguntou, sonolento. — Tem algo errado. Ouvi uma discussão lá embaixo. Passos soaram duros em nossa direção. Lorenzo saltou da cama apressadamente pegando uma arma na mesinha de cabeceira ao lado. — Se esconda no banheiro. Agora — ordenou.

Usei o lençol da cama para proteger meu corpo enquanto corria até onde ele havia indicado, deixando uma fresta da porta aberta. Ele vestiu a calça rapidamente e se posicionou atrás da porta.

— Lorenzo — ouvimos uma voz grave chamar do outro lado.

Pela fresta na porta do banheiro, vi Lorenzo deixar a arma de lado e abrir a porta, mantendo seu corpo bloqueando a passagem.

Não entendi o que diziam, pois falavam em italiano e meu conhecimento da língua não passava de algumas poucas palavras.

O outro homem parecia tentar controlar o tom de voz. Lorenzo voltou a falar e agir como o homem que apareceu na minha mesa da cafeteria: Monossilábico, distante, frio. Nem ao menos lembrava o homem que havia me buscado em casa e preparado um jantar para nós.

A voz de Lorenzo se alterou de repente, me preocupando. Abri um pouco mais a porta sem saber se devia sair dali e tentar acalmá-lo, afinal ele estava armado, não queria que fizesse algo impensado.

A abertura na porta foi suficiente para o homem na frente de Lorenzo, tendo a mesma altura e porte, me avistar. Reconheci seu rosto do primeiro dia na cafeteria. Sua expressão se fechou me deixando assustada. Eu senti que não era bem-vinda.

Saí do banheiro, ainda protegida pelo lençol, e juntei minhas roupas no chão vendo que os olhos do outro homem me vigiavam.

— Volte para a porra do banheiro e feche a porta! — ordenou Lorenzo virando-se para mim.

— Eu vou porque preciso me vestir — respondi ressentida, mostrando as peças de roupa nas mãos.

Voltei ao banheiro sentindo lágrimas se formarem em meus olhos, lutei para que nenhuma delas caísse. Eu não conseguia entender, ou ao menos, não queria admitir. Aquele homem discutindo com o outro há poucos metros não era o mesmo de horas atrás.

Limpei-me na pia com uma toalha que encontrei no armário, já que não havíamos tomado banho depois do sexo. Lavei o rosto e vesti minha

roupa novamente.

Ao sair do banheiro dei de cara com Lorenzo. Ele tinha colocado as calças e estava escorado na parede. Seu semblante era de derrota. A porta do quarto estava fechada e o outro homem havia ido embora.

Atravessei o quarto e ao encostar no trinco da porta, a mão de Lorenzo me deteve. Olhei para ele incrédula.

— Deixe-me ir — falei irritada.

— Desculpe por tudo isso.

— Eu preciso ir agora, Lorenzo — insisti.

— Eu levo você, não quero que saia a essa hora sozinha.

— Eu chamarei um táxi.

— De jeito nenhum — ele rebateu.

Respirei fundo tentando acalmar-me.

— Quem era aquele homem e por que vocês discutiam? — questionei virando-me para ele.

— É meu irmão, Stefano.

— E por que ele parecia estar tão bravo?

— Negócios — ele disse, mas não consegui captar verdade em seus olhos.

— Eu preciso mesmo ir — tornei a dizer. — Nunca dormi fora de casa e não quero problemas com meu pai.

— Entendo — ele acabou cedendo. — Mas Carlo a levará até sua casa. Não aceitarei nada diferente disso. Assenti não desejando prolongar o embate.

Atravessei a porta sendo seguida por Lorenzo, desci as escadas e ao encarar a saída, vi que o segurança que sempre acompanhava Lorenzo já me esperava ao lado do elevador privativo, segurando minha bolsa.

Senti-me sendo expulsa. Andei mais apressadamente e retirei, com brusquidão, minha bolsa das mãos do homem. Não voltei a olhar para trás como medo de bater em Lorenzo ou de chorar. Eu não sabia o que ia acontecer primeiro.

Descemos pelo elevador até a garagem. Carlo abriu a porta do carro da mesma maneira que tinha feito outras vezes. Manteve-se calado

durante todo o trajeto. Vi que ele olhava apenas para a frente e sentindo-me segura, deixei algumas lágrimas silenciosas rolarem.

Eu era uma mistura de sentimentos que não conseguia entender. Uma hora me sentia feliz e adorada e na seguinte, uma tola, usada.

Desci do carro depois de Carlo estacionar em frente de minha casa e abrir a porta novamente. Agradeci e ele assentiu.

— Desculpe se fui estúpida ao retirar a bolsa de suas mãos daquele jeito. — Não quis ser grossa com você — disse.

— *Va tutto bene, signorina* [10]— falou em tom calmo. A voz dele não soava tão bem quanto a de Lorenzo. Segurei as novas lágrimas que se formaram.

— Adeus — disse ao homem, antes de virar-me e entrar em minha casa.

Ao abrir a porta, notei que meu pai ainda não havia voltado para casa, provavelmente estava bebendo em algum bar sujo da redondeza.

Suspirei.

Joguei minha bolsa na cama e busquei um pijama limpo para vestir após o banho. Em poucas horas eu devia voltar ao trabalho e apagar da memória o dia confuso que eu havia passado ao lado de Lorenzo.

Ia ser uma missão difícil já que meu corpo ainda sentia como se ele estivesse me tocando naquele momento, mas eu ia fazer o meu melhor para esquecê-lo.



SETE
LORENZO

— Você a deixou em casa? — perguntei a Carlo assim que saiu do elevador.

— Sim, senhor.

Ainda era de madrugada, mas depois da discussão com Stefano, eu não tinha cabeça para voltar a dormir.

— Ela estava... bem? — Eu não devia me preocupar, eu nem sequer devia me importar, porém vê-la saindo daquele jeito, havia acabado comigo.

— Ela chorou no carro — disse, fazendo algo dentro de mim, arrebentar. — Ela tentou disfarçar. Tenho certeza de que ela pensou que eu não estava vendo.

— Eu estou fazendo uma merda do caralho! — falei confessando mais a mim mesmo do que a ele. — Mas não consigo evitar. — Esfreguei o rosto com força como se pudesse colocar meus pensamentos em ordem novamente. Respirei fundo. — Pode ir descansar, Carlo. Chamarei se precisar.

Vi o soldado sair em silêncio deixando-me sozinho na sala do apartamento. Enchi uma taça do vinho, do mesmo que eu havia tomado no jantar com Aurora, lembrei-me da sua satisfação ao provar o prato que eu havia feito. Seu rosto se tornava iluminado quando ela estava feliz e meu coração se enchia de uma emoção, até então, desconhecida para mim. Eu sentia vontade, não, eu sentia uma necessidade de vê-la sorrindo novamente mesmo sabendo que logo eu ia ter que deixá-la para sempre para cumprir meu dever na ‘Ndrangheta.

O dia amanheceu e eu nem mesmo notei. Vi Stefano descer as escadas do piso superior de cabelo alinhado, bem-vestido, uma imagem contrária à minha. Desejei, por um instante, que ele fosse o herdeiro de nossa casa e eu estivesse livre para viver minha vida e fazer minhas escolhas, e eu, ia escolher Aurora.

Todas as vezes, se eu pudesse eu a escolheria.

Não importava o pouco tempo que eu a conhecia, era o bastante para saber que ela ia me marcar para sempre.

Stefano se sentou ao meu lado no sofá, retirou a taça de vinho vazia de minha mão.

— Desculpe ter me alterado — ele disse.

— Também não consegui manter-me calmo.

— Precisamos voltar. Você está se envolvendo emocionalmente com outra mulher. Isso não acabará bem já que você deve se casar em breve.

— Não estou pronto para partir ainda. Preciso de mais alguns dias — disse sinceramente.

— Quanto mais ficarmos, mais difícil será deixá-la.

Eu sabia que ele tinha razão e mesmo assim, não estava disposto a ouvi-lo. Eu não queria ouvir nada e nem ninguém que me afastasse de Aurora.

— Vou dormir um pouco — anunciei antes de deixar meu irmão e ir em direção ao meu quarto. Eu precisava de um banho e de algumas horas de sono.



Depois de dormir por várias horas seguidas, acordei e desci até a cozinha para comer algo. Alguém havia comprado bolo de milho e deixado sobre a mesa. Era quase uma provocação ver o bolo na minha frente.

Comi, mesmo sem apetite e depois, liguei o notebook para solucionar algumas pendências. Eu não pretendia voltar imediatamente, então precisava resolver algumas coisas ainda no Brasil.

Para meu pai eu disse, por e-mail, que tinha que concluir alguns assuntos relacionados aos nossos futuros empreendimentos legais no Brasil. Eu sabia que se ligasse para ele, não ia conseguir não me entregar, ninguém me conhecia tão bem quanto ele.

A noite chegou, e decidido a ir atrás de Aurora, chamei Carlo para me levar até ela. A situação com a Aurora não tinha futuro e ainda assim eu queria aproveitar o máximo de tempo que eu pudesse ao lado dela.

Estacionamos do outro lado da rua da cafeteria. Vi quando ela se despediu de uma mulher mais velha e seguiu na direção do ponto de ônibus, sozinha.

Atravessei a rua e em poucos passos estava ao seu lado. Aurora se assustou com minha aproximação detendo-se no mesmo lugar.

Ela estava embaixo da luz de um poste que piscava. Sua face parecia ainda mais bonita do que eu me lembrava.

Aproximei-me dela e envolvi meus braços ao redor de seu corpo tomando sua boca como se há muito tempo não tivesse tido uma dose dela.

Aurora me beijou com saudade também, senti pela maneira como ela me correspondia.

— Você não pode aparecer quando quiser desse jeito — disse sem fôlego ao afastar nossas bocas.

— Vem comigo, para minha casa — pedi colando nossas testas.

— Eu não acho que seja bem-vinda em sua casa — declarou com dor.

— Nunca mais diga isso — eu a repreendi. — Onde eu estiver, você será bem-vinda. — Seus olhos demonstravam incerteza. Beijei a ponta de seu nariz com delicadeza.

— Eu não entendo você, Lorenzo — queixou-se.

— Eu não posso revelar tudo a você, Aurora, mas tenha certeza: o que eu mais desejo neste momento, é estar com você.

Minhas mãos seguravam seu pescoço mantendo sua cabeça erguida e seus olhos presos aos meus.

— *Mi piaci molto, più di quanto dovrei* [11].

— Acho lindo quando você fala italiano para mim, mesmo quando não entendo. — Ela riu.

Tomei seus lábios em um beijo suave e cheio de promessas que eu nunca ia poder cumprir.

— Tá bem — ela concordou.

Meus dedos entrelaçaram os seus. Sua mão era pequena e delicada e eu adorava a sensação de tê-la atrelada à minha.

Ao voltarmos ao apartamento, dispensei Carlo para que Aurora ficasse mais à vontade. Ela se acomodou no sofá.

— Seu irmão está em casa? — perguntou sem jeito.

— Não. Ele vai passar a noite fora — disse depositando outro beijo na ponta de seu nariz pequeno e empinado. — Não precisa se preocupar com Stefano, ele jamais fará mal a você. Eu o mataria. — Ela me encarou. Sabia que ela não havia conseguido entender se eu brincava ou não.

— Eu não acho que ele vá me machucar — disse. — Acho que ele não gosta que eu esteja perto de você. E eu não gosto de estar onde não me desejam.

— Não se preocupe com Stefano, está bem?

Servi a ela uma taça de vinho. Aurora tomou um gole e depois a colocou na mesinha de centro.

Sentei-me ao seu lado e puxei seu pequeno corpo ao meu colo, meu pau despertou ao sentir sua bunda se encaixar perfeitamente.

Afastei seus cabelos presos para o lado e beijei seu pescoço vendo seus pelos se arrepiarem na mesma hora. Sorri beijando sua pele. Eu adorava ver como ela reagia facilmente ao meu toque.

Aurora se virou de repente e sentou-se no meu colo, de frente para mim. E porra! Era uma visão dos céus. O seu corpo era magro, mas com curvas.

Tracei os dedos na borda do tecido da camiseta preta, extremamente justa, que cobria seus seios, descobrindo sua pele.

— Você trabalhou usando isto? — perguntei apontando para o decote, não conseguindo evitar uma careta.

— Sim — respondeu com um sorriso nos lábios.

— Afaste-se um pouco — pedi. Ela ficou em dúvida, mas obedeceu. Ainda sentada sobre o sofá. — Agora se abaixe como se estivesse servindo uma das mesas. — Ela começou a rir. A safada estava achando graça. — Abaixe-se, Aurora — repeti. — Ela se abaixou e pude ver tudo o que a camiseta devia cobrir.

Voltei a aproximar-me dela e sobrepondo meu corpo ao seu, rasguei o tecido da camiseta, despindo Aurora e garantindo que ela nunca mais usar aquela peça.

— Ficou maluco? — Aurora gritou comigo, indignada. — Eu preciso dela para voltar para casa. Ou prefere que ande apenas de sutiã pela rua?

Tomei seus lábios com intensidade, mas Aurora resistiu aos meus avanços. Afastei-me para encará-la. Ela estava furiosa.

— Não precisa usar uma roupa que mostra seus peitos quando serve mesas, você é uma atendente de cafeteria e não uma stripper.

— Eu uso um avental por cima da blusa. Idiota — ela disse com raiva. — Não dá para ver nada com o uniforme. E mesmo se desse, não seria da sua conta.

Aurora juntou a roupa rasgada fazendo menção de levantar-se. Segurei em sua cintura, mantendo-a no mesmo lugar.

— *Perdonami, amore mio* [12]— disse sinceramente. — *Penso che sto impazzendo* [13]. — Senti o corpo de Aurora ceder.

— O que isso quer dizer? — perguntou, olhando em meus olhos.

— Acho que estou enlouquecendo. Não me reconheço quando se trata de você — confessei sentindo meu peito doer ao pronunciar aquelas palavras e tentando ignorar o fato de que era a segunda vez que eu a chamava de meu amor.

Seus braços finos circularam meu pescoço colando nossas bocas que se buscaram mutuamente. Subi a saia de Aurora até sua cintura e soltei o meu cinto, abaixando minha calça o suficiente para liberar meu pau, assim que o fiz, Aurora se sentou em mim me fazendo preenchê-la de uma única vez.

Sua boceta apertada e molhada deslizou por toda minha extensão. Aurora cavalgava em meu colo subindo e descendo, me deixando cada vez mais louco.

Afastei seu sutiã para baixo, liberando seu seio, devorei um e depois o outro, fazendo Aurora ora se afastar, ora colar seu corpo ao meu.

Mantive uma das mãos em sua cintura à proporção que a outra se mantinha ocupada, circulando seu clitóris. As pernas de Aurora se apertaram em volta de minha cintura, ela estava prestes a gozar. Sua boca desceu até meu pescoço e ali ela deixou uma mordida enquanto se libertava em meu pau.

Era lindo vê-la completamente entregue. Aurora deixou sua cabeça descansar em meu ombro, onde a pele queimava devido à mordida recente.

Depois que sua respiração normalizou, arranquei as calças com a cueca, jogando as peças ao chão e deitei o corpo de Aurora no sofá.

Antes de voltar a penetrá-la, Aurora rasgou os botões de minha camisa abrindo-a.

— É justo, já que você rasgou a minha — disse sorrindo. Qualquer coisa que ela me pedisse com aquele sorriso, eu ia fazer. Eu estava me tornando prisioneiro de Aurora e não me importava.

Voltei a beijá-la e a masturbá-la com a ponta do meu pau, por mais que eu desejasse consumi-la inteiramente naquele exato momento, eu também queria vê-la chegando ao ápice mais uma vez.

Esfreguei meu pau subindo e descendo por toda sua boceta melada e circulando o clitóris em seguida, seu corpo reagia arqueando. Ela não demorou a gemer alto mais uma vez quando chegou novamente ao orgasmo.

— Lorenzo... — Cada vez que ela pronunciava meu nome entregue daquele jeito, algo primitivo despertava dentro de mim. Um tesão louco tomava conta do meu corpo e mal conseguia pensar.

Com um beijo intenso em seu pescoço, marquei sua pele quando ela sussurrou meu nome mais uma vez. Aquilo sumiria em poucos dias, bem diferente do que eu sentia que acontecia dentro de mim.

Penetrei-a até o fundo sentindo suas pernas se enlaçarem em minha cintura. Meu pau era sugado por sua boceta gulosa. Era como se eles soubessem a quem pertenciam.

Estoquei várias vezes sentindo o orgasmo se aproximar. Minha cabeça pendeu para trás enquanto minha porra era esguichada dentro de Aurora mais uma vez.

Eu não conseguia não pensar no quanto meu corpo reconhecia o seu. No quanto eu a desejava cada vez mais que a tocava, e no quanto isso era perigoso para nós dois.

Juntei nossas roupas em um canto, depois eu ia buscar nossas vestes, ou o que havia sobrado delas.

Subi com Aurora no colo mais um vez. Era a visão mais perfeita: completamente nua em meus braços. Entregue.

Chegamos ao meu quarto e a levei diretamente até o banheiro para tomarmos um banho juntos.

Liguei o chuveiro e deixei que a água lavasse nossos corpos suados.

Peguei o sabonete limpando Aurora, contornando cada curva e deixando que ela fizesse o mesmo comigo.

Eu nunca havia deixado alguém se aproximar tanto de mim, logo ela, que era proibida para mim. Alguém que eu tanto desejava e que jamais ia poder ter.

Depois do banho, nos secamos. Enrolei uma toalha no corpo de Aurora e uma outra em volta de minha cintura.

— Vou buscar suas coisas, retorno logo — disse deixando um beijo suave em seus lábios.

Desci as escadas rapidamente catando logo as coisas de Aurora e minhas roupas no chão da sala, e ao retornar, senti o ar ser roubado de mim.

Aurora segurava meu celular que tocava mostrando a foto e o nome de Elena.

Sem pensar, tomei o celular de suas mãos, desligando o aparelho em seguida.

— Você não deveria atender? — disse com amargor. — Ela está ligando incessantemente, deve ser importante.

Andei até ela que ainda estava de toalha.

— Neste momento, nada e nem ninguém é mais importante do que você, Aurora — Não era mentira. Naquele momento nada mais importava, além da mulher que estava à minha frente.

Deixei minha toalha cair no chão e retirei a que cobria o corpo dela. Peguei-a no colo novamente e a levei até a cama. Aurora segurou fortemente em meu pescoço deixando a cabeça repousar em meu peito até que suas costas sentissem o tecido sob a pele nua.

Admirei-a da cabeça aos pés. Ela era mais que perfeita.

Beijei sua barriga descendo até o centro de suas pernas. Aurora as abriu para mim e eu a saboreei mais uma vez. Eu nunca ia me esquecer de seu gosto ou seu cheiro.

Aurora ia ficar marcada sob minha pele como uma tatuagem impossível de ser removida, para sempre. Eu sabia disso.



OITO
LORENZO

Aurora ainda estava em meus braços quando acordei pela manhã com o sol invadindo o quarto pela fresta na cortina escura.

Seus cabelos claros e ondulados se espalhavam por meu peito e um medo repentino de ter que deixá-la me fez ter a sensação de algo prestes a sufocar-me.

Sentindo-me angustiado, levantei a cabeça de Aurora com cuidado e a coloquei no travesseiro ao lado. Uma necessidade súbita de memorizar cada traço de seu rosto me atingiu.

Busquei o celular na mesa ao lado da cama e liguei o aparelho, ignorando todas as notificações, abri a câmera e tirei uma única foto de Aurora deitada em minha cama, dormindo tranquilamente, a imagem mais linda que eu já tinha visto.

Procurei minha calça pelo chão do quarto e a vesti rapidamente. Parte de mim queria estar ao lado daquela mulher, esquecer todo o resto e a outra parte acusava-me de ser um canalha mentiroso.

Desci as escadas encontrando Stefano e Carlo na cozinha tomando café da manhã. Meu irmão colocou sua xícara de café com leite à sua frente

e encarou-me.

— Achei que não fosse deixar o quarto — seu tom era neutro, mas eu sabia que havia uma acusação em sua fala.

Andei até o armário e busquei uma xícara para servir-me. No fogão, de costas para Stefano, preparei-me para colocar o leite, sem notar que o cabo da caneca onde o líquido quente havia sido fervido, estava quente.

Minha pele grudou no cabo da caneca de leite e tentando livrar-me da queimadura, joguei-a no chão, fazendo Carlo que estava perto, saltar para longe. O barulho do objeto se chocando contra o chão ecoou pelo apartamento.

— Porra! — esbravejei. — Essa merda do caralho! — Eu estava mais irritado com meus próprios pensamentos do que com uma merda de queimadura.

— Você já foi mais cuidadoso com o que fazia, irmão — disse Stefano.

— Não enche, porra! — gritei. — Carlo, nos dê licença.

O soldado saiu logo em seguida.

— Você precisa parar de me pressionar — falei entredentes, colocando a mão queimada debaixo da água fria na torneira da pia.

— Marque a viagem de volta para casa e eu me calo — argumentou.

— Que inferno! Eu disse que voltaremos em breve!

— Você está envolvido com a ragazza[14]. Eu estou vendo, irmão.

— Você não sabe o que diz — rebati. — Estou apenas me divertindo. Você mesmo me aconselhou a isso, lembra-se? Ela não significa nada. Ainda voltarei para a Calábria, me casarei com Elena e assumirei o lugar de nosso pai como *Capo Crimine* na ‘Ndrangheta.

Parte do que eu disse era verdade, mas parte era uma mentira que eu esperava que Stefano acreditasse para me deixar em paz de uma vez por todas.

Ouvimos o som de algo caindo contra o piso e ambos olhamos na direção da escada. Aurora se abaixava para recolher o celular que havia

derrubado. Afastei-me da pia e corri em sua direção, mas fui impedido de tocá-la assim que ela se levantou, guardando o aparelho em sua bolsa.

Aurora estava linda para cacete! Usando minha camisa preta amarrada em sua cintura, a mesma que ela tinha rasgado os botões.

— Quem é você? — disse com uma das mãos estendida à sua frente, mantendo uma distância entre nós. — *Capo Crimine, 'Ndran...* sei lá. O que isso tudo quer dizer? — Sua face denotava confusão.

— Eu preciso que prometa, Aurora, que nunca revelará o que você ouviu aqui para ninguém, sob nenhuma circunstância — Meu tom não era de ameaça, e sim de alerta.

— Você irá se casar? — Sua pergunta era direta. Seus olhos marejaram, eu senti sua dor. Olhei para trás e vi Stefano me encarando de braços cruzados, ele não era meu irmão naquele momento, e sim meu futuro braço direito na "Ndrangheta.

— Sim — respondi firme.

— Isso foi algum tipo de despedida de solteiro?

Uma lágrima desceu marcando seu rosto. Levantei minha mão desejando secá-la, mas desisti no meio do caminho.

— Precisamos conversar, em outro momento.

— Não — ela disse. Aurora passou por mim andando firme até a porta do elevador privativo.

— Aurora — chamei seu nome assim que ela acionou o botão chamando o elevador para descer até o térreo. Ela se deteve no mesmo lugar. — Eu mandarei um... anticoncepcional de emergência até sua casa.

Ela se virou em minha direção me permitindo ver uma mistura de dor e raiva em seus olhos.

— Uma pílula do dia seguinte? Não se dê ao trabalho — disse. — Eu sou estéril.

A porta se abriu e ela entrou sem me encarar novamente.

Olhei para meu irmão, ainda em pé, que assistiu a toda cena de braços cruzados.

— Está feliz? — disse com raiva.

— Não — respondeu sinceramente.

— Não era o que você queria? — ironizei.

— Eu quero sua felicidade, meu irmão — disse tranquilamente. — Mas a ‘Ndrangheta vem antes disso.

— Não quero me casar no próximo mês — confessei. — Não quero Elena como esposa.

— Não é sobre o que você quer. É sobre o que você precisa fazer — Stefano rebateu.

— E se eu abdicar do cargo? — Eu nunca havia cogitado tal coisa, mas perder Aurora para sempre me assustava para caralho.

— Perdeu o juízo? — meu irmão quase gritou. — Você não pode ser tão egoísta assim, Lorenzo.

— Egoísta? É da porra da minha vida que estamos falando!

— Não. Não é! Você pertence a ‘Ndrangheta desde sua iniciação quando chegou à maioridade. Você nasceu dentro da *famiglia*[15], mas escolheu por livre vontade fazer parte da organização.

Andei até o sofá e sentei-me sentindo meus músculos doerem.

— Você sabe que não seria o único afetado. Você seria exilado da *famiglia* e eu, nosso pai, e nosso irmão seríamos desmoralizados perante toda organização. Você destruiria a todos nós por causa de uma *ragazza* que conheceu há poucos dias?

Meu irmão me encarou. Eu sabia que ele estava certo em cada palavra do que dizia, minha mente sabia, mas meu coração gritava o contrário.

— Você precisa encarar os fatos: precisamos voltar para Calábria, para nossas vidas. Você tem um cargo e uma noiva à sua espera — Seu tom agora era de pesar. Era meu irmão falando.

Eu sabia, eu sabia desde o começo e mesmo assim me parecia tão certo estar com Aurora. Eu a tinha visto deixar-me com raiva e dor e mesmo sabendo quem eu era, tudo o que eu mais queria era correr atrás dela e desfazer qualquer mágoa que eu havia causado a ela.



NOVE
AURORA

Eu nem me lembrava de como havia chegado em casa. Saí do apartamento de Lorenzo sentindo o peso de suas palavras arrastarem-me para baixo, fazendo meu corpo pesar.

Ao abrir a porta, dei graças por não ver meu pai em casa, era melhor assim. Se ele me visse chegar em casa a essa hora, não sabia o que ia fazer.

Busquei uma roupa limpa no guarda-roupa e me direcionei ao banheiro. Eu precisava tomar um banho rapidamente para pegar o próximo ônibus e chegar no trabalho com o mínimo de atraso possível.

Eu queria deixar minha cabeça ser lavada pela água quente enquanto as lágrimas de decepção escorriam, mas não tinha tempo para isso. Eu precisava trabalhar, colocar comida na mesa, pagar as contas. Ia deixar para chorar em outro momento.

Eu me odiava por estar sentindo-me decepcionada e magoada. Eu havia acabado de conhecer aquele italiano filho da puta, como ele ia poder causar um estrago tão grande no meu coração em tão pouco tempo?

Eu ia esquecê-lo, disse a mim mesma enquanto vestia uma roupa limpa e prendia meus cabelos em frente ao espelho de meu quarto. Eu nunca mais ia pensar em Lorenzo.

Ao chegar na cafeteria, entrei às pressas em direção à sala dos funcionários onde nossos armários ficavam. No banheiro, vesti o uniforme rapidamente.

Abri a porta dando de cara com Erica.

— Que susto! — disse levando a mão ao peito.

— Desculpe. — Ela riu. Mas o riso se desfez logo em seguida. — Está tudo bem? — perguntou-me preocupada.

— Sim — disse, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Certo. Se precisar conversar, pode contar comigo — falou prestativa. Assenti agradecendo e tentando segurar novas lágrimas ao mesmo tempo.

Andei até o salão para verificar minhas mesas. A mesa dos fundos, ocupada por Lorenzo nos últimos dias, estava vazia, meu coração tolo se entristeceu ainda mais.

Na hora do almoço, fui até o armário para verificar meu celular, eu nunca ficava com o aparelho durante o trabalho. Abri a pequena porta de metal cinza retirando minha bolsa de dentro. Meu celular vibrava mostrando o nome de Lorenzo na tela. Rejeitei a ligação no mesmo instante.

Havia dezenas de mensagens de Lorenzo pedindo para conversarmos. Apaguei todas. Eu já estava sofrendo o bastante. De que ia adiantar vê-lo mais uma ou duas vezes quando ele havia declarado mais cedo, em sua casa, que eu não significava nada e que ia se casar com a tal Elena.

Eu não ia aceitar ser a outra. Que se casassem e que fossem muito infelizes juntos.

Joguei o aparelho desligado dentro da bolsa e fechei o armário novamente. Arrastei-me até o chão, sentando-me no piso frio.

As palavras de Lorenzo dançavam em minha mente como se rissem de mim a todo instante. Gargalhadas, lembrando-me do quanto tola eu havia sido.

Um riso frouxo, saiu de meus lábios ao me lembrar da mentira que eu havia contado mais cedo. Eu não era estéril, mas imaginar um de seus seguranças indo até minha casa com uma pílula do dia seguinte, fez meu sangue ferver de raiva.

Mesmo as chances sendo mínimas já que tivemos apenas três relações, eu mesma ia comprar uma.

Levantei-me do chão sentindo o corpo ainda pesado.

— Aurora — escutei a voz de Erica me chamar antes que eu deixasse o local.

— Sim — respondi, virando-me na sua direção.

— Meu filho está doente novamente, fico até sem graça de te pedir isso, ainda estamos no meio do dia, mas pode me cobrir hoje? De novo?

Eu estava prestes a dizer que precisava resolver algo urgente, mas Erica correu até mim e me abraçou agradecendo tantas vezes que até perdi a fala.

Voltei até o salão não conseguindo desviar os olhos do relógio que andava devagar parecendo zombar de mim.

Eu só queria ir para casa e me esquecer de todos os acontecimentos daqueles dias.



DEZ
LORENZO

Eu já havia perdido as contas de quantas ligações tinha feito, de quantas mensagens mandara, e ainda assim, não tive nenhum retorno.

Eu ia voltar para a Calábria, me casar com Elena, eu ia cumprir meu papel dentro da ‘Ndrangheta, mas antes, eu queria dizer a Aurora que ela era e sempre ia ser mais do que uma despedida de solteiro.

Eu duvidava que outra mulher pudesse mexer tanto comigo novamente. Ela ia ficar para sempre marcada em meu corpo e alma. Ela precisava saber daquilo, mesmo que aquilo não mudasse em nada nossa história. Ela precisava saber que apesar do pouco tempo que passamos juntos, eu ia me lembrar dela para sempre.

Stefano havia deixado de me vigiar, depois do acontecimento da manhã, ele parecia haver entendido que nada ia me afastar do meu caminho, nem mesmo... Aurora.

Conversei com meu pai por telefone mais uma vez, ele não me perguntou quando íamos voltar para a Itália, disse apenas que eu devia aproveitar meus dias no Brasil porque tudo ia mudar quando eu retornasse. Eu sabia do que ele falava.

Em menos de um mês eu ia me casar e me tornar o *Capo Crimine* da ‘Ndrangheta. Eu precisava me lembrar daquilo constantemente para não correr o risco de jogar tudo para o alto.

Olhei no meu relógio de pulso e me dei conta de que logo Aurora ia deixar seu trabalho. Eu precisava tentar falar com ela uma última vez.

— Carlo — chamei o soldado que surgiu imediatamente em minha frente. — Vamos até a cafeteria. — Ele não esboçou qualquer reação.

Com Stefano fora de casa para curtir mais uma noite se enterrando no meio de algum par de pernas qualquer, eu não ia ser incomodado.

Descemos até a garagem do edifício e após entrarmos no carro, Carlo deu a partida, nos guiando pelas ruas de São Paulo até a cafeteria onde Aurora trabalhava.

Estacionamos do outro lado da rua. O carro escuro estava oculto pelas sombras da noite na rua pouco iluminada.

Pelos vidros transparentes da fachada da cafeteria, vi Aurora limpando as mesas. Estava sozinha, provavelmente fechando o estabelecimento mais uma vez como a vi fazer algumas noites atrás.

Algo parecia me impulsionar até Aurora fazendo minha vontade de tomá-la mais uma vez me consumir por dentro. Eu precisava manter a razão gritando em minha mente constantemente para não acabar fazendo mais merda.

Estava prestes a descer do carro para falar com ela quando meu telefone tocou. Tirei o aparelho do bolso pronto para desligar quando o nome de Nico chamou minha atenção.

— Espere, Carlo — disse ao soldado que estava pronto para abrir a porta do motorista e descer do veículo. Ele assentiu.

— O que houve, Nico? — falei ao atender a ligação do meu irmão caçula. Ele nunca me ligava e quando isso acontecia, era porque algo grave havia ocorrido.

— Nosso pai morreu. — Sua voz estava embargada. Suspirei.

Todos nós sabíamos que este momento ia chegar devido à sua saúde que andava debilitada. E mesmo assim, eu não conseguia acreditar nas palavras que acabavam de chegar aos meus ouvidos. Eu havia falado com nosso pai naquele dia e agora ele estava... morto?

— Falou com Stefano?

— Falei — respondeu. — Ele pediu para que eu ligasse diretamente para você porque sabia que você não ignoraria uma ligação minha.

Aquele puto me conhecia bem.

— Estamos voltando imediatamente. Chame nosso advogado para te auxiliar nas próximas horas. Ele sabe o que fazer — orientei.

Ouvi um soluço antes de encerrar a ligação. Não éramos dados a demonstrações de sentimentos, no entanto, Nico era diferente, ele não resistia às suas emoções.

Guardei novamente o telefone no momento em que Aurora apagava uma das luzes do salão da cafeteria. Observei-a, memorizando cada traço de seu rosto angelical.

Nossa conversa não ia acontecer, meu destino me chamava e eu nunca mais ia ter Aurora.



ONZE
AURORA

As ligações e mensagens haviam cessado. O que era estranho para quem parecia tão desesperado no dia anterior.

Talvez Lorenzo já tivesse mudado de ideia e decidido que eu não valia tanto esforço.

Passei o dia no trabalho me controlando para não ir até meu armário verificar o celular a cada hora, no entanto, quando eu cedia, o resultado ainda era o mesmo, nenhuma nova tentativa de contato.

— Aurora, está tudo bem? — Ouvi a voz da Erica me chamar. Afastei minhas costas do armário de metal.

— Está — disse pouco convencida de minha resposta.

— Venha aqui — Guiou-me pela mão até a mesa retangular de madeira onde fazíamos nossas refeições. Sentei-me em uma cadeira e Erica se sentou à minha frente. — Você me parece distraída hoje. Tem algo te preocupando? — Sua mão ainda segurava a minha.

— Eu me envolvi com um homem...

— Você está grávida? — Era apenas uma pergunta, seu tom não era de julgamento.

— Não — respondi rapidamente.

— Ele vai se casar com outra.

— Entendo — disse em tom de lamento.

— Eu não sabia — expliquei. — Juro.

— Eu acredito — Ela deu um sorriso acolhedor.

— Eu estou com raiva dele — disse sinceramente. — Mas também...

— Também? — Ela me olhou diretamente.

— Eu o conheci há poucos dias. Tudo foi intenso, eu senti... Eu pensei que era ele — confessei envergonhada, limpando uma lágrima teimosa.

— Se ele vai se casar com outra, mesmo que doa, é melhor esquecê-lo. Você apenas ia sofrer mais se continuasse envolvida com ele.

— Eu tenho certeza de que não poderia viver sendo a outra, eu não suportaria, mas está doendo como nunca doeu antes... — admiti, tentando segurar as novas lágrimas que se formavam em meus olhos.

— Você se apaixonou... — Ela declarou, me trazendo para um abraço.

— Vocês estão aí — disse Amanda chamando nossa atenção. Quando Erica se afastou, limpei as novas lágrimas rapidamente. — O Bruno — disse com cara de nojo. — Está te procurando, Aurora.

— Já estou indo — falei ao me levantar. — Obrigada... pela conversa, Erica — ela assentiu.

Deixei a sala dos funcionários e me direcionei até o salão da cafeteria.

— Estava me procurando? — anunciei quando vi Bruno em pé ao lado do balcão. Estranhei. Ele sempre se sentava na mesma mesa quando vinha à cafeteria.

— Eu preciso falar com você.

— Pode dizer — esperei que ele explicasse seu comportamento atípico.

— Eu queria te chamar para sair... — disse, tímido.

— Ah — sussurrei, surpresa.

— Você aceita? — pronunciou, quase atropelando as palavras.

— Desculpe — consegui falar, ainda absorvendo o que havia acabado de ouvir.

— Eu sabia que era uma ideia estúpida — ele falou, se afastando do balcão.

— Não é isso — tentei explicar. — É que...

— Tem outra pessoa?

— Não — respondi sentindo a palavra doer ao atravessar minha garganta.

— Então? Sou eu o problema. — Deu um riso frouxo.

— Apenas não posso, por favor, entenda — pedi.

Bruno era um rapaz bonito, da minha idade, e que sempre foi gentil comigo, mas... ele não era o idiota do italiano de olhos verdes.

— Eu vou indo... — anunciou com tristeza.

Eu podia dizer sim a ele, talvez, daquele modo, eu parasse de pensar em Lorenzo, contudo eu sabia dentro de mim que não ia ser tão fácil. Eu provavelmente ia magoar Bruno usando-o. E eu não desejava fazer isso.

Era mais fácil dizer a mim mesma que eu estava sendo honesta ao dispensar Bruno do que admitir, ainda que apenas nas profundezas de minha mente, que eu não queria esquecer Lorenzo. Eu queria me lembrar de cada palavra que ele havia pronunciado em italiano, de cada toque em minha pele, de cada beijo intenso.

— Duvido que ele volte — Amanda falou rindo ao aproximar-se.

— Você não tem trabalho a fazer?

— Tenho — admitiu sem preocupação.

Dei graças quando um casal adentrou a cafeteria e ocupou uma de minhas mesas. Amanda parecia ter como sua missão pessoal, me atormentar.



Abri minha bolsa no final do expediente, novamente, nenhuma mensagem ou chamada de Lorenzo. Era uma mistura de raiva e decepção que eu não sabia separar ou deixar de sentir.

Deixei a cafeteria andando pela rua escura. A lâmpada de um dos postes ainda piscava. Levei os dedos à boca lembrando-me de um de nossos beijos, naquele mesmo local. Um arrepio percorreu por meu corpo, me traindo.

Meus passos se detiveram, eu devia ir para minha casa e esquecer de uma vez por todas, aquele homem italiano idiota, mas ao invés daquilo, eu me virei na outra direção voltando até a frente da cafeteria.

Tirei o celular da bolsa e liguei para uma companhia de táxi solicitando um carro. Eu não estava pensando, apenas reagindo, como uma tola, sabia disso e mesmo assim, eu segui adiante.

O carro parou em frente à cafeteria, entrei apressadamente e poucos minutos depois, estávamos na entrada do prédio de Lorenzo. Minhas mãos tremiam, tentei disfarçar o nervosismo.

Paguei a corrida e saindo do veículo, encarei a fachada luxuosa por um instante. O edifício ficava em uma esquina e em ambas as calçadas que o cercavam, grandes árvores acompanhavam a extensão da construção.

Encarei o hall social pela fachada de vidros por um instante, tomando fôlego.

Eu estava ali, prestes a encarar Lorenzo. Eu queria entender por que ele havia me ligado, insistido em um dia e depois, mais nada. Absolutamente nada. Eu queria confrontá-lo, gritar com ele. Eu queria odiá-lo.

Entrei no hall me direcionando ao porteiro no balcão.

— Boa noite — disse temendo o que ia vir a seguir. — Eu gostaria de falar com Lorenzo... — Tentei lembrar-me do sobrenome, e me dei conta

de que eu não sabia. Senti-me ainda mais tola. — Ele e Stefano, são irmãos, moram na cobertura. — Pode avisar ao Lorenzo que Aurora gostaria de falar com ele, por favor?

— Acho que há um engano — disse o senhor do outro lado do balcão.

— Não — falei. — Lorenzo e Stefano são irmãos — repeti.

— Sim — confirmou o homem. — Eles são irmãos. — Quase me senti aliviada. — Mas eles deixaram a cobertura ontem à noite.

— E quando retornam? — perguntei com medo da resposta.

— Não sabemos. Eles nunca avisam quando vão ocupar ou deixar o local. Sei que viajaram porque os vi ontem à noite, na garagem, carregando duas malas de viagem no carro deles.

Eu não conseguia acreditar. Ele tinha ido embora? Simples assim? Era por isso que as tentativas de contato haviam cessado?

A raiva se sobrepôs à mágoa me dominando quase por completo.

Tirei o telefone de dentro da minha bolsa, procurei o nome de Lorenzo na agenda e liguei para seu número. A ligação foi encaminhada diretamente para a caixa postal.

O porteiro me observava do outro lado do balcão, parecia sentir pena de mim. Era o que eu precisava, não era? Sentir-me mais humilhada.

Tentei o telefone de Lorenzo mais de dez vezes seguidas, e não obtive nenhuma resposta.

Aproximei-me do balcão do hall novamente.

— Eu não sei o sobrenome deles — disse sem jeito. — Poderia me dizer? Gostaria muito de falar com Lorenzo, mas ele não está atendendo.

— Não podemos passar nenhuma informação sobre os moradores, lamento. É uma questão de segurança — disse o homem.

— É que... — Comecei a falar, mas detive-me. O que eu estava fazendo? Implorando pelo sobrenome de Lorenzo e para quê? Para buscá-lo em alguma rede social e ser rejeitada novamente? Não bastava o que havia acontecido em nosso último encontro? Eu estava perdendo a cabeça.

Caminhei até uma lixeira no canto do hall do prédio, tirei o chip do meu celular e o descartei.

Limpei uma lágrima teimosa e engoli o bolo dolorido que se formava em minha garganta.

Atravessei a porta automática sem olhar uma última vez para atrás.

Lorenzo tinha me deixado, eu precisava esquecê-lo. Ainda que em meu coração, eu soubesse que não seria fácil.



DOZE
LORENZO

Depois de mais de doze horas, estávamos de volta à Calábria. O clima mediterrâneo me recebeu de volta. Era agradável, familiar, podia sentir o cheiro de casa, entretanto agora, eu sentia ter deixado parte de mim em terras estrangeiras.

Ainda não conseguia acreditar na intensidade de tudo o que havia acontecido em minha vida nos últimos dias. Minhas lembranças ao lado de Aurora me garantiam que tudo fora real, todavia, ao pisar de novo em minha terra, todas as imagens de nós dois pareceram distantes e inalcançáveis, como se não tivesse passado de um sonho.

— Lorenzo, Stefano. — Nico correu ao nosso encontro quando adentramos a sala da casa que nosso pai morou durante quase toda sua vida. Com um abraço apertado, nosso irmão caçula nos juntou. — Nosso pai se foi — falou com a voz embargada.

— Tudo ficará bem, Nico — disse, dando um tapa leve em suas costas.

— Eu fiquei apavorado sem vocês aqui — confessou, ao se afastar do abraço, sem nenhum constrangimento.

— Que horas o funeral será iniciado? — Stefano perguntou. Ele era o irmão que menos parecia afetado pelo que estava acontecendo, mas eu o conhecia o bastante para saber que a imagem de homem distante e frio era apenas uma armadura. Stefano era o filho mais apegado à nossa mãe e quando ela morreu de câncer, ainda jovem, ele mudou.

— Daqui a duas horas — Nico respondeu limpando uma lágrima.

— Todos os chefes de suas famílias foram avisados?

— Sim.

— E os membros do conselho? Confirmaram que estariam no funeral? — perguntei.

— Todos estarão aqui para demonstrar o devido respeito — garantiu. — O corpo... — disse fungando — ainda está em nossa funerária, fechamos para atender a *famiglia*[16], nossos soldados estão fazendo a segurança do local.

Um de nossos negócios legais, era uma das funerárias da cidade, atendíamos a alguns poucos civis comuns, para que não levantassem suspeitas sobre a finalidade de nosso estabelecimento que era servir aos negócios da ‘Ndrangheta. Tanto para enterrar com honras um dos nossos quanto para se livrar de um inimigo ou problema.

Deixei meus irmãos conversando na sala e subi as escadas que levavam ao meu quarto. Stefano e Nico não moravam nesta casa há alguns anos, enquanto eu permaneci na residência porque precisava me integrar do dia a dia de um *Capo Crimine* para quando chegasse minha vez de assumir o comando da organização.

Não era uma preparação de um dia, era de uma vida inteira.

Tirei o celular do bolso, o aparelho estava desligado, pois a bateria havia descarregado. O primeiro impulso que veio à minha mente, foi de colocar o telefone para carregar e ligar para Aurora, mesmo sabendo que nenhuma de minhas mensagens ou ligações anteriores haviam sido respondidas ou atendidas.

Encarei o telefone desligado por algum tempo, paralisado.

— Até que enfim te encontrei. — Escutei a voz de Elena soar na porta de meu quarto que eu havia deixado aberta. Suspirei sentindo-me exausto. — Eu sinto muito, querido — disse com uma voz quase chorosa, enlaçando minha cintura por trás. — Eu estava determinada a brigar com

você quando retornasse por causa da forma como me tratou quando esteve fora, mas vou esquecer tudo em consideração ao seu pai que me amava com uma filha e desejava tanto nossa união.

— Eu preciso tomar um banho e me preparar, daqui a pouco o corpo chegará e precisaremos estar ao lado do caixão... de meu pai.

Meu pai ia gostar de ser velado na capela que ele havia frequentado em vida, era um homem religioso, porém sabíamos do risco que algo desse tipo traria à organização. Íamos ser alvos fáceis tanto para a lei quanto para nossos inimigos. Por isso, o funeral ia ser realizado na casa no fim da rua do condomínio, nossa atual sede. O condomínio fechado com dez residências de alto padrão onde morávamos era de nossa propriedade e apenas alguns membros da ‘Ndrangheta tinham autorização de meu pai para ocupar as casas. Duas ainda estavam vazias, destinadas a Stefano e Nico, iam assumi-las quando se cassassem.

— Ficarei ao seu lado quando o caixão chegar.

— Fique com seu pai — ordenei. — Apenas a família deverá ficar ao lado dele.

— Eu sou da família — Seu tom se endureceu. Virei-me para ela, segurando em seus braços.

— Ainda não é desta família.

— Do jeito que você fala, até parece que não me deseja como sua esposa — disse parecendo irritar-se.

— Você sabe tão bem quanto eu que este casamento é o cumprimento de um acordo entre nossos pais. — Lembrei-a, procurando não me alterar.

— Não para mim — ela falou aumentando o tom de sua voz. — Eu te amo desde o primeiro dia que te vi — declarou, se aproximando e tentando tocar meu rosto. Segurei sua mão antes que o fizesse.

— Não deve misturar as coisas, Elena. — Ela me encarou. — Este não é o momento para termos esta conversa, mas talvez, você deva considerar cancelar o casamento. Seu pai te ouviria se você pedisse. — Seu olhar se tornou furioso.

— Nunca pedirei tal coisa — disse convicta. — Nós nos casaremos e você me amará assim como eu amo você. — Ela parecia certa daquela ideia.

— Eu não te amo, Elena. E não acho que isso poderá mudar — disse calmamente. Não estava tentando magoá-la. Era apenas a verdade.

— Mas amará, eu garanto. — Ela pareceu ainda mais determinada.

Eu podia ter dito a ela que meu coração já havia sido ocupado e que eu não acreditava que outra pessoa ia conseguir um dia arrancá-la de meu peito, porém, eu conhecia Elena o suficiente para saber que isso apenas a deixaria paranoica. Ela não ia desistir do casamento, eu precisava lidar com isso. Aurora ia ser para sempre um amor que eu precisei abrir mão.



Duas semanas após o funeral de meu pai, estávamos realizando um casamento no jardim de nossa sede.

Haviam sido dias infernais.

Tentei fazer Elena adiar a data do nosso casamento usando a desculpa do falecimento de meu pai, sem nem me envergonhar por isso, todavia ela foi irredutível, ao lado de seu pai, que ao mesmo tempo, pressionava o conselho para que o último acordo do *Capo Crimine* fosse logo cumprido.

O casamento era um desperdício de dinheiro, flores naturais brancas cobriam o teto de cada tenda no jardim. As mesas estavam decoradas com arranjos de flores de outras cores e velas em castiçais dourados. Havia sofás brancos e poltronas em outro espaço para quem desejasse mais conforto. Ainda estava de dia, porém, pela quantidade de luzes espalhadas ao redor, duvidava que ia fazer diferença quando a noite chegasse.

Quando Elena desceu da limusine que atravessou os portões do condomínio, pensei por um instante, estar vendo Aurora vestida de noiva, vindo ao meu encontro. Elena tinha os cabelos pretos, mas havia pintado os fios de loiro-escuro e o penteado deixava parte dos cabelos soltos e ondulados.

Meu coração foi do céu ao inferno em poucos segundos ao vê-la. Senti como se eu tivesse tocado o paraíso para ver minha mão em carne viva em seguida.

— Você não precisa parecer feliz, mas ao menos, disfarce sua raiva — meu irmão Stefano disse baixo ao meu lado. Notei que havia cerrado os punhos. Lutei contra meu corpo para relaxar e deixar aquele dia marcar o resto de minha vida.

Mesmo com meus sentimentos em conflito, me obriguei a dar aos que vinham nos desejar felicidades, um sorriso contido. Elena parecia radiante ao meu lado. Ela gargalhava com qualquer coisa e segurava em meu braço como se tivesse medo de me perder na multidão que nos cercava.

— Os soldados fizeram a varredura do local, está tudo em ordem — meu irmão anunciou na primeira hora da madrugada depois de algum tempo que os últimos convidados deixaram a sede.

— Agradeço, Stefano. Pode ir para sua casa descansar.

Levantei-me do sofá no meio da sala e abracei meu irmão.

— Eu sei que ela não é a moça brasileira..., mas esse é o seu destino, tente ser feliz meu irmão — desejou baixo para que apenas eu escutasse.

Stefano deixou a casa que agora era minha e se direcionou até o seu carro, sendo seguido pelos dois soldados que faziam sua segurança pessoal.

Dispensei meus soldados para que fossem descansar em seus alojamentos também. Havia sido um dia longo e cansativo.

— Querido... — ouvi a voz de Elena me chamar no fim das escadas que levavam ao andar superior da mansão.

Andei até o aparador e servi uma dose de uísque, vinho não ia ser o bastante para aquela noite.

— Estava pensando sobre nossa lua de mel, não tivemos tempo de planejar com tudo o que aconteceu, mas...

— Não poderemos viajar neste momento — disse, cortando-a.

— Como? — Ela pareceu incrédula, parando ao meu lado.

Virei-me para encará-la, seus cabelos estavam soltos em ondas, como os de Aurora e cada vez que eu a olhava, matava-me um pouco.

— Amanhã, você vai pintar seu cabelo de preto novamente — declarei enrolando uma mecha de seu cabelo nos dedos. Era como sofrer uma tortura. Eu não ia poder viver ao lado de uma mulher que me lembrava a todo momento o que eu tinha deixado para trás. Eu não ia suportar.

Ninguém precisava me dizer que eu estava sendo um filho da puta ao exigir isso, mas eu não ligava.

— Eu não vou mudar a cor do meu cabelo — disse alterada. — Qual é o problema? O meu cabeleireiro falou que esta cor combina comigo.

— Foda-se o que ele disse! — declarei ríspido. — Estou dando uma ordem e você obedecerá. Não queria se casar comigo? Estamos casados e agora você me deve obediência. Não vou precisar repetir, ou vou? — falei me desvencilhando da mecha de seu cabelo.

— E quanto a nossa lua de mel? — perguntou diminuindo o tom de voz.

— Minha iniciação como *Capo Crimine* da ‘Ndrangheta será em poucos dias. Não poderei me ausentar.

— E quando viajaremos? Você pode me levar ao Brasil, eu sempre quis conhecer o...

— Não vamos ao Brasil — disse cortando-a novamente. — Quando for possível me ausentar de meu posto, poderei pensar em uma viagem, mas agora, isso está fora de cogitação.

Elena bufou irritada, parecendo uma criança mimada, apesar de termos a mesma idade.

— Então, vamos subir? — disse mudando a face de irritada para excitada.

Ela vestia uma camisola de seda vermelha, com rendas na parte superior. Os seios fartos quase pulavam para fora. Ela estava sexy e mesmo assim, eu não me sentia animado para desfrutar dos benefícios do matrimônio. Estava cansado, com dor de cabeça e querendo apenas algumas horas de silêncio.

— Eu subirei mais tarde — disse virando-me novamente para o aparador com as bebidas e me servindo de uma nova dose de uísque. Tomei a dose despejando o líquido escuro na garganta de uma única vez.

Elena continuou ao meu lado.

Coloquei mais uma dose no copo e o segurei à minha frente. Fechei os olhos e só tornei a abri-los quando ouvi os passos de Elena ao se afastar.

Finalmente eu estava sozinho.



TREZE
AURORA

DOIS MESES DEPOIS

— Meu Deus, Aurora! — reclamou Amanda às minhas costas. — Você está vomitando de novo?

Retirei minha cabeça de dentro do vaso sanitário sentindo o gosto amargo na boca. O cheiro nauseante dentro do banheiro dos funcionários fez meu tronco se curvar para a frente novamente, mas nada saiu do meu estômago daquela vez, tudo já foi jogado para fora.

— É melhor você ir ao médico, pode ser algo contagioso — sua voz saiu exaltada.

— Está tudo bem por aqui? — Ouvi a voz de Erica.

— Ela está doente e não quer ir ao médico — protestou Amanda. — Vai acabar passando algo para nós — seu desdém era evidente.

— Volte ao trabalho, Amanda — ordenou Erica.

Ouvi os passos de Amanda a levarem para longe e me senti aliviada por saber que ela já não estava por perto.

Usando o pouco de energia que meu corpo ainda tinha, levantei-me do chão frio do banheiro e me direcionei à pia ao lado.

Abri a torneira colocando as mãos juntas debaixo para acumular um pouco de água nas palmas e lavar o rosto. Também enxaguei a boca na esperança de me livrar do gosto ruim.

— Querida, você já foi ao médico? — A voz de Erica soou cautelosa.

Virei-me na direção da porta aberta do banheiro, secando o rosto lentamente.

— Não acho que seja necessário, não estou doente — respondi sentindo-me exausta. — Apenas cansada, isso não posso negar. Tenho insônia à noite e de dia me sinto sonolenta.

— Você tem vomitado quase todos os dias, Aurora.

— Deve ser minha alimentação.

— Você... nunca mais teve notícias dele?

Minha gerente parecia receosa ao fazer aquela pergunta. Eu sabia de quem ela falava, mas não entendi por que perguntava de Lorenzo depois de tanto tempo sem tocarmos em seu nome.

— Nunca mais. — Segurei nas bordas da pia sentindo uma tontura súbita.

— Aurora? — ouvi Erica me chamar preocupada.

— Estou bem — disse mentindo para nós duas.

Senti um braço de Erica em minha cintura, direcionando meu corpo para o outro lado da sala dos funcionários. Ela puxou uma cadeira indicando que eu me sentasse à mesa no canto da sala.

— Fique aqui — disse seriamente. — Eu volto já — assenti.

Senti-me fraca e enjoada até reconhecer o cheiro de chá de camomila invadir minhas narinas. Eu não tinha o costume de tomar chás, gostava mesmo era de uma boa xicara de café, mas naquele momento, aquele aroma despertou em mim uma vontade inexplicável por aquele líquido morno adocicado.

— Erica pediu que trouxesse esse chá para você e que reforçasse o aviso para não sair daqui — disse o cozinheiro ao deixar a xícara ao meu lado.

Tomei o chá apreciando aquela bebida que antes nunca havia me despertado interesse.

Poucos minutos depois, vi Erica retornar à sala com uma sacola de farmácia nas mãos.

— Não precisava se preocupar, eu estou...

— Aurora, apenas para não termos dúvidas do que está acontecendo — disse. — Leve isto até o banheiro e siga as instruções, está bem?

Estendi o braço para pegar a sacola com medo de ver o conteúdo que havia dentro. Concordei e me direcionei ao banheiro novamente, a sacola em minha mão pareceu ter um peso que não correspondia à pequena caixa que estava em seu interior.

Tranquei a porta do banheiro desta vez. Senti meu coração acelerar e meus dedos tremerem ao pegar o item que Erica havia trazido da farmácia para mim.

Era um teste de gravidez.

Gravidez.

Aquela palavra ecoou em minha mente. Eu não podia estar grávida, podia? Senti-me irresponsável e culpada. Eu não apenas não havia me prevenido nas relações com Lorenzo como não tinha tomado a maldita pílula do dia seguinte.

O medo pelo que podia vir a seguir pareceu fazer com que as paredes do banheiro se encolhessem ao meu redor, prestes a me esmagarem.

Respirei fundo tentando me acalmar.

Eu nunca havia feito um teste de gravidez antes. Precisei ler as instruções três vezes, pois eu não estava conseguindo assimilar o que estava escrito no papel que segurava nas mãos.

Forcei minha mente a concentrar-se. Coloquei o celular com o cronômetro ao lado. Retirei a tampa do teste e sentei-me no vaso. Eu precisava urinar na ponta do teste por 5 segundos. Fiz exatamente como o instruído. Depois coloquei a tampa novamente, deixei o teste sobre a pia e zerei o cronômetro para aguardar por no máximo mais três minutos.

Fechei os olhos, eu não estava suportando a sensação de desespero. O tempo pareceu se arrastar. Em meus pensamentos eu apenas desejava que

o resultado fosse negativo. Sim, minha menstruação estava atrasada, mas eu era uma mulher de ciclo irregular, então não me atentei ao atraso...

Passar mal do estômago, todo mundo passava, não era um sinal de alerta. Estava cansada e sonolenta? Sim, mas porque eu não conseguia dormir à noite. Havia uma explicação para cada possível sintoma. Apeguei-me àquilo até ouvir o sinal do celular pela segunda vez dentro daquele banheiro.

Abaixei os olhos para a superfície da pia e vi o que eu mais temia, todas minhas explicações razoáveis desceram pelo ralo rapidamente.

Eu estava grávida.

Meus olhos arderam e lágrimas desceram por meu rosto. Eu estava esperando um filho de um homem que eu nem sabia o sobrenome e que naquele momento devia estar casado com outra mulher.

Como eu ia lidar com aquilo? Eu já tinha dificuldade para sustentar a casa no momento, como ia fazer com um filho?

Escorei-me na porta para não ir ao chão.

— Aurora? — ouvi Erica chamar por mim do outro lado.

Abri a porta ainda chorando compulsivamente. Erica me abraçou tentando me confortar.

— Vai ficar tudo bem — ela disse passando as mãos levemente em minhas costas.

Afastei-me de seu abraço por um instante.

— Eu não sei o que fazer — disse tentando não deixar a sensação de desespero me dominar por completo.

— Vá para casa, descanse hoje e amanhã. Tire esses dois dias de folga para absorver tudo isso. Eu sei que a situação é delicada, mas as coisas vão se ajeitar, eu tenho certeza.

— Obrigada, Erica — agradeci sem saber muito mais o que dizer. Minha cabeça rodava com a notícia de que eu teria um bebê sozinha.

Tirei o uniforme e o guardei em minha mochila juntamente com meu celular e o teste de gravidez, não queria que alguém do trabalho visse o teste, ainda não estava preparada para lidar com a notícia publicamente.

Quando cheguei em casa, deparei-me com meu pai na cozinha. Deixei a mochila sobre a mesa e me direcionei à pia de mármore rachada

para tomar um copo de água.

— Você não deveria estar no trabalho a essa hora? — Sua voz soou acusatória.

— Estou de folga — disse apenas. Eu não sabia como contaria a ele sobre a gravidez.

— Preciso de dinheiro.

— Não temos dinheiro para mais bebidas. O que temos é para o mercado. — Aquelas palavras fizeram o medo que eu estava sentindo, se expandir em meu peito. Como íamos ter dinheiro para cuidar de um bebê?

Bebi a água e deixei o copo vazio sobre a pia.

— Vou tomar um banho — anunciei deixando a cozinha. Eu esperava que a água morna do chuveiro me ajudasse a clarear um pouco os pensamentos.

Juntei minha toalha de banho e roupas e fui para o banheiro. Debaixo da água que caía quente sobre minha pele, observei minha barriga, ainda não havia sinais de que ali havia um bebê, mas agora eu sabia.

Passei a mão trêmula sobre meu ventre, eu estava assustada, mas sabia dentro de mim que ia cuidar de meu filho.

Meu filho, disse baixinho para mim mesma.

Terminei o banho e depois de secar-me, vesti um pijama desejando passar o dia todo em minha cama. Porém, antes disso, eu precisava preparar algo para comer, mesmo sem apetite. Eu não podia pensar apenas em mim agora que sabia que um pequeno ser crescia aqui dentro.

Saí do banheiro deixando o vapor acumulado fugir do pequeno quadrado.

— O que significa isso aqui, Aurora? — Meu pai segurava meu teste de gravidez nas mãos. Fechei os olhos temendo o que viria a seguir. — Você está grávida? — ele gritou.

Tornei a abrir os olhos quando senti uma forte ardência no couro cabeludo. Meu cabelo estava sendo puxado fortemente para baixo.

Meus olhos queimaram e lágrimas se acumularam, nublando minha visão. Pisquei rapidamente tentando voltar a enxergar.

— Me solta — pedi, tentando empurrá-lo, contudo meus tapas disparados em todas as direções não surtiam efeito.

— Sua piranha! — ele gritou novamente. — Eu vou te ensinar a se comportar como uma mulher decente. O que te faltou foi uma boa surra. Ele me empurrou na direção da mesa de madeira. Cambaleei quase indo ao chão.

Meu pai retirou o cinto de couro de sua calça e o estalou à minha frente. Ele ia me bater com aquilo.

Não temi por mim, mas pelo filho que eu tinha descoberto que carregava.

Com dois passos largos, eu estava em frente à pia da cozinha. Pela primeira vez, dei graças por nossa casa ser tão pequena.

Abri a primeira gaveta do armário sob o tampo e retirei de lá uma faca grande. Eu a usava para cortar as carnes das refeições que preparava.

Virei-me para o homem que me ameaçava com o cinto em suas mãos, empunhando a faca.

— Você não teria coragem de me atacar — debochou ele.

— Experimenta tocar em mim e ameaçar a vida do meu filho — disse com firmeza.

— Filho? — Riu ele. — Isso aí é um bastardo qualquer. Você nem deve saber quem é o pai.

— É meu filho! — afirmei novamente. — E eu vou proteger ele. Seja de quem for! — garanti, levantando ainda mais a faca.

Meu pai voltou a colocar o cinto nas calças. Abriu minha mochila novamente e retirou de lá minha carteira. Guardou em seu bolso o pouco dinheiro que tínhamos para as compras da semana.

— Essa criança não vai nascer — disse apontando para mim. — Pode não ser hoje, mas eu vou tirar ela de você. — Nenhum bastardo vai nascer na minha casa.

Ele se retirou saindo pela porta de entrada da casa.

O ar faltou em meus pulmões quando o choro veio intenso me fazendo parecer ter perdido a capacidade de respirar.

Desci até o chão ainda segurando a faca com firmeza.

Eu não estava segura naquela casa. Nunca mais ia estar. Aquele homem que se dizia meu pai havia me agredido e ameaçado a vida do meu filho.

Ainda sentindo meu corpo tremer, levantei-me e corri até a porta. Tranquei-a e arrastei um pequeno armário até a frente para bloquear a entrada.

Desesperada, busquei meu telefone em minha mochila e liguei para a única pessoa que podia me socorrer naquele momento.



QUATORZE
LORENZO

— Quem é essa mulher, Lorenzo? — Elena gritava apontando para a tela do meu celular em suas mãos.

Cheguei havia pouco de um de nossos armazéns depois de receber o primeiro carregamento vindo do Brasil, tivemos um imprevisto, civis perto demais de nosso território, precisamos sair às pressas para afugentá-los antes que vissem demais e tivéssemos que nos livrar deles permanentemente.

Eram apenas dois jovens em busca de uma aventura em um lugar isolado, nossos soldados os afugentaram rapidamente para a sorte deles. Depois de resolvermos a questão, eu e Stefano, esperamos para receber o carregamento pessoalmente. Era o primeiro, queríamos ter certeza de que tudo estava de acordo com o esperado.

A casa estava silenciosa, ao adentrar, passei pela sala de jantar, notei as luzes baixas e os restos de velas consumidas nos castiçais sobre a mesa de jantar.

Puta merda! Elena tinha me pedido para estar em casa na hora do jantar. Queria comemorar seis meses de casamento, ou qualquer outra

merda daquelas.

Eu usava qualquer desculpa do trabalho para me manter distante e não a castigar tão frequentemente com meu mau humor, mas hoje minha falta não havia sido proposital.

Caminhei da porta do quarto até a beirada de minha cama onde ela, de pé, aguardava uma resposta.

— Eu não te dei permissão para tocar no meu celular, dei? — questionei. Seu olhar se enfureceu ainda mais.

— Você ainda não me respondeu! — ela gritou.

— Eu não te devo explicações — declarei sem alterar o tom de voz. Bloqueei a tela do celular, ocultando a única foto de Aurora que eu tinha.

— Você me deve todas as explicações — ela disse com raiva. — Eu sou sua esposa.

— Se quer tanto saber — disse encarando-a. — O nome dela é Aurora.

— Você está me traindo? — Seu tom era de descrença. — Eu não vou aceitar. Você sabe como um homem que não honra sua família é visto na organização. Eu vou te denunciar, Lorenzo — ameaçou-me.

Encarei-a de perto. Elena era alta, mas não tanto quanto eu.

— Se ousar me ameaçar novamente. Te despacho para um fim de mundo qualquer para morrer sozinha.

Afastei-me para retirar a roupa e ir tomar um banho.

— Você não pode ser tão desonrado a ponto de estar me traindo — voltou a gritar.

— Eu não estou te traindo, Elena — disse tentando não perder a paciência.

— Então por que tem a foto de uma mulher seminua deitada em uma cama no seu celular? — Sua revolta era expressada em cada uma daquelas palavras. — Me fala a verdade, Lorenzo! Eu exijo saber!

— Porque eu não queria esquecê-la — respondi a verdade.

— Você se... apaixonou? — Sua voz pareceu falhar. Tirei o paletó colocando-o no cabideiro ao lado e comecei a abrir minha camisa. — Foi naquela sua viagem ao Brasil, não foi? Por isso voltou falando aquelas

besteiras sobre não nos casarmos. — Ela parecia encaixar todas as peças em sua cabeça.

— Eu vou tomar um banho — anunciei após retirar toda a roupa.

— Lorenzo — Elena me chamou antes que eu atravessasse a porta do banheiro. — Você nunca terá outra mulher, eu jamais aceitarei. Eu sou a senhora Santoro.

Dei a Elena um riso debochado mascarando o quanto suas palavras me afetavam. Eu sabia que ela era minha esposa e nada mudaria isso. Eu estava preso a ela, e Aurora ia ser para sempre o amor que não pude viver, mas que ficaria marcado sob minha pele por toda minha vida.



QUINZE
AURORA

Andava pelas ruas de Amparo, a cidade onde eu agora morava com minha tia Dora, à procura de um dos restaurantes da avenida principal, onde minha tia ouviu falar que precisavam de garçonete.

A cidade no interior de São Paulo, preservava em seu centro, a história com seus belos casarões dos períodos colonial e republicano. Não era difícil se imaginar no passado daquele lugar nem em quantas pessoas passaram por estas mesmas ruas e habitaram aquelas mesmas casas.

Olhei na tela do meu celular, o relógio marcava quase meio-dia, o restaurante devia estar aberto e movimentado.

O sol forte e o calor castigavam meu corpo. Estava com pouco mais de seis meses de gestação e fazendo o acompanhamento desde que havia me mudado.

A consulta do pré-natal naquela manhã havia me tranquilizado. Meus exames estavam todos dentro do esperado e meu menino crescia saudável dentro de meu ventre.

Sim, eu ia ter um menino que eu já amava com todas as minhas forças.

Quando liguei para tia Dora depois do que houve com meu pai, ela se prontificou não a apenas me acolher, como também, ir me buscar imediatamente na capital. Pedi que ela só me desse tempo para me demitir da cafeteria.

Fiquei envergonhada por ter que pedir dinheiro à tia Dora naquele momento, mas não tinha outro jeito. Ela nem sequer questionou, transferiu a quantia para minha conta para que eu passasse aquela noite em um hotel até poder ir ao meu trabalho e resolver minha situação.

Dois dias depois do ocorrido com meu pai, eu estava na casa da tia Dora. Erica, sabendo dos detalhes do que aconteceu comigo, me ajudou para que eu deixasse o emprego o quanto antes.

Minha gerente até ofereceu-me o sofá de sua casa por um tempo, caso eu desejasse me manter na capital, mas com medo de ser perseguida por meu pai, achei mais seguro mudar-me de endereço.

Mesmo tia Dora sendo o único laço de nossa família com minha mãe, meu pai nunca quis contato com ela sendo seguro me manter em sua casa. Ele nem sabia que ela morava nesta cidade desde que havia deixado a capital há muitos anos.

Finalmente encontrei o restaurante indicado. Observei a fachada histórica pintada de amarelo. Na frente havia uma varanda coberta, com mesas de madeira dispostas no espaço. Apesar de antigo, o lugar parecia bem conservado.

As paredes internas eram de tijolo à vista e o ambiente bem ventilado.

O cheiro de temperos no ar fez minha boca salivar.

— Olá, me chamo Aurora, vim por causa da vaga de garçonete — disse ao chegar no balcão do caixa.

— Só um minuto — A moça do outro lado do móvel falou antes de se afastar indo em direção a um corredor nos fundos.

A mesma moça retornou um pouco depois, acompanhada de outra mulher jovem que aparentava ser apenas um pouco mais velha do que eu. Ela era alta, bonita, de cabelos vermelhos lisos. Estampava um sorriso amigável no rosto.

— Você deve ser a Aurora — disse simpática.

— Sim.

— Sua tia falou com minha cabelereira. Você tem experiência com atendimento, não é?

— Sim, trabalhava em uma cafeteria, na capital.

Seus olhos baixaram até minha barriga que se destacava sob o vestido.

— Para quando é o bebê?

— Passei do sexto mês — Tive medo de que ela dissesse que eu não ia servir para a vaga por conta da gestação. Eu precisava voltar a trabalhar, não podia ficar dependendo apenas da aposentadoria da tia Dora, por mais que ela tentasse me convencer de que eu poderia voltar a trabalhar apenas depois que meu menino nascesse.

A mulher pegou uma caderneta no balcão e uma caneta e anotou algo no papel, esperei ansiosa.

— Este é o salário e o horário de trabalho.

Entregou-me o papel. A carga horária informada era a mesma que tinha na capital, mas o salário para minha surpresa, era mais generoso, não chegava a ser o dobro, mas ainda assim, era mais do que eu esperava.

— Você aceita?

— Aceito... aceito — respondi empolgada.

— Meu nome é Rafaela — disse estendendo a mão em minha direção. — Qualquer dúvida pode falar comigo.

— Quando eu começo?

— Amanhã, me traga seus documentos para acertarmos tudo e depois de amanhã, você começa a trabalhar conosco.

— Muito obrigada por isso — disse apertando sua mão e sorrindo ao mesmo tempo. — Não faz ideia como eu fico feliz em poder voltar a trabalhar, ainda mais...

— Eu entendo... acredite — ela falou. Senti que havia mais em suas palavras do que ela havia pronunciado.

— Rafaela, pode vir até aqui, por favor? — Um homem, vestindo branco dos pés à cabeça, parecia ser o cozinheiro, a chamou do corredor do qual ela viera instantes antes.

Ela pediu licença e andou na direção do homem que a aguardava.

Eu estava empregada novamente. Era um alívio sem tamanho. Eu precisava voltar para casa e contar a novidade à tia Dora.



DEZESSEIS
LORENZO

Uma reunião extraordinária junto ao conselho foi marcada a pedido de um dos nossos mais antigos membros. Sua família, havia gerações, dava a ‘Ndrangheta os melhores soldados e seu filho primogênito era o capitão de nosso exército, maior responsável por nossa segurança. Eles tinham o respeito e gratidão de todas as famílias da organização.

Abri a porta da entrada da mansão que abrigava nossa sede, em nosso condomínio, me destinando à sala de reuniões onde uma extensa mesa oval ocupava o centro do ambiente.

Todos os homens se levantaram ao me ver chegar. Dispensei-os com um aceno de mão para que voltassem a se sentar em suas cadeiras ao redor da mesa.

Puxei a única cadeira diferente das outras, na ponta da mesa, e sentei-me. Stefano estava sentado do meu lado direito, havia chegado junto com os outros e me esperavam para começar a reunião.

Nico não fazia parte do conselho, ele fugia o quanto podia da parte burocrática. Ele gostava de estar em campo, recebendo mercadorias, tratando pessoalmente com os clientes e na outra parte do tempo, vivendo

como se fosse um playboy qualquer e não parte do comando da ‘Ndrangheta.

— Certo, senhores — iniciei. — A prestação de contas de nossos empreendimentos foi enviada aos seus homens de confiança. Até o momento, nossa parceria com o fornecedor brasileiro tem sido um sucesso. Assim sendo, não temos assuntos administrativos para tratar nesta reunião. — Stefano me serviu um copo de água gelada e tomei um gole. — Esta reunião foi um pedido extraordinário de nosso membro, senhor Castelli.

Castelli que já tinha quase sessenta anos, ocupava uma das cadeiras ao meu lado.

— Por favor — disse. — Nos apresente o motivo de seu pedido para a realização desta reunião.

Giovanni Castelli se levantou, ajeitou o paletó e olhou nos olhos de cada um dos homens ao redor da mesa. Quando chegou a mim, ele se virou em minha direção.

— Acredito que o senhor já saiba do ocorrido entre minha filha Vittoria e seu noivo Francesco Riva — assenti.

A filha de Castelli foi acusada de tentar matar o noivo, colocando fogo na casa depois de descobrir uma traição, dias antes do casamento. Houve uma investigação interna sobre o ocorrido.

— Foi comprovado que tudo não passou de um infeliz acidente, contudo, minha filha vem recebendo cartas de ameaça desde que Francesco fugiu após o incêndio.

— Ele está desaparecido desde o tal acidente — O pai de Francesco, que também era um conselheiro, se manifestou.

— Deixe Castelli encerrar — repreendi olhando diretamente para Leonardo Riva, pai do noivo fujão.

— Eu quero pedir proteção para minha filha. Os vídeos de segurança da casa mostraram Francesco deixando o local com vida e sem nenhum ferimento grave. Ela não teve nada a ver com desaparecimento dele.

— Eu vi pessoalmente o resultado da investigação sobre o caso — declarei. Precisei inteirar-me do caso pois não se tratava apenas de uma briga de casal, Vittoria precisou comprovar que não havia tentado contra a vida de um homem da ‘Ndrangheta, o que seria imperdoável. — O caso foi

esclarecido. Se tratou, de fato, de um acidente e não de uma tentativa de homicídio.

O pigarrear de Riva não passou despercebido, nem por mim e nem pelo restante do conselho.

— Você tem algo a dizer, Leonardo? — O homem desviou o olhar. — Você sabe tão bem quanto todos nesta mesa que seu filho nos deixou. Ele saiu daquela casa vivo e bem. Por sua deserção, ele nunca mais fará parte da organização. E digo mais — falei levantando-me e encarando cada rosto naquela mesa. — Se nosso serviço interno descobrir que ele oferece qualquer risco a nós, esteja onde estiver, nós o mandaremos direto à funerária. Todos conhecem as regras.

Eu podia ter mandado caçar e dar fim à vida do fujão, ninguém devia acreditar que podia simplesmente deixar a organização. ‘Ndrangheta era para toda a vida, mas os ânimos entre as famílias estavam exaltados e eu não podia deixar que um conflito interno viesse à tona. Não podíamos correr o risco de dividir as famílias, nossa força vinha de nossa união.

— Castelli — eu disse chamando atenção do homem que havia nos chamado. — Stefano cuidará pessoalmente do caso das ameaças. — Olhei para meu irmão ao lado que pareceu assustar-se por um instante, mas voltou a sua face fria quase imediatamente. — E os responsáveis por ameaçarem a paz de sua família serão responsabilizados. Ninguém nos ameaça.

— Obrigado, senhor — disse o homem. Assenti.

— Não tendo mais nada a ser tratado no dia de hoje, encerramos.

Estava prestes a deixar a sala quando ouvi a voz de Mario Ascioti, meu sogro, me chamando.

Deixei que todos os membros do conselho desocupassem a sala de reuniões restando apenas eu, Mario, Stefano e Carlo dentro do local.

— Feche a porta, Carlo — ordenei. Não sabia o teor da conversa com Mario, mas a prevenção era sempre necessária.

O homem de mais de cinquenta anos, baixo e barrigudo coçou o pescoço parecendo refletir sobre o que diria.

— Mario — chamei sua atenção. — Não tenho o dia todo.

— Certo, certo — disse. — É sobre Elena — iniciou. — Ela tem reclamado comigo sobre seu distanciamento. Inventou uma história sobre você, uma brasileira e...

— Ela me acusou de traí-la? — cortei-o.

— Não, não — corrigiu rapidamente.

— Então não entendo a queixa e muito menos sua intromissão em meu casamento.

— Veja bem, Lorenzo. Ela é minha filha, me preocupo com ela. Faria qualquer coisa por ela.

— Sua filha é minha mulher. Graças a um acordo entre meu pai e você. — Lembrei-o. — Falta casa, comida, dinheiro ou qualquer outro recurso a ela?

— Não.

— Então não entendo por que estamos tendo essa conversa — tentei manter a paciência.

— Está certo, Lorenzo — disse o homem cedendo. — Elena é exagerada.

— Preciso retornar ao meu escritório, tenho assuntos que exigem minha atenção com urgência. — Não esperei o homem se pronunciar e me direcionei à porta parando ao lado para que ele também deixasse o local. Apenas o *Capo Crimine*, o subchefe e o conselheiro podiam ocupar a sede desacompanhados.

E no momento eu ocupava a posição de *Capo Crimine* e Stefano de Subchefe e conselheiro.

Fui seguido por Stefano, Carlo e Elio até minha casa após deixar a sede.

— Vai entrar? — perguntei a Stefano que negou com a cabeça.

— Tenho uma incendiária para visitar, lembra-se? — disse sem humor.

— Resolva a questão da ameaça. A ‘Ndrangheta deve muito aos Castelli.

Vi meu irmão se encaminhar ao seu carro blindado estacionado em frente à minha garagem. Elio se direcionou ao volante como Carlo fazia quando saíamos de carro.

Entrei em casa e me direcionei ao quarto. Entrei no banheiro e comecei a banhar-me em seguida. Meu corpo fervia e eu desejava refrescar-me.

Fechei os olhos, e mesmo lutando contra os pensamentos que dominavam minha mente, a imagem de Aurora, dormindo com seus cabelos cobrindo meu peito, preencheu minha mente.

Meu pau despertou ao me lembrar do seu gosto, do cheiro de sua pele e de tudo o que havíamos experimentado juntos.

Meses tinham se passado e eu ainda sentia sua falta de um jeito, que às vezes, parecia que eu não ia suportar.

Comecei a masturbar-me buscando alívio. Eu queria voltar a sentir uma fração do que havíamos tido, mesmo que fosse apenas com as imagens ainda vivas em minha mente.

As lembranças de seu corpo brincavam em minha mente, quase podia senti-la novamente, mas antes que eu pudesse deixar minha mente ir mais longe, a porta do banheiro foi aberta com brusquidão.

Elena me encarou incrédula.

— Saia — ordenei.

Ao invés de sair, Elena adentrou o banheiro e abriu a porta do box de vidro. Em seguida, ela se abaixou na minha frente. Seu olhar era determinado.

A água do chuveiro encharcou suas roupas fazendo o tecido colar em seu corpo. Ela não esboçou qualquer reação a isso.

Suas mãos seguraram a base do meu pau e sua língua passeou pela cabeça. Fechei os olhos não conseguindo evitar que o rosto de Aurora voltasse a dominar minha mente.

A boca de Elena chegava quase à metade de meu comprimento. Era pequena e ela não tinha cuidado com os dentes parecendo querer punir-me com seu ataque ao meu pau.

Lembrei-me da boceta apertada de Aurora e deixei que minha fantasia me levasse de volta até as sensações de possuir seu corpo.

Segurei a cabeça de Elena pelos cabelos, com força. Aumentei o ritmo fodendo sua boca.

O alívio desejado me alcançou em jatos. Afastei-me dela para voltar para debaixo do chuveiro e deixar a água me lavar.

Elena se levantou tirando a roupa para banhar-se junto comigo.

— Fiz outro teste de gravidez — disse às minhas costas. Senti meus músculos enrijecerem. Eu sabia que em algum momento o meu herdeiro viria, era o objetivo agora que eu estava casado. Um novo *Capo Crimine* para seguir meus passos, ainda assim, eu temia o momento que Elena me dissesse que estava grávida. — Ainda deu negativo — lamentou.

Respirei aliviado, era mais forte do que eu.

Alcancei a toalha de banho do outro lado do box e comecei a secar-me enquanto Elena terminava seu banho.

— Você me acompanha no almoço?

— Tenho uma reunião com um dos chefes aliados — disse. Era verdade, eu tinha uma reunião de trabalho.

Saí do banheiro e comecei a vestir a roupa. Elena saiu do banheiro quando eu terminava de colocar o relógio no punho.

— Você trocou a senha do seu celular.

— É de uso pessoal. Você não precisa saber a senha.

— Ainda fala com ela? — falou alterando o tom de voz.

— Não — respondi, virando-me em sua direção.

Elena pareceu farejar o ar andando até mim.

— Esse perfume é novo? — questionou.

— Não.

— Você trouxe a vagabunda para cá e agora vai se encontrar com ela não vai? — gritou.

— Eu não vou aguentar suas cenas de ciúmes, Elena — afirmei sem alterar minha voz.

— Se eu descobrir que se aproximou dela, eu a mato — ameaçou, levando uma das mãos até meu rosto para tocar-me.

— Se um dia chegar perto da Aurora, eu é que vou matar você — declarei, segurando sua mão com força.

— Eu posso te dar tudo o que você quiser, não é o bastante? — perguntou irritada.

— Pode me dar o divórcio? — Seus olhos queimaram.

— Nunca — era uma promessa.

— Não me espere acordada — avisei ao deixar o quarto.

Desci até a garagem da mansão onde Carlo já me aguardava ao lado de um dos meus carros blindados. Eu e Stefano só andávamos em blindados devido ao risco à nossa segurança por conta de nossas posições dentro da organização.

Entrei no veículo sentindo raiva de mim. Quanto mais eu tentava não pensar em Aurora, mas ela dominava minha mente. Meu corpo doía de saudade.

Tirei o celular do bolso e ao encontrar sua foto na tela, encarei a imagem da jovem mulher que podia me levar à loucura.

Sem pensar nas consequências, cedi buscando seu nome na agenda. Eu precisava ao menos ouvir sua voz. Eu precisava de um sopro de fôlego que somente Aurora podia me dar.

Assim que a ligação foi atendida, senti uma gota de suor escorrer por minha testa.

— Alô — a voz de um homem soou do outro lado. Meu corpo paralisou.

— A Aurora está? — perguntei ríspido, tentando não deixar o ciúme me dominar tão rapidamente.

— Não tem nenhuma Aurora aqui — disse o homem do outro lado. — Eu comprei esse chip de celular com esse número há uma semana. Não conheço nenhuma Aurora.

Desliguei o telefone sem dizer mais nada. Aurora tinha se desfeito de seu número de telefone. O único fio que nos unia fora rompido.

Senti-me caindo em um buraco escuro sem nada para agarrar-me.

Aurora tinha ficado em meu passado, definitivamente, mas não ia ser esquecida, minha alma jamais ia permitir.



DEZESSETE
AURORA

— Tia, eu nem acredito que consegui um emprego finalmente. — Abracei aquela senhora alta e magra de cabelos brancos que cozinhava à frente do fogão.

— Eu ainda acho que você deveria se preocupar com emprego apenas depois de alguns meses de seu filho nascer, mas se você deseja tanto voltar a trabalhar, fico feliz que tenha conseguido. — Ela sorriu.

— Deixe que eu termino o almoço — falei.

— Está pronto — ela anunciou, desligando a chama.

Ajudei tinha Dora a pôr a mesa e nos sentamos para almoçarmos juntas.

— Tia — iniciei. — Tem certeza de que não tem problema eu e meu filho ficarmos aqui por sabe-se lá quanto tempo? Não sei quando poderei alugar uma casa somente para nós dois.

— Eu já te disse que vocês são bem-vindos pelo tempo que desejarem ficar — ela disse servindo o seu prato.

— É que a tia está acostumada a viver sozinha, tem sua rotina. Uma criança muda tudo. Tem os barulhos, as noites em claro...

— Eu vou amar viver este momento com você, minha filha.

Sua mão quente e levemente enrugada se sobrepôs à minha fazendo um gesto de carinho.

— Essa casa sempre foi grande demais para mim e agora, finalmente ela será preenchida, seja por risos seja por choros, mas espero que nossos risos sejam infinitamente mais frequentes. — Ela riu me fazendo rir também.

— Começo logo no restaurante, assim que eu receber meu primeiro pagamento, vamos à loja de móveis, comprar aquele berço que vimos na semana passada enquanto passeávamos pelo centro. Vou colocá-lo no meu quarto por um tempo e também va...

— É... sobre isso... — Tia Dora começou a dizer com cautela. — Eu já comprei.

— Tia... — meu tom era de repreensão, mas também era de amor. — Eu disse que compraria assim que conseguisse um emprego.

— Eu vi que você gostou tanto do berço e daquela cômoda que não resisti.

— A senhora não comprou apenas o berço, comprou o quarto todo, não foi? — Eu estava grata, imensamente grata, mas não queria vê-la gastando tanto conosco. Ela já estava nos abrigando, isso já era muito.

— Você não imagina a felicidade que me dá poder proporcionar isso a você, Aurora — minha tia disse com lágrimas nos olhos. — Sua mãe não pode estar aqui para viver este momento, porém, a vida me deu este privilégio, então aceite o que eu faço de coração por vocês que são a única família que tenho.

Meus olhos se encheram de lágrimas também. Acariciei minha barriga com a outra mão.

— Nós temos muita sorte, filho — falei deixando uma lágrima cair.

— Agora vamos almoçar porque daqui a pouco chegam os entregadores da loja e nós teremos muito trabalho para deixar o quarto do menino pronto.

Assenti, limpando o rosto.



ALGUNS MESES DEPOIS

O quarto na maternidade onde estávamos era branco com uma faixa azul que cortava as paredes. O cheiro predominante ainda era de limpeza de hospital. Ao meu lado, tia Dora descansava em uma poltrona, ela havia passado todo o tempo que fora permitido ao meu lado e eu era muito grata por isso, sabia que devido à sua idade ela devia estar cansada.

O parto havia sido relativamente tranquilo, não pensava que ia conseguir dar à luz em um parto normal, mas eu havia conseguido.

Agora eu segurava aquele pequeno ser enrolado em uma manta azul em meu braços. Eu sentia o cansaço pelas horas do parto, mas não se comparava ao amor que dominava meu peito.

Eu olhava fixamente para seu rostinho enquanto os pensamentos corriam soltos em minha mente.

— Está tudo bem, filha? — Tia Dora me perguntou, acordando e esfregando os olhos.

— Estou com medo — confessei, baixo.

— Você vai se sair bem — ela disse vindo até meu lado na cama. — Ele é um menino abençoado por ter você como mãe.

— Com licença — ouvimos uma voz na porta do quarto. Rafaela entrava segurando uma grande sacola vermelha. — Trouxe algumas lembrancinhas para o mais novo residente de Amparo. — Ela entregou a sacola à tia Dora que me mostrou, estava recheada de presentes.

— Meu Deus, Rafaela — disse assustada. — Você e tia Dora não têm limites — brinquei com elas.

— Ele é lindo — falou aproximando-se do outro lado da cama. — Aproveite esse momento porque quando você piscar ele vai estar com dois

anos. — Rafaela era mãe de um menino lindo de dois anos chamado Pedro.

Depois que comecei a trabalhar no restaurante, Rafaela e eu nos tornamos próximas. Descobri que ela era cinco anos mais velha do que eu e tinha um menino adorável. Ela não falava sobre o passado, sobre o pai de Pedro e eu não perguntava. Ela também nunca questionou sobre a paternidade de meu filho. Sabíamos respeitar as feridas uma da outra, e assim nossa amizade vinha se fortalecendo.

— Eu não posso demorar hoje porque o restaurante está lotado. Mas assim que você for para sua casa, farei uma visita decente — explicou.

— Obrigada por ter vindo.

— Eu viria de qualquer jeito. Nem que eu precisasse fechar o restaurante — ela brincou, mas a essa altura, eu sabia que era verdade. Ela era esse tipo de amiga. — Me liga quando tiver alta?

— Não precisa se incomodar, Rafa. Chamaremos um táxi para ir para casa — disse.

— Até parece. Me liga — falou, fazendo uma cara de desagrado. — Logo vejo vocês de novo — despediu-se de minha tia e de mim. — Logo vejo novamente você também...

Meu filho pareceu reconhecer que chamavam sua atenção, mexendo-se em meus braços, no entanto, ainda mantinha os olhos fechados.

— E o nome? Decidiu-se? — perguntou.

Eu estive indecisa sobre o nome durante toda gestação.

A mãozinha de meu filho foi libertada da manta que circulava seu corpo. Segurei com leveza seus pequenos dedos e ele abriu os olhos.

Não pude evitar de me lembrar dos olhos intensos daquele homem italiano que marcou minha vida profundamente em tão pouco tempo.

Suspirei em uma mistura de amor, dor e saudade. Por mais que eu soubesse que ele havia me usado e abandonado, meu coração tolo ainda teimava em cultivar todas as sensações e sentimentos que ele havia despertado em mim.

— Ele se chamará Lorenzo. Lorenzo Almeida.

Minha amiga e tia Dora sorriram.

— É um lindo nome, filha — tia Dora disse aproximando-se.

Nenhuma delas sabia o que aquele nome significava para nós e talvez nunca soubessem.



DEZOITO
AURORA

As paredes beges e o piso de azulejo marrom da casa de tia Dora ganharam vida com o arco de bexigas azuis e brancas que enfeitavam uma das paredes da sala.

A mesa da cozinha foi arrastada para a frente do arco e enfeitada com toalhas da mesma cor das bexigas, assim como as pequenas forminhas nos doces. Havia uma bandeja com diversos salgados fritos e um bolo decorado no centro.

Eu estava satisfeita em cantar parabéns na frente de um bolo e tirar muitas fotos do meu menino que completava seu primeiro ano de vida, porém, tia Dora e Rafaela se uniram para convencer-me a fazer uma festa tradicional de aniversário.

Não havia sido um ano fácil até ali, as noites em claro, a primeira ida ao pronto-socorro por uma febre que não cedia com um antitérmico[17], os primeiros dentinhos, os primeiros passos e os primeiros sustos com as quedas. Contudo, nada se comparava à felicidade que era meu filho em minha vida.

Lorenzo, que carinhosamente chamávamos de Enzo, era a minha luz e acompanhar seu crescimento a cada dia enchia meu coração de alegria.

— Fotos, queremos muitas fotos — disse Rafaela animada. Direcionei-me para trás da mesa enfeitada com Enzo em meu colo. Dei um beijo estalado em seu rostinho fazendo com que os dentinhos de baixo aparecessem ao sorrir.

Tiramos muitas fotos, Rafa e tia Dora não iam se contentar com menos. Elas queriam muitas imagens daquele dia de todas nós comemorando aquele momento com meu menino.

— Achei que ficaram lindas — disse Rafa me mostrando as imagens no celular. Era inevitável olhar para aquelas fotos e não pensar se um dia Lorenzo, o pai, ia poder vê-las.

Eu lutava contra todos meus instintos para não pensar naquele homem, entretanto em momentos assim, eu cedia. Os olhos de meu filho eram uma cópia exata dos olhos de seu pai italiano. Os cabelos tinham a mesma cor, também levemente ondulado. E o rosto tinha traços cada dia mais parecidos.

— Não gostou? — perguntou Rafa, preocupada.

Abracei minha amiga apertado tentando não me emocionar mais ainda naquele momento.

— Está tudo perfeito, obrigada por isso — disse. Era verdade, em parte.

Foi uma festa apenas para a família, isso queria dizer que apenas eu, Enzo, tia Dora, Rafa e seu filho Pedro, festejamos.

Apesar do número pequeno de participantes, rimos e brincamos muito juntos. Eu amava essa família.

A festa só acabou quando os meninos, cansados, dormiram.

— Não se esquece de levar seu currículo na escolinha amanhã. — Lembrou-me Rafa. Eu ainda trabalhava em seu restaurante, mas quando ela soube que uma escolinha particular estava com uma vaga de professora aberta, correu para avisar-me. Era a chance de exercer minha profissão e ainda ganhar um pouco mais. Rafa era generosa com seus funcionários, nenhum restaurante da cidade pagava tão bem, eu sabia que se conseguisse a vaga de professora, logo ela ia ter outra pessoa trabalhando em meu lugar.

— Você quer mesmo se livrar de mim, não é? — brinquei com ela.

— Por mim você se aposentaria no restaurante — ela disse rindo. — Mas nós duas sabemos que você merece mais — falou séria.

Assenti.

Abri o portão para ela passar com Pedro adormecido em seus braços, em direção ao seu carro estacionado na rua.

— Te dou notícias — avisei.

— Espero que sejam boas — disse, colocando Pedro na cadeirinha do carro, antes de ir até o assento do motorista.

Fechei o portão assim que Rafa saiu com o carro. Entrei em casa e tranquei a porta.

Andei até meu quarto onde Enzo dormia em seu berço agarrado a um ursinho de pelúcia marrom que tia Dora tinha dado a ele. O quarto dele era ao lado do meu. Depois que voltei a trabalhar, comecei a acostumá-lo a dormir em seu próprio quarto, por mais que eu quisesse que ele ficasse ao meu lado o máximo de tempo possível, eu sabia que nós dois precisávamos daquilo.

— Ele brincou tanto com Pedro que ficou cansado — Tia Dora disse, parando ao meu lado na porta do quarto. Concordei.

— Eu vou limpar a bagunça e guardar na geladeira a comida que sobrou — anunciei.

— Deixa isso aí, filha — disse tia Dora. — Amanhã eu limpo sem pressa.

— De jeito nenhum — discordei. — Já passa das dez da noite, eu sei que normalmente a essa hora a senhora já está dormindo. Precisa descansar — falei, indo em direção à sala e começando a recolher a sujeira.

— Deixa isso aí — protestou ela vindo até mim. — Você também precisa descansar para acordar cedo e ir à escolinha amanhã.

— Em menos de uma hora deixo a sala limpa e organizada, não se preocupe. — Peguei com sutileza em seu braço e a direcionei ao corredor que levava até seu quarto.

Tia Dora se deteve no meio do caminho levando a mão ao peito.

— Ai! — Ela gemeu.

— O que houve, tia? — perguntei preocupada.

— Não é nada, filha — respondeu forçando um sorriso. — Foram muitas emoções hoje. Nunca pensei que seria tão feliz. Ter você e nosso pequeno Lorenzo aqui, mudou minha vida.

— A senhora tem certeza de que está bem?

— Sim — respondeu, tirando a mão do coração, respirando fundo.

— Não precisa me colocar para dormir. — Ela riu, enquanto eu a direcionava até sua cama. Busquei a coberta e a cobri em seguida.

Antes de eu sair do quarto, ela segurou firme em minha mão.

— Eu não estava brincando, filha. Você e o pequeno Lorenzo trouxeram muito amor a esta casa. Vocês deixaram minha vida completa.

— Tia... — falei com os olhos marejados. — Desde que minha mãe partiu a senhora sempre foi minha família. Sou imensamente grata por ter acolhido a mim e ao meu filho.

— Este é o lar de vocês.

— Eu nunca me senti tão em casa como me sinto aqui.

— Que bom, filha... que bom. — Sua voz estava baixa, imaginei que fosse o cansaço pelo dia agitado.

— Agora descanse — disse, aproximando-me e depositando um beijo em sua testa.

Deixei tia Dora em seu quarto e voltei à sala, pronta para arrumar tudo antes de ir dormir.



Quando o celular despertou ao lado, na mesinha de cabeceira, joguei a coberta para o lado e desci da cama.

Andei até o banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Passei os dedos levemente nos cabelos para não desmanchar as ondas claras e assentar melhor os fios.

Deixei o banheiro sendo quase puxada pelo cheiro de café que vinha da cozinha.

Parei em frente ao quarto de Enzo que já havia despertado. Ele estava de pé, agarrado às grades de madeira do berço.

— Não quis chamar a mamãe hoje? — disse pegando-o no colo para abraçá-lo. Quando ele acordava antes de eu vir buscá-lo, ele costumava me chamar, gritando “mama” até eu aparecer em seu quarto. — Está ficando independente, já? Mas você acabou de completar um aninho, rapazinho — falei, colocando meu menino de volta no berço para buscar uma fralda limpa e trocá-lo antes de irmos tomar café da manhã.

Ele ria encolhendo as perninhas e esticando-as de novo enquanto segurava-se nas grades do berço.

Troquei a fralda e a roupa de Enzo e o peguei no colo novamente para ir com ele até a cozinha onde tia Dora provavelmente já nos esperava com a mesa pronta.

Enzo enrijeceu o corpo fazendo menção de querer descer do colo. Desde que começou a dar os primeiros passos havia dois meses, ele não perdia a oportunidade de andar com as próprias pernas.

Segurei sua mão dando a ele o apoio necessário e juntos chegamos à cozinha.

— Olha quem não quer mais saber de colo, tia? — disse à Tia Dora que terminava de servir a mesa com pães, bolos e café.

— Eu estou vendo — falou abaixando-se para encarar Enzo. — É um menino muito independente. — Riu, fazendo Enzo rir também.

— Esse sorriso mostrando os dois dentinhos debaixo me fazem derreter, Aurora — Tia Dora comentou ao se levantar novamente. Ela pareceu fazer um esforço maior que o normal para colocar-se novamente de pé.

— Tia, a senhora está mesmo bem?

— É claro que estou, filha — garantiu.

— Vou marcar uma consulta para a senhora.

— Eu já tenho uma consulta para amanhã. Não se preocupe. — Ela me abraçou apertado e algo dentro de mim deixou-me perturbada.

— Tire essas rugas da sua testa — disse se afastando do abraço e passando o polegar na minha pele tentando desfazer os traços de preocupação. — Estou bem, garanto. — Voltou até a pia. — Você conhece o Marcio, do escritório de advocacia no centro, não é?

— Aquele onde acompanhei a senhora depois que o Enzo nasceu?

— Se acontecer qualquer coisa comigo, você deve procurá-lo.

— Agora chega! — pedi, chegando até ela e alcançando o seu punho com delicadeza para não a machucar. — Vamos nos trocar e ir até o médico. Quero ouvir da boca dele que a senhora está bem.

Ouvi uma gargalhada vindo de tia Dora que pareceu divertir-se com meu rompante.

— Eu estou bem, juro — garantiu ao se recompor.

— Amanhã, vou com a senhora a consulta agendada — declarei.

Enzo, estava apoiado em pé ao lado da cadeira na mesa enquanto eu começava a preparar sua mamadeira. Eu queria amamentá-lo por mais tempo, mas ele se acostumou com a mamadeira assim que voltei a trabalhar depois da licença-maternidade ter acabado.

Meu menino parecia empolgado, batia as mãozinhas na madeira se divertindo com o som. O olhar de tia Dora o vigiava com medo de que ele caísse a qualquer momento. Ele já tinha levado alguns tombos dentro de casa, felizmente, nada sério, aconteceu enquanto ele tentava equilibrar-se arriscando alguns passos sozinho.

— Hora da mamadeira — anunciei mostrando-a em minha mão. Enzo sorriu. Sentei-me com meu filho no colo e me equilibrei, dando a mamadeira a ele conforme tentava tomar meu café da manhã.

Depois do café, deixei Enzo com tia Dora a fim de me arrumar para ir até a escolinha. Um frio na barriga quis me assustar, mas não permiti que me dominasse. Eu ia fazer o meu melhor e esperava por boas notícias.



— E então? — perguntou Rafa ao me ver entrar em seu escritório nos fundos do restaurante.

— Consegui a vaga — disse radiante. Ela saiu detrás da mesa dando pulinhos e vindo abraçar-me. — Fui até a secretaria da escola, depois conheci a pedagoga e o diretor. Fiz a entrevista e então me pediram para esperar, e logo depois, me mandaram providenciar os documentos.

— Eu sabia! Temos que sair para comemorar.

— Não... — respondi.

— Faz tempo que não vamos a um barzinho e fingimos ser jovens — ela disse segurando o riso.

— Um outro dia — falei. — Além do mais, fomos intimadas para um jantar em família esta noite assim que liguei para tia Dora e contei a novidade.

— Então estaremos lá.

— Rafaela, estamos sobrecarregados, o rapaz novo está perdido e eu sozinha não estou dando conta das mesas — disse Manuela. Uma das garçonetes do restaurante.

— Ele começou ontem, tenha um pouco de paciência — pediu. — Vou ajudar em um instante — Rafa era esse tipo de chefe. Que colocava a mão na massa quando era preciso.

Segui minha amiga pelo corredor até a área dos funcionários. Ela lavou as mãos e colocou um avental. O cabelo longo e vermelho já estava preso. Fiz o mesmo que ela.

— O que está fazendo? — questionou-me.

— Vou ajudar.

— Não precisa fazer isso — disse carinhosa. — Agora você tem outro emprego. Vou providenciar a baixa na carteira e seus pagamentos o quanto antes. Vá para casa comemorar com a tia Dora e o Enzo.

Rafa tinha sido “adotada” por tia Dora também. Éramos uma família de três mulheres e dois meninos muito fofos e espertos.

— Nós vamos comemorar no jantar. Não preciso correr para casa quando posso te ajudar até o horário do almoço terminar.

— Você não existe — disse ao passar por mim.

Entrei no salão com os cabelos presos e o avental do restaurante. Dirigi-me a uma das mesas onde alguém com a mão levantada chamava por atendimento.

— Em que posso ajudar? — perguntei ao rapaz sentado à mesa ao lado do homem que reconheci ser o prefeito da cidade. Nunca havia conversado com o prefeito antes, mas o reconheci pois já o tinha visto no jornal local.

— Nós vamos querer dois pratos de feijoada, com todos os acompanhamentos e dois sucos de laranja para beber — disse o homem mais jovem, olhando o cardápio.

Assim que seus olhos subiram até meu rosto, ele pareceu surpreender-se.

— Você não é da cidade, é? — indagou.

— Aaahh... agora sou — respondi, meio sem jeito com sua pergunta direta. — Vão querer algo mais?

— É só isso mesmo, minha jovem — respondeu o prefeito.

Direcionei-me ao balcão para deixar o pedido da mesa do prefeito e conforme esperava que ficasse pronto, atendi outros clientes.

O horário do almoço parecia realmente atípico. Estávamos trabalhando os quatro a todo vapor para dar conta de atender todas as mesas.

— Bom apetite — desejei antes de sair da mesa do prefeito após servir o pedido. O rapaz, que devia ter minha idade, continuou a encarar-me enquanto eu os servia.



Depois do sufoco do horário de almoço, finalmente o restaurante começava a esvaziar.

— Obrigada de novo por isso, Aurora — Rafa reforçou.

— Eu que agradeço por ter me dado emprego quando eu estava gestante, muitos empregadores não fazem isso — ela assentiu, sabendo que eu dizia uma verdade.

Um dos clientes chamou por Rafaela em uma mesa próxima de onde conversávamos.

— Pode deixar o avental e ir para casa, descansar — não era um pedido. Era uma ordem da minha chefe.

Na sala dos funcionários, esvaziei meu armário e me direcionei ao salão novamente.

Do outro lado, vi que Rafa ainda falava com os clientes que a haviam chamado. Eles pareciam felizes, acenei de longe e saí do restaurante.

Ao atravessar a porta, quase trombei em alguém, mas me equilibrei a tempo de evitar o impacto.

— Está com pressa? — Era o homem jovem que acompanhava o prefeito. Olhei para trás encontrando o olhar de Rafa. Senti um vislumbre de preocupação passar por seus olhos.

— Estou — respondi sem ter a intenção de ser grosseira. Era verdade.

— Sou Arthur — disse estendendo a mão em minha direção. Aceitei o cumprimento.

— Aurora.

— Quer tomar um café, Aurora? — perguntou apontando com a cabeça para uma cafeteria do outro lado da rua.

— Preciso ir para casa, meu filho e minha tia me esperam.

— Ah, você é casada — um lampejo de decepção pareceu atingir sua face.

— Não — disse tentando não soar irritada por sua suposição. Eu não gostava quando supunham que eu era casada e gostava menos ainda quando perguntavam sobre o pai de Lorenzo. O que me irritava era o tom de julgamento que vinha acompanhado das perguntas. Para aqueles curiosos, eu costumava dizer apenas que o relacionamento não havia dado certo para nós dois e que havíamos decidido seguir vidas separadas.

— Podemos marcar outra hora então, quem sabe amanhã?

— Arthur, não é? — Ele confirmou com a cabeça. — Eu realmente preciso ir. Não quero ser arrogante ou mesmo me superestimar, mas no momento, não tenho interesse em conhecer nenhum homem. Namoros não estão em meus planos. Não me interessam.

Ele era um jovem bastante charmoso, mas eu não tinha cabeça para pensar em me relacionar novamente.

— E um amigo? Te interessa? — Ele deu um sorriso simpático.

— Talvez — disse não sabendo bem o que responder.

Ele retirou o aparelho de celular do bolso da calça e entregou-me com o teclado aberto.

— Digite o número de seu celular, podemos conversar um pouco. — Estreitei os olhos em sua direção. — Como amigos — ele enfatizou.

Digitei meu número de celular esperando não me arrepender e o devolvi ao Arthur.

— Quer uma carona? — ele perguntou. Havia um carro esportivo estacionado em frente ao restaurante, não sabia por que, mas suspeitei que fosse dele.

— Obrigada, mas gosto de andar — disse, antes de virar-me e começar a trocar alguns passos na direção da casa de minha tia, me amaldiçoando por não conseguir me esquecer da última vez que eu havia entrado em um carro de um homem que tinha acabado de conhecer.



DEZENOVE
AURORA

“Estou deixando a capital e me mudando definitivamente para Amparo”

Dizia a mensagem de Arthur na tela de meu celular.

“E seu escritório, a administração da sua empresa?”

“Trabalho remoto. Para o que não pode ser resolvido a distância, tenho os meus representantes na capital. Eu sou desta cidade, sabia que em algum momento da minha vida voltaria a viver aqui”

“Seja bem-vindo de volta, então”

“E sua tia, como está?”

“Estranha, ela garante que está bem, mas algo me diz o contrário. Ainda não acredito que não pude entrar com ela na consulta, na semana passada”

“Ela é idosa, mas é lúcida. Ela pediu para falar com o médico sozinha e você respeitou o desejo dela.”

“Estou com medo dela estar escondendo algo de mim”

“Ainda seria uma decisão dela”

“Eu sei. Só não quero... perdê-la”. Confessei

“Tudo ficará bem”

“Espero que sim. Boa noite, Arthur”

“Te vejo amanhã, professora”

Apesar da preocupação com minha tia estar dominando a maior parte de meus pensamentos, fiquei feliz com a notícia de que Arthur ia morar em Amparo. Ele passou a me acompanhar até o portão de minha casa quando deixava a escola todos os dias. E ainda me ligava ou mandava mensagem à noite.

Dividia com ele minha preocupação sobre minha tia quando não sabia com quem conversar sobre. Rafa estava preocupada com Pedro que estava com bronquite, não quis deixá-la ainda mais sobrecarregada.

Arthur sempre me chamava de professora ao me encontrar na saída da escola. A minha primeira semana em meu novo emprego foi uma experiência única. Meus alunos eram crianças de cinco anos, animados e adoravam atividades lúdicas[18].

Eu estava nervosa ao assumir a sala, mas eles foram tão carinhosos com a nova *profe* que logo esqueci que aquela turma era a minha primeira como professora e não como estagiária.

Saí do meu quarto e fui até Enzo que dormia profundamente em seu berço. Beijei sua testa e desejei boa noite ao meu filho.

Andei mais alguns passos indo em direção ao quarto no final do corredor. Abri a porta com cuidado e caminhei silenciosamente até a senhora que dormia na cama.

A respiração de tia Dora estava pesada. Também deixei um beijo em sua testa desejando boa noite.

Voltei até a cozinha para tomar um copo de leite morno para aquecer-me, apesar da noite de temperatura amena, eu sentia frio.

Notei a janela da sala aberta, estranhei, pensava ter fechado toda a casa ao anoitecer.

Um vento forte passou pela abertura dificultando o fechamento, insisti até conseguir fechá-la.

Voltei ao meu quarto me forçando a dormir e acabei sonhando com minha mãe. Eu pouco me lembrava de seu rosto, mas eu sabia que era ela.

Minha mãe não pronunciava uma palavra no sonho, contudo, eu sabia exatamente o que ela desejava falar.

Ela me dizia que eu ia ficar bem e que agora eu tinha duas protetoras. Ela estava em um jardim, era bonito, cheio de flores silvestres coloridas. Olhei para cima e enxerguei o céu mais azul que eu já tinha visto.

Eu sentia saudade na mesma proporção que me sentia em paz.

Acordei com aquele misto de sentimentos me dominando, passei a mão pelo peito como se pudesse retirá-los de dentro de mim.

Andei até o quarto de Enzo e o encontrei acordado no berço, olhando para o teto fixamente e sorrindo.

Troquei sua fralda e roupa como fazia todas as manhãs. Beijei seu rostinho.

— Titia — ele pronunciou. Ela falava algumas palavras e nós sempre vibrávamos quando isso acontecia.

— Já vamos ver a titia, meu amor — falei, guiando seus passos até a cozinha.

Estranhei ao chegar na cozinha e não encontrar tia Dora. Não havia nenhum indício de que ela havia se levantado.

— Acho que a tia Dora perdeu a hora — disse a Enzo. — Vamos fazer o café para ela e levar na cama? Ela deve gostar — falei empolgada.

Deixei Enzo em pé, se apoiando em uma das cadeiras que circulavam a mesa e coloquei a água para ferver. Naquela casa, café de cafeteira era um ultraje, tinha que ser coado e precisava ser no coador de pano.

Preparei o café, coloquei na xícara e servi um pão recheado com presunto e queijo e uma fatia de bolo de limão em um pratinho. Coloquei em uma bandeja e com Enzo segurando no meu pijama, fomos em direção ao quarto da tia Dora.

Abri a porta, empurrando-a com o ombro. Enzo me seguiu dando passinhos curtos.

Parei em frente à sua cama perdendo o fôlego ao enxergar seu rosto. Estava com uma coloração extremamente pálida. Os olhos estavam esbranquiçados, assustei-me.

Meu corpo começou a tremer, temi derrubar a bandeja e antes que tal coisa acontecesse, a coloquei sobre uma cômoda perto de sua cama.

Meu peito doía, eu não queria voltar até a cama e enxergar o corpo de minha tia daquela maneira. Eu não queria constatar que...

Peguei Lorenzo no colo e o levei de volta a seu berço, em seu quarto.

— Meu amor — iniciei com dificuldade de enxergar qualquer coisa à minha frente já que as lágrimas embaçavam minha visão.

Eu não conseguia continuar a falar, meu cérebro formava a frase, mas ela não passava por minha garganta que parecia estar sendo rasgada.

Senti as lágrimas caindo em cascatas por meu rosto, sem forças para tentar pará-las.

Enzo se abaixou em seu berço e pegou seu ursinho favorito.

— *Pega, mamã* — Ele me entregou o ursinho, o mesmo que tia Dora tinha dado a ele. Aceitei o presente, deixando as lágrimas correrem soltas. Enzo continuou me olhando. Em seguida, seus bracinhos curtos tentaram circular meu pescoço. Fazendo esforço para abraçar-me.

Peguei-o em meu colo e deixei mais lágrimas silenciosas se derramarem.

O som de uma ligação vinda do meu celular, ainda em meu quarto, chamou minha atenção.

Levei Enzo de volta ao seu berço.

— Preciso que fique aqui um pouquinho — disse tentando livrar o rosto das lágrimas. — Mamãe precisa resolver umas coisas, depois volta.

Eu não sabia o quanto meu filho entendia do que eu falava, mas desde que ele estava em minha barriga, eu conversava com ele.

Busquei o telefone em meu quarto. O nome de Rafa aparecia na tela. Respirei fundo tentando manter a razão no controle por um instante.

— Até que enfim, Aurora, estava ficando preocupada. Te mandei um monte de mensagens.

Um soluço escapou de meu peito trazendo mais lágrimas ao rosto.

— O que houve? — perguntou preocupada do outro lado da linha. — Aurora?

— A tia Dora... partiu — disse deixando um novo soluço escapar. A ligação ficou muda por um tempo. Eu não sabia se havia caído até ela falar novamente.

— Você está no hospital?

— Ela faleceu dormindo.

— Já ligou para o SAMU[19]?

— Não.

— Pedro já está melhor e por isso foi para a escolinha hoje. Vou até aí e no caminho ligo para o SAMU, eles precisam ir buscar... ela.

— Certo — disse com dificuldade.

Ao desligar o celular, entrei no modo automático, um que não permitia deitar-me na cama e chorar em posição fetal por ter acabado de perder a única pessoa que realmente havia se importado comigo.

Eu precisava cuidar de Enzo que dependia de mim.

Pensando nisso, esquentei a mamadeira que havia preparado um pouco antes e levei até o meu menino que brincava distraído em seu berço.

Uma mensagem de Arthur chegou e respondi avisando do ocorrido. Na mesma hora ele se colocou à disposição para ajudar-me. Avisei que Rafa estava vindo e havia acionado o serviço de emergência para levar... o corpo.

Arthur se ofereceu para ligar na escola onde eu trabalhava e explicar a situação. Eu disse que pedisse desculpas por mim, mas naquele dia eu não podia ir, que ia retornar no dia seguinte, já que o meu grau de parentesco com tia Dora, não me dava direito ao afastamento.

A porta da sala se abriu e Rafa entrou correndo para abraçar-me. Eu estava deitada no sofá, vigiando Enzo que brincava no tapete à frente.

— Eu sinto tanto — ela disse abraçando-me forte e chorando também.

Logo em seguida, o serviço de urgência chegou. Eu parecia ter deixado meu corpo por um tempo. Tudo parecia distante de mim.

Era uma bênção ter Rafa ali, foi ela que conversou com eles, quando eu não conseguia responder as perguntas. Minha amiga também ligou para o agente do plano funerário para acionar os serviços.

— O velório pode ser na capela da funerária? — Rafa me perguntou enquanto falava com eles ao telefone.

— Sim — respondi. Tia Dora não era uma mulher religiosa. Na capela ou em casa, não ia fazer diferença.

Ela havia partido para sempre.

Depois que o serviço de urgência deixou a casa, sendo acompanhados por Rafa que cuidava de perto de toda a parte burocrática do funeral, Arthur chegou em casa. Era a primeira vez que ele entrava naquela casa desde que havíamos nos conhecido.

Ele me abraçou com cuidado, deixando-me chorar em seu ombro.

— Então este é o Enzo? — disse abaixando-se e pegando um dos brinquedos em volta depois que consegui finalmente controlar as lágrimas.

— Na verdade, o nome dele é Lorenzo, mas o chamamos carinhosamente de Enzo.

— Prazer, Enzo — falou Arthur. — Meu filho sorriu. Fazendo um feixe de luz entrar em meu mundo que naquele momento estava tão escuro.

— Falei com a escola — disse Arthur, se virando para mim, ainda abaixado ao lado de Enzo.

— Eles compreenderam a situação? — perguntei temendo a resposta. — É claro que entendo que descontarão o dia de hoje pela falta, mas se não me demitirem, já estarei feliz.

— Disseram para tirar o resto da semana e resolver o que for preciso. Você voltará apenas na segunda-feira. Com os dias afastados, abonados.

— Sério? Isso é quase uma semana... não faz sentido — disse incrédula.

— Faz quando seu mensageiro é o filho do prefeito. — Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto.

— Mesmo estando grata, você não precisava usar sua posição desse jeito — adverti. Ele deu de ombros.

— O importante é que está resolvido.

— Obrigada por isso.

— E tem mais... — disse, levantando-se e atravessando a porta de entrada da casa. Da janela, observei seus passos até seu carro estacionado

na rua.

Ele voltou com três sacolas e dois cafés, nas mãos.

— Aposto que você não comeu nada.

— Não estou com fome — disse sinceramente.

— Mas precisa fazer um esforço. Onde é a cozinha?



Com Rafa e Arthur ao meu lado e principalmente por Enzo, consegui sobreviver ao funeral e passar pelas semanas seguintes.

Saber que toda manhã, eu não ia ver o rosto de tia Dora, separar suas coisas, e até mesmo ir até seu quarto vazio, me destruiu um pouco mais a cada dia, entretanto eu sobrevivi.

Eu sempre ia amá-la. E acreditava do fundo do meu coração que ela e minha mãe, onde quer que estivessem, iam estar olhando por nós.

E eu... precisava continuar seguindo em frente...



VINTE
LORENZO

ATUALMENTE

Faz mais de três anos que deixei o Brasil pela última vez.

Encarei a foto de Aurora na tela do meu celular. Não importava quantas vezes eu trocasse de aparelho de telefone, eu sempre mantinha sua imagem por perto mesmo sabendo que não precisava de uma foto para me lembrar de seu rosto, podia vê-la perfeitamente quando fechava os olhos.

— Espero que esteja admirando a imagem de sua esposa neste celular — ouvi a voz de Elena na porta de meu escritório.

— Não gosto de ser interrompido quando trabalho, sabe disso.

— Você vive trabalhando — reclamou. — Você sai todas as noites a trabalho e quando está em casa passa o dia trancado neste lugar — disse apontando ao redor da sala.

— Eu tenho que cuidar dos negócios. — Lembrei-a.

— Os negócios, a máfia, seu irmão caçula... sempre uma desculpa diferente para se manter distante.

Ela passou pela porta fechando-a em seguida.

Elena me encarou faminta enquanto caminhava, sem pressa, em minha direção.

Ela deu a volta na escrivaninha onde estava e girou minha cadeira em sua direção.

Suas mãos foram até a barra do vestido vermelho apertado em seu corpo, ela puxou o tecido até a sua cintura e com as pernas livres, sentou-se em meu colo.

Senti sua força quando ela enlaçou meu pescoço com os braços tentando me puxar para si, porém, não permiti que me arrastasse até sua boca.

Sua face se transformou e um olhar irritado tomou seu rosto. Elena era uma mulher que sempre teve tudo o que desejou. Ela não aceitava receber uma negação.

— Eu quero um filho — ela disse encarando meus olhos, ainda sobre meu colo.

— Teremos filhos quando for a hora.

— Nunca será a hora se depender da quantidade de vezes que você me toca. — Sua voz saiu mais alta do que meus ouvidos conseguiam suportar. — Você não gosta de mulher? É isso?

Ela sabia que não se tratava daquilo, entretanto, em sua cabecinha fraca, achava que ia mexer com minha masculinidade e conseguir o que desejava com uma provocação baixa.

Segurei firme em sua cintura, um sorriso sorrateiro passeou por seus lábios. Levantei-a carregando-a em meu colo. Abri a porta do escritório e soltei seu corpo do outro lado.

Elena se agarrou nas laterais da porta para não cair de bunda no chão. Segurei um riso de diversão. Ela se recompôs rapidamente, mas o olhar raivoso ainda marcava seu rosto.

— Você vai me pagar por isso — ameaçou.

Tranquei a porta com Elena do outro lado para não correr o risco de ser interrompido novamente e voltei para a frente do notebook sobre

minha mesa.

Havia mais de um ano que planejava abrir uma filial de minha fábrica têxtil no Brasil, em uma cidade no interior de São Paulo. Aquela empresa era minha, separada dos interesses da máfia, e isso me dava a liberdade de gerenciá-la da forma que me convinha.

Tinha alta probabilidade do negócio se concretizar já que o próprio prefeito da cidade onde a filial ia ser aberta tinha apoiado o projeto.

Uma batida na porta desviou minha atenção da leitura do plano de negócios à minha frente.

— Já disse que não quero ser perturbado, Elena — reafirmei, sem mover-me.

— É seu irmão — Stefano anunciou do outro lado.

Preocupava-me quando Stefano se denominava daquela forma, geralmente ele falava como subchefe, como meu *Consiglieri*. O papel de irmão ficava para situações mais delicadas.

Abri a porta para que ele entrasse no escritório, tornando a fechá-la assim que Stefano adentrava o local.

— Precisa ficar trancado agora? — perguntou, confuso.

— Elena — respondi. Era o bastante para ele entender.

— Ela ainda não quer ouvir falar no divórcio?

No começo, Stefano acreditava que eu podia ser feliz ao lado de Elena, mas com o passar do tempo ele entendeu que isso jamais ia acontecer.

— Ela jogou a porra de um vaso de flores em mim na última vez que toquei no assunto.

— Eu lamento, irmão — disse sinceramente.

— Minha vida se resume a ‘Ndrangheta e aos negócios. É tudo o que eu tenho e me traz sentido. O casamento foi parte disso e ao que parece, sempre será.

— E é sobre seus negócios, particulares, que vim falar — Stefano se sentou no sofá, ao centro de minha sala e eu, escolhi a poltrona ao lado.

— Eu sei que sou seu *Consiglieri* apenas na organização, mas o plano de negócios da sua nova filial, da fábrica têxtil, estava entre os

documentos que você pediu para que eu analisasse e eu vi a cidade que você escolheu para a instalação.

— Não é na cidade de São Paulo. É no estado — defendi-me.

— Isso tem a ver com a Aurora? — perguntou diretamente. — Eu te apoiarei em todas as suas decisões, irmão, eu juro, porém, preciso saber o que realmente está acontecendo. Se você for atrás dela, temos que estar preparados para as consequências.

Apoiei os cotovelos nas pernas e inclinei o tronco para a frente.

— Eu nunca esqueci a Aurora e sendo sincero, não acho que a esquecerei. Não sei o que aconteceu comigo naqueles dias no Brasil. Ela conseguiu romper barreiras e me fazer desejar o que eu sabia que não poderia ter. No entanto, eu nunca mais tive notícias dela. Confesso que cheguei a ligar para o número que eu tinha, esperando ouvir sua voz, mas o telefone não pertencia mais a ela. — Abaixei a cabeça. Falar de Aurora era como abrir uma ferida com as próprias mãos. — Eu vou a trabalho — declarei —, mas também planejo ir até a casa dela. Não vou mentir para você, irmão. Eu preciso vê-la. Eu preciso saber se ela está viva, se seguiu sua vida adiante se...

— Se ela ainda te ama?

— Eu sinto que morrerei por dentro se a encontrar com outro homem, sendo feliz e vivendo sua vida enquanto eu sonhei com ela todas as noites desde que a deixei, mas por outro lado, finalmente, poderei me convencer de que ela não me amava como eu a amo. E seguir em frente, com ou sem Elena.

— Isso pode não significar nada. Aos olhos de todos, você se casou com Elena e seguiu adiante.

— Minha situação é diferente. Eu fiz o que eu precisava fazer.

— E se ela não morar mais no mesmo lugar?

— Eu não sei — respondi sincero. — Eu sempre tenho um plano A, B, C... traçado, mas com Aurora, nunca houve um plano, apenas a vontade louca de tê-la e viver ao seu lado.



VINTE E UM
LORENZO

Eu estava dentro do carro blindado, do outro lado da rua, observando a casa de Aurora. Não havia qualquer sinal de movimento na pequena casa de madeira pintada de azul. O mato no quintal estava alto, dando sinais de que ninguém o limpava há muito tempo.

Não estava gostando da sensação que isso me causava.

Carlo me enxergou através do espelho retrovisor interno quando dei o sinal de que ia descer. Imediatamente, ele saiu do carro sendo seguido por Marino, o outro soldado que me acompanhava na viagem.

A porta ao meu lado foi aberta, desci do veículo e caminhei até o portão da casa de Aurora. Parei em frente à grade de ferro pintada de branco que estava sendo consumida pela ferrugem.

Sem sinal de campainha ou interfone ao redor, não sabia se chamava seu nome, batia palmas ou simplesmente entrava.

— Quem o senhor está procurando? — Ouvi a voz de uma mulher baixa, de cabelos grisalhos presos, parada no portão da casa ao lado.

— Aurora — respondi apenas. A mulher me olhou e depois direcionou sua visão para o carro preto blindado do outro lado.

— Ela foi embora — declarou fazendo um de meus maiores medos se tornar real.

— Permanentemente?

— Quem sabe? — a mulher resmungou. — Um dia ela simplesmente saiu carregando uma mala e uma mochila e nunca mais voltou.

— Tem ideia de onde ela possa estar agora?

— Nenhuma — respondeu a mulher.

Fiz sinal aos soldados indicando que voltaríamos ao carro.

Quando pisei em solo brasileiro, a primeira coisa que fiz, foi ir direto ao endereço de Aurora. Eu só queria vê-la. Nada era mais urgente do que aplacar essa necessidade que me consumia.

— Vamos trabalhar — disse sem humor. — O prefeito de Amparo nos espera.



VINTE E DOIS
AURORA

— As flores são para você. — Um entregador com a identificação de uma floricultura tradicional da cidade, estendeu o buquê em minha direção, na porta da minha sala de aula.

— Uau — consegui dizer.

— Sim! São cem rosas vermelhas colombianas — ele diz parecendo orgulhoso.

— São... lindas!

As rosas são maiores do que aquelas que encontramos normalmente e o seu vermelho é surpreendente.

— Obrigada — disse ao entregador antes dele se retirar.

Voltei para dentro da sala de aula deixando o buquê sobre a mesa para então abrir o cartão, em papel dourado, que acompanhava as flores.

“Querida Aurora, ou profe,

Hoje é um dia especial, já que o pequeno Enzo completa mais um ano de vida, e por isso quero convidá-los para um jantar no restaurante de sua amiga Rafaela.

Busco vocês às 19 horas.

Com amor,

Arthur.”

— A profe tem um namorado — uma de minhas alunas de seis anos gritou para a turma toda ouvir.

— Isso aqui. — Apontei para as flores. — Foi apenas um presente de um bom amigo.

Meus alunos, que naquela série tinham seis anos, riram todos juntos.

Eu não estava mentindo sobre Arthur, éramos bons amigos. Eu sempre soube de seu interesse em mudar nosso relacionamento, contudo, nunca me senti preparada para isso. Gostava de nossa vida como era.



— Que menino lindo — disse ao meu filho depois de aprontá-lo para o jantar com Arthur. — Quantos anos você está fazendo hoje? — Enzo se esforçou para mostrar três dedos em sua mãozinha.

— *Têis* — disse orgulhoso.

— Três anos, meu rapazinho lindo. — Beijei seu rostinho.

Estávamos prontos quando ouvimos a campainha do portão. Foi indicação de Arthur colocar campainha e câmera no portão de entrada da casa. Depois que a tia Dora partiu, me senti um pouco insegura por estarmos sozinhos, então não refutei a ideia.

Minha tia cuidou de nós até seu último momento. Ela sabia que seu coração não ia aguentar por muito tempo e por isso passou a casa e o dinheiro reserva que tinha para meu nome. Ela não quis que soubéssemos que seus dias estavam contados e por isso não nos disse nada a respeito. Eu preferia ter tido conhecimento do que estava acontecendo, queria ter me despedido, mesmo sabendo que a saudade ainda ia ser a mesma.

— Você está linda! — Arthur elogiou ao me ver. Escolhi um vestido de renda preta com um decote redondo e mangas curtas. O comprimento do vestido deixava minhas pernas à mostra e o salto da sandália de tiras finas me deixava um pouco mais alta.

— Obrigada — disse. — Você está muito elegante.

Reparei no paletó e gravata. Arthur usava esse tipo de roupa apenas nos eventos que seu pai organizava e que ele costumava me pedir para acompanhá-lo. Às vezes ia com ele e às vezes dava uma desculpa. Já tínhamos bastante fofoca a nosso respeito, tentava não piorar as coisas aparecendo sempre ao seu lado.

— Vamos? — ele convidou.

Voltei para dentro para buscar Enzo e fechar a casa.

O restaurante era perto de minha casa, não demoramos para estacionarmos em frente ao local.

— Por que está tudo apagado e silencioso?

— Pedi a Rafaela que reservasse esta noite apenas para nós.

Desci do carro e retirei Enzo da cadeirinha no banco de trás. Segurei em uma de suas mãos levando-o até a porta. Não me surpreendi quando Arthur segurou a outra mão de Enzo. Sempre caminhávamos os três juntos pela cidade. Qualquer um que nos visse, pensaria que éramos uma família comum. O que não ajudava no controle de fofocas.

Abri a porta que estava apenas encostada e acionei o interruptor ao lado.

Ouvi o grito de alegria de Enzo assim que enxergou a piscina de bolinhas, as bexigas espalhadas por todo o local e as pessoas vestidas de dinossauros vindo em sua direção.

A fase atual de Enzo era marcada pelo fascínio por dinossauros. Desde filmes a brinquedos, e Arthur não deixou passar despercebido trazendo a temática para a festa.

— Isso é loucura — disse olhando ao redor.

— Ele merece — falou soltando a mão de Enzo que correu na direção de Pedro, filho da Rafa, do outro lado da sala. Eu sabia que os dois iam se divertir muito naquela noite.

Minha amiga estava logo atrás do filho e esperou que Enzo se juntasse a ele para vir ao nosso encontro

— Preciso atender, é rapidinho — disse Arthur ao olhar a tela de seu celular que tocava. Ele se afastou.

— Eu não acredito nisso — eu disse a Rafa.

— Ele fez questão de alugar o restaurante para fazer essa surpresa — falou tentando não torcer a boca em desagrado.

— Eu ainda não entendo por que você implica com ele — repreendi. Rafa nunca gostou de Arthur. Ela o tratava com educação quando ele estava por perto, mas era só isso. Desde que nos tornamos amigos ela tinha um pé atrás com ele. — Você sabe de algo que eu não sei sobre ele?

— Não — respondeu na mesma hora. — É uma sensação. Um negócio estranho. Eu não sei te explicar — disse parecendo aflita. — Sabe aquela coisa de lobo em pele de cordeiro? Ele é muito bonzinho...

— Isso é paranoia da sua cabeça... — discordei.

— Pode ser, sei lá.

— Meu pai vai receber um empresário lá em casa hoje, lembrou-me que preciso estar lá. — disse Arthur ao retornar até nós.

— Entendi a roupa. — Sorri.

— Mas primeiro, vamos cantar parabéns, vamos nos divertir com o aniversariante e depois, os negócios.



Tirei Enzo da cadeirinha quando voltamos até minha casa. Ele dormia profundamente depois de brincar tanto na festa surpresa preparada por Arthur.

O gesto de Arthur havia mexido comigo, eu precisava admitir. Ele não havia dado uma festa para mim, mas para Enzo que se divertiu durante

toda a noite. Era fácil enxergar seu cuidado comigo e com meu filho desde que nos conhecemos e isso aquecia meu coração.

Deixei Enzo em sua cama e voltei à sala onde Arthur respondia uma mensagem em seu celular.

— O empresário chegou. Preciso ir — lamentou. — Eu tinha outros planos para esta noite, mas quando meu pai ficou sabendo que o tal empresário já estava a caminho, me fez jurar que estaria em casa para recebê-lo.

— Eu entendo — disse. — Obrigada por tudo.

Senti a mão de Arthur deslizar suavemente sobre meu braço até as pontas de meus dedos. Seus olhos encararam os meus e ele se aproximou um pouco mais.

Fechei os olhos quando senti seus lábios tocaram os meus. Pela primeira vez eu estava disposta a aceitar. Era um beijo calmo e doce. Deixei que ele continuasse. Seus braços enlaçaram minha cintura trazendo meu corpo junto ao seu.

Quando nos afastamos encerrando o beijo, Arthur sorria.

— Eu esperava por isso há muito tempo, Aurora. — Eu não disse nada. Não sabia o que responder. — Amanhã à noite, meu pai planeja dar um jantar para o tal empresário. Vai chamar algumas pessoas influentes da região. Me acompanha?

Eu devia dizer não e esperar que o tempo esclarecesse se eu seria capaz de dar uma chance a nós.

O beijo de Arthur não me fez perder o ar. Meu corpo não fraquejou com seu toque. Não era nem um pouco parecido com o que eu havia sentido por Lorenzo, contudo, mais de três anos já haviam se passado. Talvez as lembranças e sensações vividas com aquele homem tivessem sido superestimadas. Talvez eu precisasse finalmente, voltar a viver no mundo real.

— Sim — respondi finalmente.

— Amanhã te busco às dezenove horas, então. — Deu-me mais um beijo suave antes de se afastar e passar pela porta.



No outro dia, acordei com o som da campainha tocando.

Saí da cama ainda sonolenta e andei até a porta da sala. Olhei no pequeno monitor ao lado que mostrava a imagem da câmera na entrada da casa. Havia um entregador no portão, ele segurava duas caixas grandes e bonitas.

Recebi as caixas do entregador e voltei para dentro de casa. Abri a primeira embalagem. Um vestido de gala vermelho preencheu meu campo de visão.

Estendi a peça enorme à minha frente imaginando-a em meu corpo. A parte de cima não tinha mangas e um corpete justo anunciava que a cintura ia ficar marcada. A saia do vestido apresentava um pouco de volume e uma fenda que marcava a lateral.

Abri a outra caixa encontrando uma sandália dourada de tiras finas. Era realmente linda.

Deixei tudo em cima do sofá e corri para buscar meu celular.

Assim que peguei o telefone, notei que havia uma mensagem de Arthur na tela.

“Você será a mais linda das mulheres no jantar”

“Eu... adorei... obrigada por isso. Agora preciso conseguir uma hora no salão. Sábado é um dia difícil de conseguir horário sem agendamento antecipado.”

Fiquei algum tempo olhando a tela do celular, estava prestes a me despedir quando outra mensagem chegou.

“Pode ir até aquele que fica em frente ao prédio da prefeitura. Tem uma reserva em seu nome para fazer o que desejar”.

“Não usou seu nome de novo para conseguir isso, usou?”

“De que valeria ser o filho do prefeito se não fossem certas vantagens”?

“Você é terrível”.

“Vou buscar o Enzo para que possa aproveitar seu dia no salão. Até daqui a pouco, Aurora”.

Senti-me subitamente ansiosa. Uma sensação estranha, de que algo importante estava prestes a acontecer, se infiltrou em mim.

Balancei a cabeça tentando ignorar. Era culpa do nervosismo. Meu relacionamento com Arthur estava tomando outro rumo e aquilo me deixava um pouco assustada. Mudanças sempre assustavam.



— Nossa! É incrivelmente lindo — Rafa disse ao olhar o vestido.

Liguei para a Rafa e pedi que viesse à minha casa. Eu queria mostrar a ela o vestido e contar sobre a noite anterior. Estávamos as duas em meu quarto admirando a peça.

— Eu gosto muito dele.

— Do Arthur? — indaguei confusa.

— Do vestido — disse fazendo uma careta enquanto ainda segurava aquele monte de tecido vermelho.

— Estou sentindo que esse jantar vai ser diferente.

— Você já o acompanhou antes — Ela me lembrou, em pé, ao lado da cama onde eu estava sentada.

— Mas das outras vezes, eu não tinha deixado ele me beijar uma noite antes.

O vestido caiu no chão e a Rafa se apressou para juntá-lo novamente. Eu segurei o riso ao ver sua reação.

— Certo — ela disse se recuperando. — Eu não gosto dele, mas também não tenho nada que justifique meu desgosto. Então, vou torcer para

eu estar errada sobre ele. Quero muito que você e Enzo sejam felizes.

— Obrigada — disse me levantando e abraçando-a.

— Falando nisso... — Afastou-se logo do abraço. Rafa não era muito de cenas emotivas. A única vez que a vi expressar seus sentimentos foi no dia que soube que tia Dora havia morrido. — Onde está o menino lindo da tia?

— Arthur veio buscá-lo e passará o dia com ele para que eu possa aproveitar o salão de beleza. Tenho um agendamento e preciso sair daqui a pouco.

— Assim eu fico sem argumentos — reclamou. — Vamos, então. — Guardou o vestido dentro da caixa ao lado. — Eu te deixo em frente do salão. A roupa de princesa você já tem, vamos cuidar do resto. O tal empresário nem será notado quando você entrar naquela casa — disse me fazendo rir.



CAPÍTULO

VINTE E TRÊS
LORENZO

— Pode falar, Stefano — atendi a ligação.

— Como estão as coisas por aí? Encontrou ela?

— Aurora não mora mais na mesma casa e não temos informações de onde ela pode ter ido. Acredito que ela tenha... seguido em frente. — Meu peito doeu ao pronunciar tais palavras.

— Sabe quando retorna para casa?

— Acredito que em uma semana, no máximo. Estou hospedado na casa do prefeito da cidade. Ele fez questão que eu ficasse aqui pelo tempo que permanecerei na cidade. Ainda tem a porra de um jantar que ele quer dar em minha homenagem hoje à noite. Uma merda dessas.

— Espera... espera. — Ouvi meu irmão ralhar do outro lado durante a ligação.

— Eu não acredito que você está no Brasil, Lorenzo — Elena gritou enquanto falava ao telefone.

— Você tirou o celular da mão de Stefano? — indaguei incrédulo.

— Precisei, já que você não me atendeu desde que saiu para esta suposta viagem de trabalho.

— Elena, escute bem — falei pausadamente. — Estou no Brasil a trabalho e não vou atender o telefone apenas para responder aos seus caprichos. Quando eu puder, ligarei para você.

— Você não sabe do que eu sou capaz, Lorenzo. — Ameaçou.

— Devolva o celular ao meu irmão, agora — ordenei.

— Vigie essa maluca de perto — disse ao meu irmão, antes de encerrar a ligação.

O quarto de hóspedes na casa do prefeito ficava localizado no segundo andar da casa, tinha uma porta de vidro que dava acesso a uma sacada privativa.

As cores do ambiente eram predominantemente claras e o local bem-iluminado.

Tirei o paletó e atravessei a porta de vidro observando o local ao redor. Havia uma pilastra dominada por trepadeiras à minha direita e à esquerda, a sacada do quarto ao lado onde os soldados Carlo e Marino estavam alojados. Vi Carlo na porta e acenei confirmando que estava tudo bem.

O jardim de grama verde e plantas ornamentais circulavam a casa. Assim como grandes arbustos protegiam os muros ao redor. Havia também uma piscina retangular que tomava conta de parte significativa do espaço.

Debrucei-me sobre a grade de proteção de ferro, mas levantei-me em seguida quando um movimento à minha frente, chamou atenção. Havia uma criança pequena andando na borda da piscina. Olhei em volta e ninguém parecia estar por perto. Preocupei-me, será que sabia nadar? Ele estava muito próximo da água.

O temor se tornou um perigo real quando o menino tropeçou e caiu na água. Não ia esperar para ver se ele sabia ou não nadar. Pulei da sacada agarrando-me na pilastra ao lado.

Desci até o chão sentindo meus braços queimarem pela fricção e pelas trepadeiras. Um medo irracional se alojou em meu peito enquanto corria em uma velocidade que nunca experimentei antes.

Mergulhei segundos depois. Alcancei o menino que se debatia desesperado dentro da piscina.

Nadei até a escada lateral cuidando para manter a cabeça da criança para fora da água.

Ele tremia assustado em meus braços.

— Ei, está tudo bem, *bambino*[20] — disse tentando acalmá-lo assim que pisamos na grama. Sua cabeça se afastou de meu ombro e vi intensos olhos verdes me encararem.

Perdi o ar ao observar de perto seu rosto. O menino parecia uma versão minha de quando eu era criança. Era assustador para caralho!

— Meu Deus! O que houve? — o prefeito e seu filho perguntaram assustados, olhando minhas vestes sujas, rasgadas e encharcadas.

Sangue escorria pelo meu braço direito e pingava sobre a grama onde eu estava.

Os soldados que chegaram à piscina logo após eu pular na água já estavam a postos, ao meu lado.

— O menino — eu disse tentando não me mostrar abalado pela criança que segurava nos braços —, caiu na piscina. Eu vi da sacada e desci pela pilastra para retirá-lo da água. Ele bebeu um pouco de água, mas não chegou a perder a consciência.

— Além de um empresário de sucesso, o homem é um heroi — disse o prefeito. — Agradeça ao homem, Arthur — o político chamou a atenção do filho. — Duvido que a professora, mãe do menino, te perdoaria se algo acontecesse a essa criança.

— Venha, Enzo. Precisamos trocar essa roupa antes de levar você de volta à sua mãe — o rapaz disse parecendo despreocupado.

O menino voltou a se aproximar do meu peito, grudando em minha camisa molhada. Ele ainda estava assustado.

— Ei — disse encarando seus olhos assombrosamente parecidos com os meus. — Você ficará bem agora. Não se preocupe.

— Venha, Enzo — insistiu, o rapaz.

O menino cedeu, e no momento em que ele deixou meus braços, uma sensação de perda foi deixada no lugar.

— Vamos entrar também. Precisa olhar esse braço, senhor Santoro.

Segui o prefeito indo em direção ao interior da casa. Olhei para o rosto daquele menino ao lado mais uma vez e... Era coisa da minha cabeça.

Estava perturbado pelo acidente. Apenas aquilo.



VINTE E QUATRO
AURORA

— Está tudo bem, Aurora? — Arthur me perguntou antes de passar pelos portões da propriedade de seu pai.

— Eu não sei. Estou preocupada com Enzo. Ele estava tão calado quando o deixei na casa da Rafa. Aconteceu algo diferente durante o dia?

Arthur encarava a direção do veículo sem desviar os olhos do caminho que levava à mansão.

— Absolutamente nada — garantiu.

— Ele deve estar ficando doentinho, então — concluí. — Melhor eu voltar para casa. Eu chamo um táxi — disse ao pararmos em frente à entrada de sua casa.

— Aurora — ele falou em tom calmo. — Enzo está bem. E está aos cuidados da pessoa que você mais confia. Rafaela te chamará imediatamente, se for o caso.

Pensei um pouco em suas palavras. Rafa não ia hesitar em me procurar se Enzo precisasse de mim.

— Vamos curtir a noite. Enzo está bem.

— Certo. Você tem razão — concordei.

Abri a porta de seu carro e desci tentando ignorar aquela sensação estranha que andava me acompanhando.

Minha cintura foi circulada por um dos braços de Arthur e deixei que ele nos guiasse pela escadaria da casa até a enorme porta da entrada.

Ao adentrarmos o local, o burburinho cessou. Senti todos os olhares sendo direcionados a nós dois.

Olhei para o lado e notei que Arthur sorria.

— Você está deslumbrante — ele sussurrou ao meu ouvido. Desejei que suas palavras me acalmassem, mas ao invés disso, senti-me apenas mais nervosa.

Arthur me guiou pela grande sala apresentando-me a políticos e empresários da cidade que eu conhecia apenas pelos nomes.

Eu sorria tentando disfarçar o nervosismo, porém, algo estava errado... algo dentro daquela sala. Era com uma presença que me circulava.

Comecei a sentir como se o ar do ambiente fosse pouco para todos que estavam ali dentro.

Diferente de mim, Arthur parecia estar adorando a atenção que recebia.

— O presidente da câmara municipal quer falar com você, Arthur — Seu pai anunciou ao se aproximar de nós dois.

— Me dá um minuto — pediu Arthur.

— Claro — respondi rapidamente.

Assim que vi Arthur se afastar e se juntar a outro grupo de homens, andei até a porta lateral. Depois de ir algumas vezes àquela casa, eu já sabia onde me esconder quando precisava me afastar.

Respirei fundo, contudo, a sensação de falta de ar parecia não passar.

Olhei para baixo e passei a mão pelo tecido do lindo vestido de gala vermelho. O corpete estava muito apertado? Não estava acostumada a esse tipo de roupa.

Andei até uma das mesas de ferro do jardim e sentei-me.

A noite estava fresca, respirei fundo novamente não entendendo de onde vinha minha agitação.

Abri minha pequena bolsa de mão dourada e retirei meu telefone de lá de dentro. Havia cinco chamadas perdidas da Rafa.

Desesperei-me.



VINTE E CINCO
LORENZO

Meus olhos não acreditavam no que viam. Não parecia real. Eu devia estar sonhando naquele momento.

Estava no canto esquerdo do salão, conversando com políticos da cidade sobre a filial que íamos trazer e de repente todos fizeram silêncio e viraram suas cabeças na direção da porta.

Usando um vestido vermelho apertado para caralho na parte de cima, Aurora segurava um sorriso no rosto ao lado daquele moleque. O filho do prefeito.

Tive vontade de correr até ela, jogá-la sobre meus ombros e carregá-la para longe de todos aqueles olhares cobiçosos. Depois de arrancar a mão daquele fedelho que segurava sua cintura, é claro.

— Ela é linda — disse, empolgado, um dos homens ao meu lado. — Arthur tenta namorá-la desde que voltou à cidade há aproximadamente dois anos. Ele não deixa ninguém se aproximar dela e parece que agora, finalmente conseguiu dobrá-la. — Riu.

Senti meu maxilar enrijecer e controlei-me para manter minha súbita ira sob controle.

Meu telefone tocou me chamando atenção. O nome de Stefano apareceu na tela.

— Com licença — disse antes de deixar os políticos que pareceram mais entusiasmados em falar sobre a conquista do filho do prefeito do que dos benefícios que a minha filial ia trazer à cidade.

Evitei passar pelo meio do salão para não deixar que o casal que acabava de adentrar o local me visse, ainda.

— O que houve, Stefano?

— Sua esposa está determinada a ir ao Brasil.

— Inferno! — bradei.

— Não posso lidar com a Elena agora — disse baixo, escondido nas sombras da noite ao lado dos arbustos próximos à porta lateral. — Tranque-a em casa se for necessário, mas não deixe que ela venha ao Brasil. Vou me resolver com ela de uma vez por todas quando voltar.

— Você a encontrou, não encontrou?

— Sim.

— Devemos temer uma rebelião interna?

— Estarei pronto para a guerra se for o caso, mas desta vez, nada e nem ninguém ficará entre mim e Aurora.

— Cuidarei de tudo até que retorne.

— Eu sei que posso contar com você, Stefano.

— E irmão... Boa sorte.

Desliguei a ligação e devolvi o celular ao bolso. Assenti olhando para os soldados que estavam ao meu lado, também ocultos pelas sombras.

Estava pronto para voltar ao salão, mas detive-me no lugar quando um vulto vermelho passou rapidamente pela porta que dava acesso ao jardim onde eu estava. Eu não precisava que se virasse para saber que era... ela. O seu cheiro ainda era exatamente o mesmo.

Minha ânsia por tê-la novamente, por declará-la apenas minha, começou a consumir-me.

Eu desejava com todas as minhas forças que Aurora tivesse sentido apenas um pouco da falta que ela me fez por esses anos que passamos afastados. Uma fração da saudade e da dor que sua ausência me causou, e era o bastante para que eu tivesse esperança de novo.

Ela se sentou em uma cadeira ao redor de uma das mesas do jardim. Mesmo com pouca luz, pude reconhecer cada traço de seu rosto, de seu corpo, eram exatamente do jeito que eu me lembrava.

Minhas mãos queimavam desejando tocá-la. Fiz força para controlar meus impulsos.

Ela pareceu assustar-se depois de ver algo em seu celular. Levantou-se da cadeira na mesma hora e começou a andar em círculos, impaciente, enquanto mantinha o telefone no ouvido.

Dei um passo adiante, não conseguindo esperar mais. Eu precisava... dela.

Uma mulher alta, de cabelos vermelhos, usando moletom, passou pela mesma porta que eu e Aurora usamos para acessar o jardim.

Recuei novamente, voltando à posição que eu estava.

A mulher estava com um menino no colo. Eles estavam a poucos metros de mim, mas eu ainda não tinha enxergado seus rostos. Não conseguia desviar meus olhos de Aurora temendo que ela desaparecesse a qualquer momento.

— Me desculpe, Aurora — lamentou a mulher. — Ele estava com febre. Dei o remédio, mas a febre não baixou e quando ele começou a chorar e chamar por você. Achei melhor trazê-lo. Tentei te ligar...

Senti como se o mundo parasse no momento em que ouvi a palavra que saiu da boca do menino naquele instante.

— Mãe — ele disse ao agarrar-se ao pescoço de Aurora.

O choque se tornou completo quando reconheci a criança de olhos verdes que eu havia salvado na piscina horas atrás.



CAPÍTULO

VINTE E SEIS
AURORA

— Me desculpa por isso, juro que não queria estragar sua noite — lamentou-se Rafa.

— Está tudo bem — falei a ela. Passei a mão na testa de Enzo, sua temperatura estava realmente alta.

— O que houve? — Arthur perguntou ao nos encontrar no jardim. — Está tudo bem com o garoto? — Enzo grudou mais forte em meu pescoço escondendo o rosto nele.

— Está com febre.

— Já deu remédio? — ele questionou Rafa.

— Acha mesmo que eu viria até aqui sem nem ao menos dar um remédio antes? Dei o antitérmico, tentei deixá-lo confortável em casa, mas a febre só está aumentando, além disso ele não queria comer nada e não parava de chamar pela mãe.

— Eu vou levá-lo ao pronto-socorro. Não deve ser nada grave — anunciei esperando que realmente não fosse nada demais. — Já passamos por isso antes, não é, meu amor?

Encarei o rostinho com bochechas vermelhas de Enzo.

— Amiga, tudo bem se eu voltar para casa? Deixei Pedro com uma vizinha, saí às pressas. Acredito que o Arthur possa te levar, não pode? — Ela o encarou.

— Infelizmente meu pai precisa de mim esta noite. Se sair deste jantar, terei problemas. Mas eu chamo um táxi para você, Aurora.

— Um táxi. Sério, Arthur? — minha amiga disse irritada. — Ela precisa de mais do que um motorista no momento.

— Eu sei, mas é que...

— Ei! Vocês dois! — disse tentando não me exaltar para não assustar Enzo. — Não precisam brigar. Como eu disse, não é a primeira vez que levo Enzo ao pronto-socorro. Sou mãe dele há três anos, lembram-se?

Minha amiga fulminava Arthur enquanto retirava o telefone do bolso.

— O carro chegará em quinze minutos — Rafa disse após encerrar a ligação para a companhia de táxi. — Quer que eu espere o táxi com você?

— Não se preocupe com isso. Obrigada por trazê-lo.

— Pelo menos espere até que ela entre com o menino no táxi — minha amiga falou segurando firme no braço de Arthur.

Suspirei. Esses nunca iam se entender.

Olhei no relógio do celular pela terceira vez. A hora parecia não passar.

— Aurora... eu preciso... — Arthur falou dois minutos após a saída de Rafa.

— Vai — disse. — Eu sei que esses jantares são parte do trabalho de vocês.

— Te ligo mais tarde para saber de vocês — assenti.

— Vamos dar uma volta? Tudo bem, meu amor? — falei ao meu filho que permanecia calado.

Andei pela calçada de pedras que cortava o jardim. Perto da piscina, peguei a bifurcação à direita para me direcionar à entrada da casa onde ia poder esperar o táxi.

Aquela sensação desconfortável continuava a incomodar-me.

O barulho das conversas e risadas estavam distantes, abafadas dentro da casa.

— Vai ser lindo sua mãe chegar ao pronto-socorro com um vestido de gala. — Dou risada, brincando com meu filho. Passei a mãos em seus fios ondulados e beijei sua testa. Enzo estava quietinho em meu colo.

— Aurora — uma voz grave e familiar fez com que todos os músculos do meu corpo se enrijecessem.

Um rosto que nunca esqueci preencheu minha mente enquanto disse a mim mesma que era impossível.

Fechei os olhos com força temendo estar alucinando.

— Aurora — ele repetiu meu nome. Exatamente do jeito que eu me lembrava com mesmo tom e sotaque. Meu coração errou uma batida.

Abri os olhos e enxerguei o rosto de Lorenzo sobre mim.

— O senhor... se enganou — disse baixo, tentando disfarçar o quanto estava afetada. Dei dois passos para o lado, mas senti meu braço ser agarrado por ele.

Meus olhos queimavam em uma mistura de dor e saudade. Segurei as lágrimas que se formavam como se minha vida dependesse disso.

— Me solte, senhor. Preciso ir agora — pedi entredentes.

O olhar de Lorenzo recaiu sobre Enzo, em meus braços. Ele levantou a mão e passou os dedos em seus cabelos, suavemente, como eu havia feito instantes antes.

— Eu vou levá-los — ele anunciou.

Um carro enorme parou em frente à casa do prefeito na mesma hora. Reconheci Carlo ao volante.

— Eu já chamei um táxi, senhor. Agradeço, mas...

— Não consigo acreditar que não me reconhece. — Seu tom era de seriedade. — Se você tiver pensado em mim uma pequena fração das vezes que sonhei com seu rosto, Aurora... Isso já será o bastante para reconhecer-me por esta e pelas próximas vidas.

Engoli em seco.

— Eu não vou com você a lugar nenhum — avisei. Sua cabeça se direcionou à janela no canto da casa onde alguns homens observavam nossa interação.

Cedi para evitar prolongar o debate. As pessoas dali já se achavam no direito de debater sobre minha vida, imaginava o que não iam falar ao presenciar uma discussão com Lorenzo na porta da casa do prefeito.

Entrei no carro nos acomodando no banco detrás.

— Preciso ligar para a companhia de táxi e cancelar a corrida — disse ao passarmos pelo portão da mansão. Enzo dormiu em meu colo. Seu corpo ainda continuava quente, preocupando-me.

— Eu já fiz isso.

— Quando? — perguntei tentando não elevar o tom de voz.

— Logo após sua amiga ligar para eles e seu namorado te deixar sozinha com... Enzo, certo?

— Você não tinha o direito de fazer isso. E se eu não tivesse aceitado vir com você? Estaríamos esperando o táxi até agora.

— Essa possibilidade nunca existiu. Você e meu filho. Estão sob meus cuidados agora — ele disse sem hesitar.

— Nós não vamos ter essa conversa agora, Lorenzo.

— Agora não. Mas acredite, falaremos sobre isso.

Enzo se mexeu no meu colo, acordando. Quando abriu os olhos, encarou Lorenzo ao meu lado.

— Está tudo bem, meu amor. Ele é um... amigo antigo da mamãe. Estamos indo ver o médico para você ficar melhor.

Os olhos de Enzo encaravam Lorenzo de uma forma que eu nunca o tinha visto fazer antes.

Lorenzo estendeu os braços na direção de meu filho que inclinou o corpo em sua direção. Surpreendendo-me.

Mesmo sentindo que estava me traindo ao permitir tal coisa tão rapidamente, deixei que ele fosse ao colo do homem que era seu pai.

— Ele não é de fazer isso. É um menino amigável, mas geralmente não vai no colo de estranhos.

— Eu não sou um estranho — disse sério.

— Para ele você é.

— Eu o conheci esta tarde — fiquei confusa com sua declaração.

— Quando? Como? — perguntei tentando entender.

— Quando ele caiu na piscina e eu pulei da sacada do quarto onde eu estava para tirá-lo da água.

— Enzo caiu na piscina? — perguntei incrédula.

— Seu namorado não te contou?

— Não. Ele não me contou.

Senti raiva por Arthur ter escondido algo tão grave de mim. Um arrepio gelado percorreu minha espinha só de imaginar o que podia ter acontecido, mas desapareceu no mesmo instante que vi, ao meu lado, Enzo com a sua pequena mão, espalmada no rosto do pai. Eles tinham uma conexão. Senti que de alguma forma Enzo sabia. Ele o reconhecia.



CAPÍTULO

VINTE E SETE
LORENZO

Meu mundo tinha virado de cabeça para baixo em poucas horas.

Eu vi Aurora e tive a certeza de que eu ainda a amava da mesma maneira, na mesma intensidade e não podia voltar para casa fingindo que uma vida me esperava se ela não fizesse parte daquela mesma vida.

Como se fosse pouco, vi o mesmo menino que eu havia salvado na piscina mais cedo, chamá-la de mãe e então eu soube. Aquela sensação de reconhecimento não era uma ilusão. Aquele menino de olhos verdes e cabelos escuros ondulados, era meu filho. Meu único herdeiro.

Uma sensação de terror passou por meu corpo ao constatar o que podia ter acontecido se eu não tivesse visto e socorrido meu filho a tempo.

Aquele merdinha do Arthur não ia cruzar meu caminho porque se ele tivesse o azar de me encontrar, eu ia torcer seu pescoço sem pensar duas vezes. Irresponsável.

Era uma sensação nova e poderosa carregar meu filho nos braços. Uma mistura de amor e proteção que chegava a me assustar.

Havia muitas coisas a serem esclarecidas entre mim e Aurora, eu sabia disso, mas minha determinação não ia permitir que eu os perdesse daquela vez. Eles eram tudo o que eu queria. Tudo o que eu mais desejava e daquela vez ia fazer qualquer coisa para que pudéssemos ser uma família.

Chegamos no local indicado por Aurora e deixamos o carro para nos direcionarmos à recepção.

Aurora cumprimentou a recepcionista, uma senhora de óculos, do outro lado do balcão.

— O documento da criança, por favor. — Aurora retirou um documento de identidade de sua bolsa e entregou-o à senhora do outro lado. — Só aguardar — a mulher anunciou logo após fazer o registro.

Sentamo-nos em uma das cadeiras na recepção.

— Tem certeza de que este é um bom lugar para atendê-lo? — questionei olhando em volta. Não achava que se tratava de um lugar que fazia atendimento particular.

— Eu sempre o trago aqui e em todas as vezes, ele foi bem tratado.

— Certo — disse cedendo. Era claro que ela já fizera aquilo antes. Doía-me pensar em quantas vezes ela esteve sozinha com Enzo naquele lugar. — Posso ver o documento dele? — Pedi a Aurora que me entregou a identidade.

“Lorenzo Almeida”. Sorri ao ver que Enzo era apenas o apelido e meu filho carregava o mesmo nome que eu.

— Vamos mudar isso — declarei apontando o espaço onde constava apenas o nome da mãe.

Não vi nenhuma reação de Aurora que se mantinha tão distante quanto podia de meu corpo.

A consulta médica foi rápida. Perguntei-me se era normal. Tudo aquilo era novo para mim. Esforcei-me, atento a cada palavra da pediatra e suas orientações de como cuidar de Enzo.

— É só uma Amigdalite — disse Aurora aliviada.

O carro estava à nossa disposição na porta de entrada do pronto-socorro. Aurora não questionou desta vez.

Antes de chegar na casa dela, paramos em uma farmácia ainda aberta, fiz sinal para Marino me acompanhar. Normalmente, eu não descia

do carro para fazer tarefas simples, mas aquela eu fazia questão de executar eu mesmo.

Eu ia estar ali por eles dali em diante. Tivesse que enfrentar quem fosse. Nada e ninguém ia me fazer abrir mão da única mulher da minha vida e de meu filho.



VINTE E OITO
AURORA

Lorenzo desceu do carro para ir até a farmácia carregando Enzo nos braços. Insisti para que o deixasse comigo, mas ele não cedeu. Parecia estar com medo de soltá-lo.

Eu estava uma bagunça de sentimentos. Como eu ia lidar com aquele homem em nossas vidas? Eu nunca havia superado Lorenzo, mas tinha me conformado com sua ausência repetindo a mim mesma que eu não significara nada para ele.

— Ele sofreu longe da senhorita — disse Carlo no banco do motorista.

— Desculpe se não acredito — falei com um riso sem graça.

— Nosso mundo não permite certas escolhas, se permitisse, ele jamais teria deixado o Brasil três anos atrás sem levar a senhorita.

Achei aquela conversa estranha. Que mundo? No mundo em que eu vivia as coisas eram simples. No meu mundo Lorenzo podia ter sido... meu.

Lorenzo retornou com os remédios tirando-me de meus devaneios.

— Conversaremos assim que possível — anunciei estendendo os braços para pegar Enzo no colo novamente ao chegarmos em frente à minha casa.

— Eu o levarei para dentro.

Suspirei não desejando travar aquela batalha.

Descemos todos do carro. Os seguranças ficaram na porta da sala enquanto Lorenzo e eu nos direcionamos até o quarto de Enzo.

— Vou buscar o copo dele com água para ele tomar depois que eu der os remédios — eu disse.

Quando retornei, parei na porta do quarto. Lorenzo parecia hipnotizado por Enzo que havia acordado e estava tranquilo em seus braços. Segurei-me para não deixar meu coração se iludir novamente.

— Você precisa tomar um remedinho para se sentir melhor, está bem? — Enzo não me dava trabalho na hora de tomar remédios. Fazia caretas, mas tomava.

Ficamos sentados um em cada ponta da cama até termos certeza de que Enzo havia voltado a dormir.

Fiz sinal para que Lorenzo me acompanhasse. Ele fez uma careta me lembrando Enzo quando zangado. Segurei o riso. Mesmo sem terem convivido durante os três primeiros anos de vida, Enzo tinha muito do pai.

Andei até a cozinha sendo seguida por Lorenzo. Peguei um copo de água gelada e tomei todo de uma única vez.

— Você pode ir embora agora. — Deixei o copo sobre a pia. Encostei-me no balcão da cozinha sentindo o cansaço do meu corpo.

O olhar de Lorenzo varreu meu corpo por completo. Senti meu coração traidor acelerar. Apenas ele me olhava daquela maneira, como se eu fosse a única coisa que valia a pena ser observada nos mínimos detalhes, contudo eu me lembrava do que havia acontecido na última vez que eu tinha me entregado a ele.

Ele se aproximou rompendo a distância entre nós. Seu corpo se sobrepôs ao meu. Era difícil fingir que ele não me afetava, contudo me esforcei para isso.

— Por que escondeu o menino de mim, Aurora? — Seu tom era baixo, quase amargo.

Meu sangue ferveu com sua pergunta.

— Eu não o escondi. Você me deixou sem nem me dizer seu nome completo. O que esperava? — Agora era eu que usava um tom amargo.

— Meu nome é Lorenzo Santoro — disse.

— Aurora Almeida. — Dei um passo para o lado impondo distância, estendendo a mão em sua direção em um cumprimento formal.

Sua mão pegou a minha com suavidade e se inclinando ele a beijou. Seus lábios ainda eram quentes, como eu me lembrava.

Puxei meu braço rapidamente, livrando-me de seu toque como se ele tivesse o poder de queimar minha pele.

— Vejo que se casou mesmo. Elena, se me lembro bem — falei no tom mais frio que eu consegui usar, encarando a aliança dourada em sua mão esquerda.

— Sim — respondeu. — Mas há muito o que conversarmos, Aurora.

— Não agora. Estou exausta. Vou tirar esse vestido, tomar um banho e tentar dormir um pouco. — Lorenzo fez uma nova careta, mas assentiu em seguida. — Você precisa ir agora.

— Deixe-me ficar. — O tom agora era de súplica. — Eu quero ter certeza de que o menino está bem. Por favor.

— Você fica até amanhã no quarto nos fundos do corredor e depois vai embora — avisei. — Os seus seguranças podem dormir na sala. Se conseguirem se acomodar no sofá.

— Aurora — Ele me chamou antes de eu deixar a cozinha. — Obrigado por isso — assenti.

Depois de tomar banho e vestir um pijama de regata e short de algodão, passei no quarto de Enzo. Ele dormia tranquilamente e eu esperava fazer o mesmo.

Acordei ainda na madrugada ao ouvir o choro alto vindo do quarto de Enzo. Pulei da cama no mesmo instante e me direcionei até o quarto ao lado.

Ao chegar na porta, vi que Lorenzo havia chegado antes de mim e embalava Enzo.

Peguei o termômetro na cômoda para verificar a febre novamente.

Olhei para a porta e vi que os seguranças também haviam acordado e estavam de prontidão.

— Está tudo bem — anunciei. — Podem voltar a dormir. Eles encararam Lorenzo que assentiu em resposta.

— Eles são sempre assim? — indaguei ao ver os homens saírem da porta, retornando à sala. — Crianças choram durante a noite, não é motivo para alarme. — Coloquei o termômetro debaixo da axila de Enzo que havia parado de chorar no colo do pai, mas estava com os olhinhos cheios d'água ainda.

— Foi o meu filho que chorou. Não serviriam para o trabalho se não tivessem agido com prontidão.

— Seu ego é mesmo enorme, não? — zombei. Inclinada na direção de ambos.

— Você vai entender tudo quando pudermos conversar. — Tocou meu rosto, mas me esquivei do toque em seguida.

— A febre está baixando — disse olhando para o termômetro nas mãos. — O que o fez acordar? Foi um sonho ruim, meu amor?

— *A piscina é muito gande* — Enzo falou baixinho.

O rosto de Lorenzo se converteu em fúria. Ele também associou o pesadelo de Enzo ao afogamento na casa de Arthur.

— Você não está na água agora, meu amor. Está na sua casa, com sua mãe e o seu... Lorenzo. — Meu filho olhou para cima encarando o rosto de Lorenzo. — Que tal um achocolatado quente? — propus.

Enzo aceitou a oferta balançando a cabeça positivamente. Em seguida, ele esticou as pernas no colo do pai.

— Ele quer descer — Lorenzo o colocou de pé no chão.

Meu coração se apertou quando Enzo esticou a sua mãozinha para alcançar a mão do pai. Lorenzo sorriu dando a mão ao filho.

Caminhamos os três até a cozinha onde preparei a bebida morna.

Servi Enzo dando o achocolatado em seu copo plástico verde favorito e em seguida preparei duas canecas, dando uma a Lorenzo que estava sentado na cadeira ao redor da mesa, de olho no filho.

No armário peguei mais duas canecas, servi a bebida doce e a coloquei na bandeja indo em direção à sala.

— Já que acordaram também, achei que gostariam de um achocolatado — disse esticando a bandeja para que pegassem a bebida. Vejo que seus olhos passaram por cima de meu ombro encarando algo atrás de mim.

Ao me virar enxerguei Lorenzo com nosso filho no colo.

Ele assentiu e os homens à minha frente aceitaram a bebida.

— É sério que vocês precisam de autorização para aceitar uma caneca de achocolatado? Não tem leis trabalhistas na Itália não?

— Se me permite dizer, gosto dela, chefe — falou Carlo com um sorriso sutil, fazendo o outro segurança não conseguir segurar a gargalhada.

A cara de Lorenzo era impagável. Ele balançou a cabeça negativamente segurando o riso.

— Não os acostume mal, *Amore mio.* — Suas palavras flutuaram até meus ouvidos.

Nós nos voltamos todos para Enzo que bocejava alto no colo do pai.

— Alguém está ficando com sono de novo — percebi. — Boa noite — disse aos seguranças antes de deixar a sala sendo seguida por Lorenzo.

Deixamos o quarto de Enzo somente após ter certeza de que ele dormia tranquilamente novamente.

— Imagino que já tenha passado algumas noites em claro cuidando dele — falou Lorenzo à minha frente, no meio do corredor.

Não havia outras luzes acesas além da que vinha do meu quarto, e ainda assim, conseguia enxergar cada expressão em seu rosto que agora parecia atormentado.

— Sim. No começo eu tive ajuda da minha tia Dora que nos acolheu quando meu pai ameaçou tirar a vida do meu filho.

— Ele fez o quê? — Esforçou-se para falar baixo.

— Não importa mais. Nós tivemos o apoio da tia Dora. Acho que a essa altura aquele homem nem deve estar vivo. Duvido que ele tenha sido capaz de viver tanto sem que alguém o sustentasse como eu fazia.

— É melhor que esteja — disse em tom de ameaça. — E onde está sua tia?

— Faleceu — respondi sentindo uma saudade enorme enquanto uma lágrima solitária descia por meu rosto.

— Sinto muito. — Sem que eu previsse, Lorenzo puxou meu corpo contra o seu. Senti seu peito firme contra meu rosto. Seus braços enlaçaram minha cintura, mas meus braços permaneceram retos.

Era como estar sendo arrastada por uma correnteza de rio forte.

Eu queria seu conforto, queria abraçá-lo com força e mais do que aquilo, eu queria os beijos, os toques. Sentia-me pouco capaz de resistir se ele tentasse qualquer coisa porque eu ainda o desejava muito. Eu era tola a esse ponto e admitir meus sentimentos não facilitava as coisas, pelo contrário, me tornava mais consciente do quanto estar perto dele era perigoso.

Reagi em seguida, o afastando.

— Vou me deitar, Boa noite, Lorenzo.

Eu não tinha controle sobre o que havia acontecido, mas estava disposta a não deixar que Lorenzo me afogasse. Eu já havia sobrevivido ao seu abandono, porém, uma segunda vez ia ser fatal para meu coração.



CAPÍTULO

VINTE E NOVE
LORENZO

Acordei sentindo o cheiro de café espalhado pela casa. Andei até o banheiro e lavei meu rosto. Apesar de ter dormido muito pouco na noite anterior, me sentia bem.

Passei pelo quarto de Enzo, mas meu filho não estava na cama. Apressei os passos até a cozinha e encontrei Aurora distraída cantando alguma música brasileira enquanto preparava algo no fogão sendo acompanhada por Enzo que batia com as mãos em uma das cadeiras que cercavam a mesa.

A visão mais bela que eu já tinha enxergado estava bem à minha frente.

— Ah, você está aí — disse se virando.

— Pode continuar cantando. Eu adoro sua voz, Aurora.

— Não gosto de plateia — falou voltando a se virar para o fogão.

Ela não estava disposta a aceitar minha aproximação tão facilmente. Eu já tinha percebido isso, mas também havia notado que ela não era imune a mim como tentava fazer parecer.

Ouvimos a campainha tocar.

— Deve ser a Rafa. Só ela apareceria aqui em um domingo pela manhã — Aurora disse.

— Vou verificar.

— Deixe que ela entre. Ela é de casa, deve ter esquecido a cópia da chave. — Seu tom era um aviso. A amiga tinha liberdade ali, eu não.

Minhas mãos cerraram em punho quando vi o rosto no monitor da câmera ao lado da porta. O que aquele merda estava fazendo ali?

— Fiquem aqui — ordenei aos soldados. — Este é um assunto meu.

Abri o portão me controlando para não socar a cara do playboy.

— O que faz aqui? — ele questionou ao me ver. Sua surpresa era evidente.

— Não acho que eu te deva explicações, Arthur.

— Cadê a Aurora? Eu quero falar com ela — exigiu.

— Depois de colocar a vida do meu filho em risco, acha mesmo que vai entrar nessa casa novamente?

— Seu filho? Do que você está falando? — Ele não parecia acreditar no que eu dizia. — Aurora — gritou o infeliz, no portão.

Ouvi passos rápidos atrás de mim, me virei encontrando Aurora.

— Olha o vexame, vocês dois! — ela reclamou colocando a cabeça para fora do portão verificando se havia alguém na rua. — Arthur, depois a gente conversa.

— Não — ele protestou. Não acreditei na ousadia do rapaz. — Eu passei anos ao seu lado. Cuidando de você e do seu filho, e agora, chego aqui, tem um estranho na sua casa e eu tenho que ir embora? — Seu tom era indignado, mas a mim pouco importava.

Aurora suspirou.

— Vamos conversar na sala. — Ela abriu o portão para que o moleque passasse.

— Aurora — alertei-a.

— Ele não está errado, Lorenzo. E essa é minha casa. — Lembrou-me.

Aurora se deteve no meio da sala indicando o sofá para que Arthur se sentasse. Ela se sentou à sua frente enquanto eu permaneci em pé, ao seu lado. Não confiava nele, não depois da sua irresponsabilidade com meu filho.

— Onde está Enzo? — Aurora perguntou a Marino.

— Tomando café da manhã na cozinha com o Carlo, *signora*[21].

— Pode se juntar a eles, por favor? — pediu. Assenti para que ele nos deixasse a sós.

— O que está acontecendo aqui, Aurora? — Arthur questionou ao ficarmos a sós.

— Arthur, o Lorenzo é o pai do Enzo — ela falou diretamente.

— Como isso é possível?

— Nos conhecemos em São Paulo, há mais de três anos.

— E isso significa o quê, Aurora? — Ele se levantou de repente, fazendo-a levantar-se também. — Você sabe que ele é casado, né?

— Eu sei — ela falou tentando não soar magoada.

— Eu quero falar com você a sós — exigiu. Aurora olhou para mim.

— Está brincando, né? Não confio nele — disse. Ela continuou encarando-me.

— Não confia em mim? — ele falou revoltado. — Eu estive aqui cuidando dos dois pelos últimos anos. Onde você estava?

— Cuidando? — repeti. — Como quando meu filho caiu na piscina e quase se afogou — disse tentando não explodir em raiva.

— Foi um acidente — ele se justificou.

— Você deveria ter me contado — Aurora falou.

— Para você tentar me afastar como está fazendo agora?

— Não tente justificar o seu erro ao ocultar o acidente desta maneira — rebateu Aurora.

— Está certa — ele disse. — Me perdoe, Aurora. — Seu tom era de lamento. — Mas agora, vem comigo, vamos para minha casa. Eu posso te dar tudo o que você precisa.

— O quê? De onde saiu isso, Arthur? Eu não vou a lugar nenhum.

— Deixe o menino com o pai já que ele quer tanto o papel e vamos embora nós dois. — Eu não consegui acreditar na proposta do infeliz.

— Você perdeu o juízo, Arthur? — Aurora indagou.

— Vamos, Aurora — ele insistia, tentando alcançar seu braço, mas eu o bloqueei.

— Já chega! — disse tentando controlar o tom de voz. — Vá embora — ordenei.

— Não sem ela! — gritou.

O choro de Enzo vindo da cozinha chamou nossa atenção, Aurora correu até o filho.

— Ele está assustado, *signora* — ouvi Carlo explicar.

Minha mão voou no pescoço do playboy na mesma hora.

— Você não vai perturbar minha família de novo. Está me ouvindo? — Ele não conseguia falar. — Se chegar perto de Aurora ou do meu filho novamente, eu mesmo mato você.

Soltei seu pescoço fino e o infeliz se inclinou para a frente apoiando as mãos nos joelhos enquanto tentava se recuperar da tosse.

— Vá — ordenei apontando para a porta.

— Isso não vai ficar assim! — Ele teve coragem de dizer ao se levantar novamente.

— Você não faz ideia de quem está ameaçando, *figlio di puttana* [22] — disse seriamente.

O infeliz não fez menção de se mexer. Segurei-o pela gola da camisa polo e o arrastei pelo caminho enquanto ele se debatia tentando se livrar de mim.

Abri o portão e o empurrei para fora.

— Não volte mais aqui! — Fechei o portão novamente e voltei para dentro de casa. Ansioso para ver com meus próprios olhos que Aurora e meu filho estavam bem.



TRINTA
AURORA

Os seguranças se levantaram da cadeira rapidamente ao verem Lorenzo entrar na cozinha.

— Está tudo bem? — perguntei com Enzo no colo. Ele se acalmou assim que o peguei.

— Sim.

— E você, como está? — perguntou a Enzo que estendeu os braços em sua direção.

— Ele está melhor. A febre está baixa e já conseguiu tomar mais um copo de achocolatado, mas ainda não quis comer nada.

Enzo grudou no pescoço do pai deitando a cabeça em seu ombro parecendo sentir-se confortável.

— Ele não é tanto de colo. Normalmente coloca a casa abaixo, correndo por todos os cômodos.

— Logo você estará correndo por aí de novo, não é mesmo, *mio figlio*[23]? — ele disse de maneira natural, sem hesitação.

Meu coração ficava apertado ao ouvi-lo falar daquela maneira.

— O que você quer fazer agora? — Lorenzo perguntou a Enzo em seu colo.

— *Atisti* — Enzo falou levantando a cabeça.

— E o que você quer assistir? — perguntei já sabendo a resposta.

— *O dinossaulo* — ele falou entusiasmado.

— Ele adora o filme "O bom dinossauro" — expliquei a Lorenzo. — Arthur deu uma festa a ele com o tema, ele adorou. — Lorenzo fez uma careta ao ouvir a declaração. — Eu sei que ele errou com o que aconteceu, mas até então, ele tinha sido um bom amigo. Não quero magoá-lo.

— Tirem o dia de folga — Lorenzo ordenou aos seus seguranças, ignorando o que eu havia acabado de falar sobre Arthur. — Eu vou fazer o mesmo.

Os seguranças pareceram ter dúvidas por um instante, mas acataram em seguida.

— Vamos assistir ao filme, então — declarou Lorenzo indo com o filho nos braços até a sala.

Enzo pediu para ir ao chão e Lorenzo desceu o pequeno no tapete. Eu os Observava da passagem da cozinha para a sala.

Meu filho segurou a mão do pai e o guiou até a estante para que ele alcançasse o filme em disco. Comprei para que ele pudesse assistir sempre que quisesse, mesmo que não estivesse disponível on-line em algum momento.

Sentamo-nos os três no sofá com Enzo no meio. O filme começou, estávamos os três envolvidos em uma atmosfera apenas nossa. Era fácil nos imaginar vivendo uma rotina assim. Em família. Entretanto a ilusão se desfez quando o telefone de Lorenzo tocou.

Lembrei-me de que a noiva dele, agora esposa, costumava ligar para ele quando estávamos juntos. Era ela novamente?

Agarrei-me aquilo para não deixar meu coração imaginar cenários impossíveis novamente. Aquele momento não passava disso, um momento. Lorenzo ia voltar para a casa e para a mulher dele como já havia feito antes.

Meu coração doeu como nunca.

— Está tudo bem? — Perguntou-me preocupado.

— Sim — menti.

Enzo aproveitou toda a atenção que recebeu do pai. Viram mais filmes de desenhos, brincaram no tapete da sala. Não parecia haver um menino doente em casa.

Lorenzo me pediu para que ensinasse a dar banho no filho e acabou se molhando mais do que nosso menino no processo. Rimos disso.

Mais tarde, preparamos juntos o jantar enquanto nosso filho corria, sentindo-se melhor, pela cozinha e sala.

Foi difícil estar tão perto de Lorenzo novamente. Evitei a todo custo deixar que sua pele se encostasse na minha sabendo que não podia confiar em meu corpo.

Sentamo-nos ao redor da mesa, e pela primeira vez em muito tempo, comecei a alimentar-me sem Enzo no colo. Seu pai dava a comida pacientemente a ele.

Meu telefone tocou, busquei o aparelho na sala.

— Desculpe não dar notícias — disse ao atender a ligação. — Estamos bem. Enzo está melhor.

— Fiquei preocupada, mas não liguei antes porque Pedro teve uma recaída, tive que levá-lo ao médico novamente — disse Rafa na ligação.

— E agora ele está melhor?

— Os remédios estão fazendo efeito. Ele está dormindo agora.

— Que bom — falei aliviada. — Posso te ligar mais tarde para conversarmos melhor?

— Claro — ela respondeu do outro lado. — Liguei rapidinho apenas para ter certeza de que estavam bem.

— Depois nos falamos, então. Até mais — disse antes de encerrar a ligação.

— Quem era? — Lorenzo questionou ao me ver voltar à mesa.

— Eu te pergunto sobre suas ligações pessoais?

— Não, mas você pode fazer quando quiser — respondeu com firmeza.

— Uma amiga — falei.

— A ruiva de ontem à noite?

— Ela mesma.

Terminamos de jantar em silêncio. Eu tinha muitas perguntas a fazer, mas temia as respostas. Eu não podia fingir que nada havia acontecido nos últimos três anos desde que ele havia me deixado grávida, ainda que ele não soubesse do filho que eu esperava.

Depois de ver Enzo escovar os dentes, Lorenzo o colocou na cama para dormir.

— Eu vou precisar ir... — Lorenzo começou a dizer ao nosso filho — mas eu volto amanhã para te ver.

— Não — ouvimos Enzo protestar. — Não vai *embola*.

— Essa casa não é minha, preciso ir para um hotel. Você já está melhor. — Passou as mãos nos cabelos ondulados de Enzo que eram exatamente como os seus.

— Você pode ficar na minha casa — Enzo disse.

— Agora isso?! — reclamei. — Vou ter que lidar com dois mandões?

— Eu posso? — ele perguntou se virando para mim. Mordi o lábio tentando segurar a resposta que estava prestes a dar.

— Por quanto tempo?

— Eu não vou a lugar nenhum sem vocês dois. Nunca mais. — Havia uma convicção em suas palavras que faziam meu corpo estremecer.

— Você vai continuar no quarto que está — avisei.

Nosso menino prestava atenção na conversa que se desenrolava entre mim e Lorenzo.

— Ele pode ficar mais alguns dias — disse a Enzo que comemorou levantando-se da cama e pulando nos braços do pai em seguida.

— Parece que alguém não está mais doente — brinquei vendo a alegria de Enzo, torcendo para que eu estivesse fazendo a coisa certa.



TRINTA E UM
LORENZO

Liguei para os soldados e os avisei que deviam passar a noite em um hotel já que na casa de Aurora não havia espaço para todos e não tínhamos nenhum sinal de ameaça à vista que justificasse mantê-los por perto.

— Com quem estava ao telefone? — ela perguntou me desafiando ao encontrar-me no meio da sala.

— Com Carlo — respondi na mesma hora.

Aurora vestia um pijama curto que me lembrava do quanto sentia falta de seu corpo. Aproximei-me deixando seu cheiro doce preencher meus sentidos. Mal conseguia acreditar que estava novamente à sua frente, depois de ansiar por isso tantas noites.

Encontrei os olhos escuros de Aurora analisando meu corpo. Ela não era imune a mim como tentava fazer parecer a todo custo. Ela podia controlar seu corpo, mas não seus olhos. Eles entregavam a verdade.

Toquei seu rosto suavemente, sua pele era macia. Meu polegar deslizou por seus lábios, contornando-os. Os bicos de seus seios ficaram endurecidos sob o tecido fino do pijama. Meu pau endureceu em resposta.

Enlacei sua cintura tomando sua boca em um beijo cheio de saudade. Aurora espalmou as mãos em meu peito, mas não me afastou. Sua boca se abriu me dando a chance de explorá-la.

Chupei sua língua e mordi seu lábio inferior enquanto uma de minhas mãos procurava seus seios empinados. Um suspiro deixou sua boca quando dei uma pequena beliscada em seu mamilo por debaixo de sua camiseta.

Sua pele quente se arrepiou com meu toque. Sorri ao constatar que ela ainda me desejava. Aurora respondia aos meus toques da mesma maneira que acontecia quando nos conhecemos.

Ela tentou afastar meu corpo de repente. Não tinha forças para isso, mas permiti que o fizesse.

— Não está certo — diz com o dedo apontado para meu peito. — Você vai acabar comigo, de novo. E agora, ainda vai levar o Enzo junto — Seu rosto estava distorcido em dor.

— Eu juro que não! — Tentei tocá-la novamente, mas ela recuou.

— Eu vou para meu quarto, não quero ter essa conversa com o Enzo em casa. Não quero que ele acorde com uma discussão entre nós dois — ela disse recuando mais um passo, mas ainda com o dedo em riste.

— Você está certa. Ele não precisa estar em casa nesse momento. Não é bom que veja os pais em uma... discussão — disse, sabendo que íamos ter uma conversa difícil pela frente.

— Vou me deitar agora. Se Enzo acordar bem pela manhã, ele irá à escolinha e eu irei trabalhar — ela falou antes de sair e me deixar sozinho.



No outro dia, acordei cedo e mesmo me atrapalhando um pouco por não conhecer a cozinha de Aurora tão bem, preparei o café da manhã para eles.

— O cheiro está bom — Aurora admitiu ao adentrar o ambiente.

— Tem café com leite, pães e croissants doces. — Seu olhar passava por toda a mesa.

— Obrigada — ela agradeceu parecendo surpresa.

Não demorou para que Aurora e meu filho tomassem o café da manhã e logo estivessem prontos para sair.

— Tem certeza de que não quer deixá-lo em casa? Eu cuido dele.

— Ele está melhor. Não teve mais febre e está mostrando-se disposto novamente. — Ela se abaixava para beijar a bochecha de nosso menino. — Não está?

Enzo confirmou balançando a cabeça animado.

— Você pode ficar com a minha chave, só esteja aqui quando voltarmos — Ela pareceu apreensiva ao dizer aquilo.

— Eu vou levar nosso menino à escola dele — disse pegando Enzo no colo. — E você ao seu trabalho e depois vou à casa do prefeito buscar minha bagagem. Carlo trouxe apenas algumas peças de roupas para que eu me trocasse quando você permitiu que eu ficasse na primeira noite, mas agora, preciso buscar todo o restante.

— Não arrume briga com Arthur.

— Está preocupada com seu namorado? — perguntei tentando não deixar o súbito gosto amargo se espalhar por minha boca.

— Ele não é meu namorado — ela revelou. Não consegui evitar de sorrir. — Isso não muda nada entre nós — alertou-me, contudo, não desfiz o sorriso.

Beijei o rosto de meu filho sentindo-me um homem sortudo como nunca antes.

Deixamos Enzo na escolinha onde ele passava o dia enquanto Aurora trabalhava em outra escola próxima.

— Vamos até a casa do prefeito, Carlo — anunciei ao soldado que dirigia pelas ruas de Amparo.

O segurança da guarita liberou nossa entrada no portão da propriedade. Carlo deixou o carro na entrada da casa sabendo que não devíamos demorar.

— Bom dia, senhor Santoro — cumprimentou o prefeito ao me receber.

— *Buongiorno* [24]— respondi. — Vim buscar minha bagagem.

— Eu soube que está hospedado na casa da namorada do meu filho.

— Então soube errado. — Dou um sorriso.

— Não está na casa da professora?

— Estou na casa da Aurora, sim, mas ela não é namorada do seu filho. — Olhei para cima e vi Arthur no topo da escada. — E nunca será.

— O senhor não é casado, senhor Santoro? Achei que a sua *famiglia* não via amantes com bons olhos.

— Logo estarei em processo de divórcio e então me casarei com Aurora.

— Ela já aceitou? — indagou surpreso.

— Questão de tempo.

— E os seus planos para a filial na cidade, como ficam?

— Esse projeto pode esperar, tenho assuntos mais urgentes para resolver.

— Entendo — ele disse apenas.

— Com licença, vamos buscar nossa bagagem.

O prefeito nos deu passagem à escada que levava ao segundo andar da casa. Dei graças por Arthur ter saído de perto evitando que eu tivesse que olhar para sua cara novamente.

Não precisava pensar duas vezes sobre escolher uma nova cidade para minha filial. Aquela família estava no centro de poder de Amparo e depois que eu levasse Aurora dali, não ia ter como saber se iam ser capazes de diferenciar os negócios de seus ressentimentos pessoais.

Assim que eu voltasse a Calábria com minha família, ia começar a rever os planos da filial. Naquele momento minha prioridade eram Aurora e meu filho.



Ao retornar à casa de Aurora, acomodei minha bagagem no quarto que ela disponibilizou para mim e peguei meu celular no bolso para fazer uma ligação.

— Como estão as coisas, aí? — Stefano perguntou ao atender o telefone.

— Eu tenho um filho — disse logo.

— Cazzo[25]!

— Eu o conheci há dois dias. Ele é um menino lindo. Lembra muito a mim quando pequeno.

— Eu sou tio, então?! — concluiu ainda não parecendo acreditar. — E o que você vai fazer agora, irmão?

— Quero que entre em contato com nosso advogado. Quero o divórcio o quanto antes. Só voltarei à Itália com a minha mulher e meu filho. Se o pai de Elena tentar evitar o divórcio convocando uma reunião extraordinária. Não permita. Você me representa quando estou fora e ninguém deve estar acima do Capo Crimine. Vou me resolver com eles quando retornar.

— Certo. Farei isso — garantiu.

— Também fale com o Alessandro Castelli, o capitão precisa saber que uma rebelião interna poderá acontecer. Mas somente você e ele devem estar cientes de meus temores, para as outras *famiglie*[26], principalmente para os homens do conselho, todos devem ter certeza de que estou seguro do que faço.

— Eu vou te mantendo informado sobre a situação, irmão.

— E Elena, como está?

— Acho que ela está aprontando algo. Está muito quieta desde o dia em que tomou o celular da minha mão.

— Não sei qual será a reação dela ao receber os papéis do divórcio. Cuide pessoalmente para que ela os assine.

— Não se preocupe. Ela assinará.

— Irmão — disse fazendo uma pausa. — Sei que estou te pedindo muito, é um momento de crise e estou jogando todos os problemas em cima de você, mas preciso de sua ajuda neste momento. Não posso contar com mais ninguém.

— Você não é apenas o meu *Capo Crimine*, você é meu irmão. Eu farei de tudo para manter seu direito na organização e sua felicidade ao lado de sua família.

— Obrigado, Stefano.

— Agora vou desligar porque tenho um processo de divórcio para acelerar e uma conversa sigilosa com o capitão em breve.

— Nos falamos mais tarde — disse antes de encerrar a ligação.

Eu não podia prever o resultado de minhas ações, contudo o único cenário que eu jamais ia admitir era ficar sem minha família ao lado. Aurora e meu filho eram meus e ninguém ia tirá-los de mim.



TRINTA E DOIS
AURORA

— O senhor me chamou? — perguntei ao diretor ao abrir a porta da sala da diretoria.

Eu estava no meio da minha aula, no período da tarde, quando a pedagoga entrou em minha sala para avisar que eu devia ir falar com o diretor imediatamente.

Não entendi o que podia ser tão urgente, contudo, aqui estava eu.

— Entre e feche a porta, por gentileza — ele pediu. — Sente-se — disse após.

Sentei-me na cadeira do outro lado de sua mesa. O diretor parecia tenso, arrumou os óculos três vezes no rosto antes de iniciar a conversa.

— Aurora, você tem feito um ótimo trabalho desde que entrou para o quadro de funcionários, mas neste momento, estamos dispensando seus serviços.

— Estou sendo demitida? — indaguei sem acreditar no que havia acabado de ouvir.

— O departamento de Recursos Humanos já está providenciando o acerto de contas com todos os valores a receber.

— Eu fiz algo que justifique a demissão? — questionei tentando entender aquela decisão.

— A demissão é sem justa causa.

— Eu apenas... não entendo...

— Sinto muito. Peço que recolha seus pertences imediatamente.

— Nossa! — exclamei levantando-me. — Isso é tudo o que tem a me dizer? “Demissão sem justa causa” e “recolha suas coisas”? — Não acreditava que aquilo estava acontecendo.

O homem suspirou profundamente antes de voltar a falar.

— Aurora... cuidado. Tem pessoas dispostas a te perseguir nesta cidade. Não acho que você encontrará outro emprego como professora por aqui. Talvez considere mudar-se para um lugar onde certas pessoas não tenham tanta influência.

Não respondi. Era muito para eu digerir.

Voltei à sala de aula e peguei minha bolsa. Disse às crianças que ia precisar deixá-los mais cedo, eu não podia falar muito. Não ia conseguir dizer a verdade sem me desfazer em lágrimas.

Depois de passar no departamento de Recursos Humanos, juntei minhas coisas em uma caixa de papelão, que consegui na cozinha, e saí da escola.

Com dificuldade enquanto tentava equilibrar a caixa em uma das mãos e a bolsa na outra, peguei o celular e liguei para Arthur. Ele atendeu no primeiro toque.

— O que foi que você fez, Arthur? — Esperava que ele dissesse que não sabia do que eu falava, mas não foi o que aconteceu.

— Eu disse que posso te dar tudo o que você precisa, você só tem que aceitar — ele falava calmamente.

— Meu Deus! Eu não conheço mais você! — falei irritada.

— Não sou eu que tenho um filho com um mafioso italiano.

— O quê? — perguntei confusa.

— Qual é? Não se faça de inocente, Aurora. — Fiquei em silêncio, absorvendo a informação. — Aurora?

Desliguei o celular jogando o aparelho dentro da bolsa.

Andei até em casa repassando todas as conversas entre mim e Lorenzo. A discussão com seu irmão. A fala de Carlo sobre “o mundo deles”.

Entrei em casa e encontrei Lorenzo no meio da sala, ao telefone, rodeado pelos seguranças, que agora faziam mais sentido.

— Stefano, eu cumpri o acordo. Eu fiz o que deveria ser feito. Agora, quero minha liberdade de volta. Eu sou o melhor líder que a organização pode ter e todos eles sabem disso. Se usarem isso para tentar me derrubar, que venham, vamos ver quem tem mais força.

Lorenzo me encarou enquanto discutia ao telefone, seu olhar não era de raiva, sim de convicção.

— Obrigado, irmão. Sei que posso contar com você. Me dê notícias assim que falar com Alessandro — falou antes de desligar.

— Podemos conversar a sós? — pedi ainda segurando a caixa com meus pertences nos braços.

— Estão dispensados — ele falou aos homens no mesmo instante.

Fechei a porta da sala empurrando-a com o ombro.

Andei com a caixa nos braços até meu quarto, colocando o resumo dos meus últimos anos como professora sobre a cômoda.

Segurei as lágrimas que se formavam em meus olhos.

— Por que você voltou, Lorenzo? — perguntei ao homem que estava em pé na porta do meu quarto.

— Voltei a trabalho — ele disse sem rodeios —, mas..., eu desejava te reencontrar desde que deixei o Brasil.

— E para quê? — perguntei sentindo meu peito doer. — Para me destruir uma segunda vez?

— Não. — Ele rompeu a distância entre nós, mas levei minha mão à frente para que não se aproximasse tanto.

— Eu não sei quem é você — declarei. — Você não é um empresário? É?

— Eu sou — garantiu. — Mas não sou apenas um empresário.

— E quem é você, Lorenzo Santoro?

— Sou um empresário bem-sucedido, mas também sou líder de uma organização na Calábria. A ‘Ndrangheta.

Suspirei tendo a confirmação do que Arthur havia falado ao telefone.

— Eu parti há mais de três anos porque meu pai havia falecido, ele era o antigo chefe de nossa organização.

— E você precisava assumir o seu lugar — deduzi.

— E cumprir seu último acordo como *Capo Crimine* casando-me com a filha de seu Consiglieri, Elena.

— Você a ama? — Eu não sabia se tinha perdido minha capacidade de raciocinar naquele momento. Ele estava me falando que era chefe de uma organização criminosa e eu estava preocupada com os seus sentimentos com relação a outra mulher.

— A única mulher que eu já amei, foi você, Aurora — ele disse se aproximando mais e limpando uma lágrima teimosa que fugia de meus olhos. — *Ti amo più della mia vita*[27].

— Eu queria tanto acreditar — confessei deixando que meus pensamentos mais profundos viessem à tona.

— Permita que eu passe o resto de meus dias provando a você.

Suas mãos circulavam pelo meu pescoço fazendo minha pele se arrepiar.

— Eu não sei se consigo — fui sincera. — Eu sofri quando você partiu sem nada dizer e se acontecer de novo? Como eu poderia passar por isso mais uma vez?

— Eu não vou a lugar nenhum sem vocês, *Amore mio*.

— Não quero ser a outra, não quero me esconder ou esconder meu filho.

— Eu juro que isso não acontecerá — garantiu-me. — O meu advogado na Calábria já está cuidando do divórcio. Eu sempre vou ter orgulho de apresentá-la a todos como minha esposa.

Procurei em seus olhos qualquer sinal de hesitação, porém, não encontrei.

— Me perdoa. Eu nunca devia ter partido.

Meu coração e minha razão travavam uma batalha interna.

— *Sono tuo.* [28]

Ele desceu uma de suas mãos até a minha e a guiou até seu coração. Senti as batidas aceleradas em seu peito.

Seus olhos verdes e profundos encararam os meus. Lorenzo se aproximou ainda mais, seu nariz inspirou o cheiro de minha pele entre meu ombro e pescoço.

Fechei os olhos ao sentir seus lábios quentes se encostarem nos meus. O beijo começou lento, apreciávamos o contato que tanto nos fez falta. Eu me lembrava do gosto, da maneira que meu corpo reagia ao seu, e ainda assim, parecia não estar preparada para todas as sensações que afloravam em mim.

A pele arrepiada, o calor no baixo ventre e o desejo desesperado por mais.

O beijo se tornou mais urgente e ambos buscamos mais contato. Uma de suas mãos apertou minha cintura e outra circulou um de meus seios abaixo do tecido de minha blusa.

Senti meu corpo ansiando por mais, contudo, o celular de Lorenzo tocou nos trazendo de volta à realidade.

Lorenzo se afastou ofegante. Voltou a segurar meu pescoço e ergueu meu rosto, me encarando.

— Eu preciso atender, tem muita coisa acontecendo na Calábria neste momento — assenti, puxando minha roupa amassada para baixo novamente.

— Fala, Stefano — ele disse atendendo à ligação. — Pague a quem tiver que pagar para que saia o quanto antes. Eu quero esse divórcio oficializado. E o que o Alessandro falou? — Um momento de silêncio enquanto ele ouvia algo que o irmão relatava. Eu conseguia ver a tensão em seu rosto, apesar de Lorenzo tentar disfarçar. — Ótimo! Não esperava menos do nosso capitão.

As linhas de preocupação se desfizeram quando ele sorriu em seguida.

— Eu não te falei que o menino era minha cara?! — falou orgulhoso, me fazendo sorrir também. — Certo. Qualquer coisa, me ligue imediatamente. — Encerrou a ligação.

— Então ele já sabe sobre Enzo?

— Já.

— Ele não ficou bravo? Quero dizer, ainda me lembro da discussão na cobertura.

— Stefano não queria que eu me desviasse de meu destino. Eu cumpri o acordo como deveria, mas até ele entendeu que nem sempre o certo é mesmo o certo.

Seus lábios depositaram um beijo suave nos meus.

— Então, você não era estéril? Não é? — Afastou-se segurando o riso.

— Não — respondi rindo. — Só falei aquilo porque me sentiria ainda mais usada e humilhada se um dos seus seguranças aparecesse me entregando uma pílula do dia seguinte. Eu cheguei a planejar tomar a pílula, mas outras coisas aconteceram e eu acabei falhando.

— Me perdoa por aquilo também, amore mio — pediu ao pé do ouvido. — Estou feliz que não tenha feito. Enzo é a melhor surpresa que já recebi.

— Eu vou ligar para a Rafa para contar sobre minha demissão — disse fugindo do clima que nos envolvia.

— Por isso a caixa? — perguntou apontando para onde eu havia deixado os pertences recolhidos na escola.

— Sim.

— O que houve?

— Arthur — respondi apenas.

— Aquele *figlio di puttana* — rosnou. — Ele não sabe quando parar. Um dos soldados vai precisar cuidar dele.

— Tipo o quê? Bater, matar?

— Algo assim, *amore mio*. Você é minha mulher e ninguém mexe com minha família.

— Não! — disse imediatamente. Seu rosto se transformou em uma imagem de desgosto.

— Ainda tem sentimentos por ele? — Agora era Lorenzo que parecia enciumado. Ri de sua careta.

— Eu não o amo, se é isso que está perguntando. Mas não quero que o machuque por mim. Ele não fará mais parte de nossas vidas.

— E quanto a mim? — ele perguntou passando o polegar por minha bochecha.

— O senhor está em análise — respondi não conseguindo evitar um sorriso.



TRINTA E TRÊS
AURORA

— Você deixa? — minha amiga Rafaela perguntou durante a ligação. Eu liguei para ela para contar sobre a demissão e depois dela xingar muito o Arthur, perguntou-me sobre permitir que Enzo fosse dormir em sua casa. Pedro estava recuperado e chamava pelo amigo. Eles foram criados juntos desde o nascimento de Enzo. Na maioria das vezes pareciam irmãos tanto para brincar quanto para brigar, entretanto, sempre faziam as pazes logo e ficava tudo bem.

Ainda não tive coragem de contar a ela sobre Lorenzo estar de volta.

— Tudo bem. É impossível manter esses dois longe um do outro por muito tempo. — Ri ao celular. — Você o busca na escolinha daqui a pouco? — Olhei no relógio na parede da sala notando que faltava pouco para terminar o horário das aulas.

— Sim.

Rafa tinha autorização na escolinha para buscar meu filho já que muitas vezes precisei que ela o fizesse por mim.

— Avise a ele que amanhã eu o buscarei na escolinha de tarde e divirtam-se — disse antes de desligar a ligação.

— O que houve? — Lorenzo perguntou.

— A Rafa vai pegar o Enzo na escolinha para passarem a noite na casa dela.

— E é seguro deixar ele passar a noite lá?

— Pedro e Enzo são como irmãos. Não conseguem ficar muito tempo longe um do outro. E sim, é seguro. Não é a primeira vez que Enzo passa a noite na casa da Rafa. Nós costumamos revezar a noite de pijamas, às vezes na casa dela e outras vezes aqui.

Lorenzo parecia desconfortável com a situação.

— Ele está seguro — reafirmei.

— Não consigo imaginar qualquer um de vocês dois correndo risco — ele confessou.

— Nós estamos em Amparo. Lembra-se? Não corremos perigo aqui.

Ele pareceu ficar um pouco mais tranquilo.

A campainha tocou e vi os seguranças no monitor da câmera, carregados de sacolas.

— Eles foram ao mercado. Eu precisava de alguns ingredientes para preparar o jantar.

— Eu tinha comida no armário.

— Apenas industrializada — ele rebateu.

Lorenzo recebeu as sacolas na porta da sala e dispensou os seguranças nos deixando novamente a sós.

— Vou tomar um banho — avisei antes de sair da sala.

No meu quarto, após o banho demorado, escolhi uma calcinha de renda preta. Eu podia dizer a mim mesma que isso não significava nada, todavia, ia estar mentindo.

Abri o guarda-roupa retirando um vestido branco de tecido leve e alças finas, colocando a peça em seguida.

Virei-me e me deparei com minhas coisas na caixa de papelão. Não consegui evitar uma pontada de tristeza. Eu gostava de dar aula, gostava de

meus alunos e Arthur tinha conseguido tirar isso de mim como se não fosse nada.

Tentando me livrar dos sentimentos ruins, fui até a cozinha, abri a geladeira e peguei a jarra de água gelada.

Ouvi a porta do banheiro se abrir. Controlei-me para não espiar o corredor e ver Lorenzo.

Tomei um copo de água e na sequência, abri as sacolas trazidas pelos seguranças e deixadas sobre a mesa. Havia temperos frescos, tomates, vinho e massa de macarrão.

— Vou preparar *Tagliatelle al Ragù* para o jantar — anunciou.

Lorenzo vestia apenas uma bermuda preta. Sem camisa, com os cabelos ainda molhados pelo banho.

— Pode me ajudar?

— Posso — respondi. Com os olhos presos em seu abdômen definido.

— Lave e corte os tomates enquanto eu preparo a carne.

— Certo — disse tentando me concentrar em minha tarefa e não em seu corpo.

Peguei a bandeja para usar de suporte e depois de lavar os tomates comecei a cortá-los usando o apoio da mesa ao mesmo tempo que Lorenzo usava a pia e o fogão.

Senti o corpo de Lorenzo às minhas costas, seu braço passava ao lado de minha cintura, alcançando um maço de ervas frescas. Ele amassou uma delas e a aproximou do meu nariz.

— Sente? — confirmei com a cabeça. — É muito melhor do que tempero pronto, não?

— Sim — respondi apenas. Sua respiração próxima do meu pescoço fazia com que os pelos do meu corpo se arrepiassem.

Ele depositou um beijo quente em meu ombro antes de se afastar e retornar ao fogão.

Depois de terminar de preparar o jantar, Lorenzo serviu nossos pratos e o vinho para acompanhar a refeição, como tinha feito anos antes, em sua cobertura. As minhas lembranças ainda eram um misto de saudade e dor.

— A comida estava ruim? — perguntou-me do outro lado da mesa.

— Estava deliciosa — disse a verdade.

— Então? — Meu rosto devia ter entregado meus pensamentos.

— São as lembranças — confessei tomando outro gole de vinho. — Tanto boas quanto ruins. — Levantei e recolhi meu prato, levando-o à pia.

Ouvi seus passos se aproximando, mas não me virei.

Seus braços enlaçaram minha cintura, abraçando-me por trás.

— Eu vou passar o resto de nossos dias te dando boas memórias e assim as ruins não significarão mais nada — sussurrou ao meu ouvido.

Virei-me para encontrar seus olhos carregados de desejo sabendo que os meus estavam da mesma maneira.

Seu nariz roçou meu pescoço inspirando o cheiro de minha pele. Ele mordeu levemente a ponta da minha orelha e em seguida sua boca deslizou até a minha.

Sua língua experimentou meus lábios, puxei o ar como se ele estivesse fugindo de mim.

Suas mãos circularam minha cintura e em um impulso rápido, Lorenzo levantou meu corpo. Minhas pernas enlaçaram sua cintura.

Afastei minha boca da sua por um instante.

— *Mi sei mancato cozi tanto, amore mio* [29] — ele disse encostando sua testa na minha. — Sentia tanto sua falta que chegava a doer.

— Eu também senti sua falta — confessei. — Muita.

Lorenzo me carregou agarrada ao seu colo até meu quarto e com cuidado, colocou-me sobre minha cama.

Seus olhos varreram todo meu corpo antes de se aproximar e voltar a beijar-me.

Sua boca desceu por meu pescoço deixando um rastro de calor onde tocava.

Ele baixou o tecido do vestido que cobria meus seios venerando a parte exposta de meu corpo antes de experimentá-la. Lambendo e chupando meu seio enquanto sua outra mão explorava o restante do meu corpo.

Vi Lorenzo se afastar apenas o suficiente para levantar meu vestido. Ergui os braços entendendo sua intenção e a peça saiu facilmente ao passar por minha cabeça.

Em seguida, ele tirou a bermuda ficando completamente nu em minha frente. Seu membro ereto estava pronto para consumir meu corpo, mas antes de penetrar-me ele voltou a chupar meus seios deixando-os ainda mais sensíveis. Minhas mãos passeavam por suas costas largas enquanto o desejo crescente fazia o centro de minhas pernas pulsar.

Sua boca começou a descer por minha barriga até a calcinha que foi arrancada assim que ele a alcançou.

Sua língua quente passeava por minha intimidade encharcada para em seguida a beijar e sugar, subindo e descendo, fazendo meu corpo estremecer.

Assim que começaram os estímulos no clitóris, meu quadril se afastou do colchão, pedindo por mais.

Meus dedos agarraram os lençóis abaixo de meu corpo puxando-os com força. Suas mãos seguravam meu quadril me mantendo no lugar enquanto me entregava ao orgasmo que espalhava ondas de prazer sob minha pele. Respirei fundo, sentindo o ar faltar.

Lorenzo levantou a cabeça do meio das minhas pernas, puxando meu corpo para baixo em seguida.

— Lorenzo... — disse sentindo meu corpo trêmulo. Seus olhos cravaram nos meus.

— Repete — ele pediu. — Eu preciso ouvir você chamar meu nome de novo.

— Lorenzo... — repeti sorrindo.

Sua boca voltou a atacar a minha roubando meu ar novamente.

— Sua voz pronunciando meu nome, completamente entregue é exatamente como eu me lembrava — sussurrou em meu ouvido. — Me matava lembrar de seu cheiro, gosto, voz... de tudo... e não te ter.

Seu rosto revelava dor, angústia.

— Eu estou aqui agora — sussurrei.

— É, você está... — Ele sorriu dissipando os traços de preocupação em seu rosto.

Sua boca voltou a atacar um de meus seios. As leves mordidas no mamilo faziam o meu centro, ainda sensível pelo orgasmo, latejar.

Suas mãos perambulavam por minhas costas e bunda. Apertando minha carne, fazendo minha pele queimar. Sua boca subiu novamente até a minha e sua língua me invadiu com impetuosidade.

Seu joelho afastou mais minhas pernas e então senti-me ser preenchida por seu membro enquanto sua boca ainda roubava meu ar.

As estocadas tinham um ritmo intenso e o som de nossos corpos indo de encontro um ao outro tomava o quarto.

Lorenzo segurou minha cintura com suas mãos, apertando-me contra si. Seu ritmo diminuiu apenas quando ele começou a urrar ao gozar dentro de mim.

Sua cabeça caiu sobre meu ombro, em seguida ele rolou para o lado, mantendo seu corpo colado ao meu.

Senti beijos suaves sendo deixados em minha pele.

Virei-me à sua frente.

— *Voglio passare la mia vita con te* [30]— ele disse colocando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha. — Porque sem você, nada mais faz sentido.

Aproximei mais nossos rostos até alcançar sua boca, beijando-o novamente e ao nos afastarmos, deitei-me em seu peito, deixando o som do seu coração me embalar.



TRINTA E QUATRO
LORENZO

Servi uma xícara de café com leite enquanto Aurora se sentava na outra ponta da mesa servindo-se também.

— Você foi à panificadora logo cedo? — ela perguntou observando a mesa farta.

— Carlo foi.

— Onde eles estão agora?

— Por aí, na cidade. Dispensei-os por enquanto.

— Eles te acompanham o tempo todo?

— Quando estou em viagem sim. Em casa eles revezam com os outros soldados.

— Você já sofreu algum ataque?

— Nenhuma emboscada pessoal, mas já enfrentamos alguns conflitos.

Aurora comia devagar, olhando longe.

— É um problema para você? Minha relação com a organização?

— Eu entendo que faz parte de quem você é. Seu mundo.

— E?

— E nada. Não vou pedir para que saia ou algo do tipo. Nem sei se isso seria possível. Eu tenho muito o que entender sobre esse seu lado.

— Nós teremos tempo, *amore mio*.

— A única coisa que eu exijo é que resolva a situação com sua... mulher.

— Você é a única mulher, minha mulher — afirmei.

— Você entendeu — ela disse seriamente.

— Sim, *amore mio*. Eu entendi. Ligarei para meu irmão assim que terminarmos nosso café da manhã para ver como andam as coisas.

Continuamos nossa refeição presos em nossos próprios questionamentos. Aurora não estava mais tão distante quanto antes, mas eu ainda aguardava o momento em que ela declarasse que não havia mais nenhuma barreira entre nós.

Levantei-me da cadeira e deixei a cozinha avisando que ia até o quarto ligar para Stefano.

O telefone havia descarregado e assim que coloquei o aparelho para carregar, e ele foi iniciado, várias notificações de chamadas perdidas recentes saltaram na tela.

Liguei imediatamente para Stefano que atendeu no primeiro toque.

— Elena desapareceu — disse assim que atendeu a ligação.

— Como? — perguntei. — *Cazzo*! Eu não te disse para ficar de olho nela?!

— Ela pediu para deixar a mansão e passar uns dias na casa dos pais já que você estava viajando. Eu dei graças, ela estava deixando todos loucos aqui! Irmão, eu lamento que você tenha convivido tanto com ela. Ninguém poderia se manter são por tanto tempo ao lado daquela mulher.

— Acredite. Eu sei — afirmei. — Quando ela desapareceu?

— Ela falou ao pai que estava indo visitar uma amiga, no domingo à tarde e desde então não deu mais notícias.

— Inferno! — exclamei. — Ela já sabia dos papéis do divórcio?

— Sim, o advogado já tinha entrado em contato com ela. Acha que ela pode estar se escondendo para dificultar o processo?

— Eu juro que me torno viúvo se ela não aparecer. De um jeito ou de outro.

— Nós vamos encontrá-la, irmão. Alessandro está aqui em sua casa também. Ele está ciente de tudo o que está acontecendo e já estamos procurando a Elena. E irmão... tem mais.

— Mais?

— Ascioti está tentando influenciar alguns membros do conselho para retirar seu posto alegando que você não é capaz de cumprir com suas promessas. Está se fazendo de ofendido por seu tratamento à filha dele.

— Quem sabe da minha intenção de divórcio?

— Apenas eu, Alessandro, o advogado e a própria Elena.

— Aquela filha da mãe deve ter contado ao pai. Eu nem preciso tentar adivinhar quem ocuparia o meu lugar.

— É claro que ele está se voluntariando ao cargo — confirmou minhas suspeitas. Mario Ascioti foi *Consiglieri* foi braço direito de meu pai por quase toda a vida e agora, o miserável, que deveria estar aposentado, quer tomar meu lugar na organização.

— *Figlio di puttana* — irritei-me.

— Acho que está na hora de você voltar e mostrar que a sua posição não está em discussão — sugeriu meu irmão. — Traga sua mulher e filho, resolveremos as coisas com Elena de qualquer jeito.

— Eu vou falar com a Aurora. Avise-me se tiver qualquer novidade sobre a situação.

Encerrei a ligação e deixei o telefone sobre a mesinha de cabeceira. Só então reparei que Aurora estava encostada na porta do quarto.

— Problemas? Ela veio até mim e abraçou minha cintura. Seu cheiro me acalmou na mesma hora.

Levantei seu rosto e beijei sua boca. Devagar, saboreando como desejei fazer por tantas noites.

— Elena desapareceu assim que soube que iríamos nos divorciar — digo ao nos afastar por um momento —, enquanto seu pai está tentando roubar minha liderança na organização usando a desculpa de que não cumpro os acordos.

— Eu lamento, Lorenzo! Toda essa confusão por... mim? — ela perguntou em dúvida.

— Eu compraria uma guerra por você, *amore mio*. Eu já provei à organização que sou um líder como poucos em nossa história, Ascioti e Elena não me derrubarão tão facilmente.

— Você precisa voltar para casa, não precisa? — Seu rosto se entristeceu.

Mantive sua cabeça erguida para que olhasse em meus olhos.

— Nós precisamos voltar — falei com convicção. — Eu já disse que não vou a lugar nenhum sem vocês dois.

Aurora sorriu e meus problemas pareceram diminuir na mesma hora.

— Vou precisar preparar os passaportes de vocês o quanto antes.

— Nós já temos — surpreendeu-me. — Eu fiz o ano passado, sonhava em levar nosso filho para conhecer a Itália um dia.

— Esse dia chegou. — Sorri beijando seus lábios mais uma vez. — O visto de permanência resolveremos com nosso advogado quando voltarmos, precisamos partir o quanto antes — acrescentei. — Finalmente minha vida está completa. — Passei o polegar por sua bochecha.

— Eu vou conversar com a Rafa e depois vou à escolinha buscar nosso filho. Há muito o que fazer.

— Sim, *amore mio*. Eu ligarei para Carlo acompanhá-la.

— Não é o caso. — Ela riu. — A casa da Rafa é a duas quadras daqui.

— Sabe que quando estivermos na Calábria você e meu filho precisarão de um soldado de guarda o tempo todo, não sabe?

— Posso me adaptar a isso quando chegarmos lá, mas enquanto estamos aqui, me deixe viver como uma pessoa normal por mais alguns dias — pediu sorrindo.

— Eu aceitaria qualquer coisa que me pedisse sorrindo — confessei.

— Vou me lembrar disso. — Sorriu ainda mais.

— Io ti amo[31] — disse antes de vê-la deixar o quarto.



TRINTA E CINCO
AURORA

Liguei para minha amiga avisando que estava a caminho de sua casa. Ela me recebeu curiosa. Eu nunca ligava para avisar que estava indo até ela o que já mostrava que algo diferente estava acontecendo.

— Já tomou café da manhã? — ela perguntou ao entrarmos na cozinha de sua casa. Não era muito diferente da minha. Casas antigas tinham muito em comum.

— Já sim. Com o pai do Enzo — iniciei. Vi o café transbordar pela borda da xícara enquanto ela me encarava.

— Ele está aqui?

— Sim ele está. Em minha casa mais especificamente.

— Caramba — Rafa falou em choque.

— Eu sei que nunca falamos sobre os pais de nossos filhos, mas quero te contar agora. — Ela me observava com receio. — Você não precisa falar do pai do Pedro. Se um dia se sentir confortável para isso, falaremos, mas não precisa ser agora — esclareci. Rafa pareceu sentir-se mais aliviada.

Sentei-me na cadeira ao redor da mesa e ela tomou a cadeira ao meu lado após também me servir uma xícara de café.

— Eu estava na capital quando o conheci. Ele era tão charmoso e diferente dos outros que não foi difícil me encantar por ele. Fomos rápidos demais, não pensamos direito, apenas vivemos o momento. Eu sabia que ele era um empresário e apenas isso. Foram poucos dias, mas foram intensos.

— Eu te entendo. — Rafa pareceu lembrar-se de algo.

— E eu descobri que ele estava noivo.

— Nossa!

— Para resumir: Ele tentou entrar em contato muitas vezes um dia depois que descobri sobre a noiva, mas eu o ignorei. Quando o contato encerrou, eu fui atrás dele, na cobertura que sabia que ele ocupava.

— Por que não tenho uma sensação boa sobre o que vem a seguir? — Rafa disse, segurando minha mão sobre a mesa.

— Descobri que ele e o irmão haviam voltado para a Itália. Eles eram de lá. Ele partiu sem nem ao menos se despedir.

— Lamento, Aurora. — Rafa apertou minha mão.

— Doeu muito. Eu nem mesmo consegui saber seu nome completo naquele momento e com raiva descartei meu chip do celular me desfazendo de meu número de telefone e cortando meu laço com Lorenzo.

— Então o nome de Enzo...

— Sim — confirmei. — É o nome de seu pai.

— Quando descobri a gravidez, meu pai me agrediu e ameaçou tirar a vida do meu filho. Foi então que tia Dora me abrigou e cuidou de nós.

Meus olhos se encheram de lágrimas, pisquei rapidamente tentando segurar o choro. Era difícil me lembrar do que houve e da tia Dora sem chorar.

Senti meu tronco ser puxado e os braços de Rafa me alcançaram com força.

— Sinto muito... por tudo.

— Ele não voltou ao Brasil por nós, encontrei Lorenzo na festa de sábado, na casa do pai do Arthur — falei ao me afastar.

— Meu Deus! — Rafa levou a mão ao peito. — Como ele reagiu ao saber do filho?

— Feliz — disse sorrindo. — Não quis se afastar até Enzo melhorar e tem tentado se redimir.

— Você vai perdoá-lo? — Não havia julgamento em sua voz.

— Ainda estou magoada e tenho medo de estar sendo idiota mais uma vez. Mas eu nunca esqueci o Lorenzo.

— Ele se casou com a tal noiva?

— Sim, mas já pediu o divórcio.

— Eu não sei não, Aurora — Rafa comentou preocupada. — Ele foi embora sem nem dizer adeus, casou-se com outra e agora volta dizendo que está se divorciando.

— Ele não teve escolha.

— E como se obriga um homem a casar? — perguntou cética.

— Um acordo entre seu pai e o braço direito dele. Chefe anterior da organização da qual ele é o atual líder.

— Ai, meu Deus! — ela disse lentamente. — Ele é perigoso?

— Para os outros, acredito que sim — respondi. — E isso não é tudo.

— O quê? — Ela me olhou com preocupação.

— Vamos voltar com ele para a Itália em breve. Lorenzo está com problemas na organização e precisa retornar, mas quer nos levar junto.

— Isso é muito arriscado, Aurora.

— Eu sei, mas...

— Você o ama — ela concluiu.

— Sim — confirmei sentindo o peso daquela confissão. Limpando uma lágrima rapidamente.

— Você confia nele?

— Acredito que ele cuidará de meu bem-estar e de Enzo, já do meu coração, não sei.

— Você estará segura ao lado desse homem? Ele nunca te agrediu ou ameaçou?

— Estarei segura — garanti a ela.

— Você sempre terá uma casa para onde voltar caso aconteça qualquer coisa. — Ela voltou a se aproximar. — Escute bem, Aurora — disse com ênfase. — Caso qualquer coisa te ameace de qualquer forma que seja, eu e Pedro estaremos aqui em Amparo para receber vocês a qualquer momento.

— Eu sei — disse me emocionando ainda mais.

— Eu não faço ideia do que faria contra criminosos internacionais, mas se for preciso dou um jeito. Pode apostar.

— Eu acredito. — Sorri.

— Você vai ter que me ligar todos os dias — avisou. — Chamada de vídeo, sem maquiagem para eu ter certeza de que está bem.

— Farei isso — prometi.

— Vou sentir sua falta — admitiu.

— Eu também vou — disse deixando que novas lágrimas escapassem.



Andei diretamente até a escolinha de Enzo para buscá-lo depois de deixar a casa da Rafa.

Meu filho ficou surpreso ao me ver antes de terminar o dia, mas também ficou contente quando eu disse que iríamos para casa e que Lorenzo nos esperava lá.

Saí pelo pequeno portão na entrada da escola e caminhei pela calçada de mãos dadas com Enzo. Antes de chegar na esquina, um carro conhecido parou bruscamente ao nosso lado assustando-nos.

Recuperei-me do susto e prestes a dar o próximo passo, senti meu braço ser agarrado por trás.

— Precisamos conversar — disse apertando-me onde segurava. Enzo me olhou alarmado.

— Você está assustando meu filho — tentei manter meu tom de voz tranquilo.

— Venha comigo! — ordenou abrindo a porta de trás do veículo.

— Nós não vamos a lugar nenhum com você, Arthur.

Um grupo de pessoas assistia à cena do outro lado da rua, sentados ao redor de uma das mesas na varanda da cafeteria, em frente à escolinha. Começaram a cochichar entre si me fazendo sentir envergonhada pela cena. Todos sabiam que se tratava do filho do prefeito.

— Nós precisamos ter uma conversa definitiva, Aurora — ele falou. — Pode ser na privacidade da casa do meu pai que está desocupada neste momento ou no meio da rua. Escolhe. — Havia rancor em sua voz. — Eu não quero machucá-la. Eu te amo, Aurora, sempre te amei. — O tom de rancor foi substituído por um tom súplica.

— Vamos com você — disse segurando firme a mão de meu filho.

Entramos no banco de trás e sem a cadeirinha, coloquei Enzo em meu colo. Pelo retrovisor interno, vi os olhos de Arthur atentos aos meus movimentos.

Usei o corpo de Enzo para encontrar meu celular na bolsa, não deixando que Arthur percebesse o que estava fazendo.

Estava com dificuldades para encontrar o telefone, mas continuei procurando sem fazer movimentos bruscos.

Assim que encontrei o celular, fingi descansar a cabeça levemente no pescoço de Enzo e rapidamente enviei a minha localização em tempo real ao celular de Lorenzo.

Não queria acreditar que corríamos perigo, aquele não era um homem estranho, apesar de não reconhecer as atitudes recentes de Arthur, ele ainda era o meu amigo, aquele que esteve ao meu lado desde que nos conhecemos. O mesmo que deu uma festa surpresa linda para meu filho, que se preocupou conosco nos últimos dois anos.

Eu me agarrava a isso para não deixar o medo inexplicável que surgia em meu peito, me dominar.

Meu telefone começou a tocar assim que o carro de Arthur estacionou em frente à porta de entrada da sua casa.

Não tive tempo de atender, Arthur o tomou da minha mão.

— Sem ligações até termos terminado de conversar.

Descemos do carro e subimos as escadas até a porta. Entrei com Enzo segurando firme em minha mão. Ele não chorava, mas eu sabia que estava assustado.

A porta foi fechada atrás de nós por Arthur. Senti a parede estremecer com a força que ele usou.

— *Quindi questa è la famosa Aurora*[32]? — Uma voz feminina soou no alto da escada. Ergui os olhos para encontrar uma mulher alta, corpo curvilíneo e cabelos escuros. Era a figura de uma mulher bonita, mas tinha no rosto um olhar maldoso.

Ela desceu as escadas lentamente e quando chegou até nós, me olhou como se eu não passasse de um inseto que estava prestes a esmagar.

— *Sono Elena Santoro*[33] — apresentou-se com orgulho. Senti meu estômago revirar. Eu não precisava ter fluência na língua italiana para saber que aquela mulher à minha frente era a esposa de Lorenzo. — *E questo è il figlio che mio marito non ha potuto darmi*?[34] — ela direcionou a pergunta a Arthur.

— *Sì, questo è il figlio di tuo marito* — Arthur disse em italiano. Eu conseguia entender poucas palavras, e era o suficiente para não gostar do que estava acontecendo naquele momento.

Os olhos da mulher diante de mim pareceram incendiar-se em fúria. Projetei meu corpo para a frente de Enzo por instinto.

O telefone de Arthur tocou e ele tirou-o do bolso para atender em seguida.

— Lorenzo — ele disse. Suspirei. — Sim, eles estão comigo e com sua querida esposa. Elena. — Arthur afastou o celular do ouvido. Os xingamentos de Lorenzo podiam ser ouvidos por todos nós. — Acabou? — ele debochou. — Quando tivermos terminado o que planejamos para Aurora e seu filho... não haverá mais família. Você nunca mais verá nenhum dos dois — anunciou antes de encerrar a ligação e desligar o telefone.

Elena mostrou um sorriso macabro nos lábios que fez minha pele gelar.

— Acabou a brincadeira de família feliz, Aurora — Arthur declarou. — Você teve a chance de fazer a escolha certa, mas não fez. —

Ele parecia outra pessoa, uma que eu nunca tinha conhecido. — Agora, é hora de arcar com as consequências.



TRINTA E SEIS
LORENZO

Aquele *figlio di puttana* estava com minha família e ainda disse que Elena estava junto. Como isso era possível? Eu não sabia, mas tinha certeza de que ia matar qualquer um deles antes de permitir que machucassem Aurora e meu filho.

— Venha com Marino à casa da Aurora imediatamente! Temos uma emergência em andamento — disse a Carlo assim que ele atendeu ao celular.

Nem dois minutos depois, o carro freava bruscamente em frente ao portão onde eu estava. Entrei no banco de trás em segundos.

— Pare a uma quadra da casa do prefeito — ordenei. — Seja rápido, mas discreto.

Partimos imediatamente.

— Carlo? — chamei a atenção do soldado que dirigia. — Quantos seguranças há na propriedade?

— Um na entrada e outro que faz a ronda — respondeu no mesmo instante. Eu não precisava presumir que ele sabia, era sua obrigação já que

havíamos nos hospedado no local.

— Armados — deduzi.

— Sim.

— Como entramos sem chamar atenção?

— O muro é mais baixo na divisão dos fundos, é possível escalarmos. O terreno que faz divisa nessa mesma parte está desocupado — disse. — Assim que passarmos para o outro lado, usaremos os arbustos altos que acompanham os muros para nos mantermos ocultos.

— Você irá até a guarita na entrada da propriedade eliminar o segurança depois que o outro, da ronda, for tirado do nosso caminho por Marino — orientei. — Só então entrarei na casa. — Suspirei. — Aurora e meu filho estão sob ameaça daquele merdinha do Arthur e talvez de Elena. — Carlo me observou através do retrovisor interno do carro. — Vocês não devem obediência a Elena. Se ela ameaçar a qualquer um de nós. Eliminem-na — ordenei. — Não importa de quem ela é filha, ninguém ameaça minha família.

— Sim, senhor — responderam ambos, de prontidão.

Chegamos à rua detrás da propriedade e Carlo estacionou o veículo. Descemos em seguida.

— Se qualquer coisa acontecer comigo, liguem para Stefano e cuidem da segurança de Aurora e meu filho. Entenderam?

— Sim, senhor.

— O mato está alto, dificultará nosso acesso até o fundo do terreno onde está o muro que precisaremos escalar, mas também será bom para nos camuflarmos.

— Stefano acabaria comigo se soubesse que estou entrando em uma ação sem colete à prova de balas — disse checando as minhas armas enquanto os soldados faziam o mesmo.

— Nunca mais andaremos sem equipamento de proteção no carro, não importa onde estejamos — disse Carlo.

— Não posso discordar — declarei. Observei os soldados de prontidão. — Não morram! Isso é uma ordem — pedi aos dois.

Carlo deu o primeiro passo em direção aos fundos do terreno. Nosso rastro foi se formando, marcado pelo mato sendo abaixado.

Meu coração martelava dentro do peito. Não era a primeira vez que eu precisava agir em uma situação com pouco planejamento devido à urgência e provavelmente não ia ser a última levando em conta minha vida dentro da máfia, mas era a primeira vez que sentia que tinha tudo a perder e isso me apavorava.

— Sobe aí — Carlo disse a Marino fazendo um apoio com as mãos juntas para que o soldado pudesse espiar o outro lado do muro.

— Vejo um segurança do lado direito, próximo à entrada principal da casa — declarou voltando ao chão.

— Não temos como ter certeza de que o outro está na guarita do portão, mas se ele estiver fazendo seu serviço direito, você poderá surpreendê-lo, Carlo. Use um truque para que ele saia, então garanta que ele não irá nos atrapalhar. Não adianta chegarmos atirando sem termos certeza de que o local não é blindado, isso apenas os alertaria.

— O segurança da ronda parece estar vidrado, olhando diretamente para a porta de entrada — disse Marino. — Podemos escalar o muro e andar escondidos até os arbustos na lateral da casa, puxamos o infeliz para dentro da proteção das árvores e eliminamos ele.

— Você precisa garantir que o segurança do portão não acione as autoridades — alertei a Carlo. — Vamos esperar que você nos dê o sinal para entrarmos. Apague todas as imagens de segurança do dia e destrua o equipamento de vigilância em seguida.

— Farei isso — garantiu.

Fui o último a escalar o muro. Desci do outro lado, rente à parede de tijolos, deixando meu corpo oculto pelos arbustos assim como Carlos e Marino. Espiamos entre as frestas verdes, o segurança da ronda continuava imóvel, olhando na direção da porta de entrada da casa.

Fiz um sinal com a mão indicando que seguissem em frente. Mantivemos nossos corpos junto ao muro dando passos silenciosos em direção à lateral da casa.

— Chame a atenção dele. — Sinalizei para Carlo que se abaixou e jogou uma pedra na direção do segurança. O pedregulho quicou perto do pé do homem. O infeliz andou em nossa direção nos arbustos.

Assim que o segurança se aproximou o suficiente, Marino saiu da proteção dos arbustos, avançou em sua direção o alcançando em apenas

dois passos.

Sem dizer nada, Marino o atingiu na barriga com uma faca de caça. O segurança se inclinou para a frente e Marino passou os braços pelo tronco do homem, trazendo seu corpo que sangrava para trás das plantas.

— Termine o serviço — ordenei. Marino retirou a faca da barriga do homem enquanto mantinha sua boca bloqueada pela outra mão e em seguida, passou a lâmina afiada, capaz de partir ao meio um fio de cabelo na vertical, no pescoço do homem.

— Sua vez — disse a Carlo. O soldado bagunçou os cabelos, retirou a camisa de dentro da calça e rasgou parte dela podendo passar-se por um homem que sofreu um acidente recentemente.

Carlo se escondeu como pôde até alcançar a guarita do portão. Bateu no vidro e começou a apontar para o próprio corpo. Em seguida levou as mãos à sua frente, em forma de súplica. Chegou a ajoelhar-se. Parecia um ator fazendo o papel de um homem que realmente precisava de ajuda.

Os segundos se passaram lentamente. Eu brigava com minha mente para que fosse paciente.

Finalmente a porta da guarita se abriu, Carlo retirou a sua faca escondida no coldre de tornozelo sob a perna da calça que não estava rasgada e a cravou no queixo do homem, atravessando toda lâmina.

Rapidamente, ele carregou o corpo do homem para dentro, fechando a porta novamente.

— Ele não vai demorar para limpar tudo, chefe. Vamos pegar o merdinha e salvar sua família — Marino disse. Minha ansiedade devia estar evidente para ele se manifestar daquela forma.

Meus ombros quase relaxaram quando Carlo voltou a aparecer na porta da guarita, fazendo o sinal de que o serviço estava feito.

Eu corri até a porta de entrada da casa e a abri em um rompante. Minha visão se escureceu ao ver Aurora amordaçada e com as mãos amarradas nas costas.

O mundo estava prestes a ficar um pouco mais vermelho.



TRINTA E SETE
AURORA

Aquela maluca tinha levado meu filho para o jardim. Enzo estava assustado, mas não chorava. Eu estava apavorada com o que podia acontecer.

— Você precisa parar com essa loucura, Arthur. Ainda dá tempo — supliquei.

— Como você é ingênua, Aurora — ele zombou. Meu sangue ferveu, tentei acertar um soco em seu rosto, porém, ele foi rápido e desviou-se de meu ataque enquanto eu não previ o dele.

Seu punho atingiu meu queixo, senti como se minha face se desmontasse. Meu corpo foi ao chão no momento que perdi a consciência.

— Acorda, Aurora!

Minha pele ardeu com o tapa que Arthur acertou em meu rosto novamente. Tentei protestar, mas minha boca estava amarrada. Uma tira de tecido me impedia de falar.

Resmunguei, mesmo que nada pudesse ser entendido.

Tentei puxar minhas mãos, mas elas estavam imobilizadas atrás de minhas costas.

Arthur surgiu em meu campo de visão. Seu rosto não parecia o mesmo. Estava irreconhecível, ou talvez eu nunca o tivesse conhecido de verdade. Eu já não sabia mais.

Minhas pernas foram puxadas e meu corpo arrastado pelo chão frio até bater de encontro ao seu.

Levantei a cabeça que latejava, olhando em volta. Meus olhos queimavam com as lágrimas que eu segurava.

— Ele não está aqui. Está com Elena. Lembra dela? — debochou ele.

Suas mãos seguravam firmes em meus tornozelos. Ele estava de joelhos no chão e prestes a abrir minhas pernas. Eu ia morrer lutando, mas não ia permitir que ele tomasse meu corpo sem nem ao menos tentar defender-me.

Bati as pernas em sua direção atingindo seu pescoço e peito com toda a força que eu tinha.

De repente, a porta da entrada foi aberta com violência. Deixei que as lágrimas rolassem quando vi que Lorenzo corria em nossa direção.

Arthur tentou se levantar, mas não teve tempo. Lorenzo chutou sua cabeça com força fazendo o corpo de meu agressor tombar para trás e atingir o chão.

Lorenzo começou a pisar em Arthur acertando sua cabeça, tronco e o que estivesse na direção de seu pé. Havia uma fúria desmedida em cada golpe que Lorenzo desferia.

Senti meu corpo ser levantado. Olhei para o lado, Marino, o outro soldado de Lorenzo, me amparava. Ele me livrou rapidamente da mordaça.

— Enzo está no jardim — disse assim que minha boca ficou livre. Marino correu imediatamente até a porta lateral.

Carlo chegou em seguida e continuou a livrar-me das amarras. Limpei as lágrimas do rosto e vi em câmera lenta o momento em que Lorenzo tirou uma arma com silenciador debaixo do seu paletó escuro e acertou o que sobrara dos restos da cabeça Arthur.

Não consegui sentir nada além de alívio.

— Jardim — disse a Lorenzo e Carlo antes de correr em direção à porta lateral.

Ambos me acompanharam e quando alcançamos a grama, nos deparamos com Elena gritando em italiano com Marino enquanto apontava uma arma para a cabeça de Enzo.

— *Allora saremo solo noi quattro, Elena*[35] — Lorenzo disse enquanto levantava as mãos em sinal de rendimento.

Os soldados recuaram voltando ao interior da casa, deixando apenas eu e Lorenzo de um lado e Elena e nosso filho do outro.

A discussão continuou, eu pouco entendia o que falavam, contudo, era nítido que ela me culpava pelo que estava acontecendo.

Lorenzo tentava negociar com a mulher que parecia se descontrolar cada vez mais.

Ela levantou a arma em minha direção, ainda mantendo Enzo preso contra seu corpo, então seus olhos se cravaram nos meus. Ela estava prestes a atirar, eu sabia disso antes mesmo de ouvir o som do tiro ecoar pelo jardim.

— Feche os olhos — gritei a plenos pulmões. Enzo me obedeceu.

Senti meu corpo ser puxado para atrás de Lorenzo que caiu no chão em seguida.

Novas lágrimas borraram minha visão.

Caí de joelhos ao seu lado.

Ouvi um segundo tiro logo em seguida. Os vultos dos soldados passaram por mim em direção àquela mulher. Vi o corpo dela cair na piscina ao lado e seu sangue manchar a água.

Enzo correu até Carlo e Marino que já estavam no meio do caminho.

— Levem Enzo daqui — consegui dizer, mesmo que as palavras saíssem rasgando minha garganta.

Segurei a cabeça de Lorenzo trazendo-a até meu colo. Minhas lágrimas caíam em cascatas sobre seu rosto.

— Por favor, não — implorei sentindo meu mundo ser despedaçado. — Não me deixe. Eu te amo — declarei com a voz embargada.

— Você nunca havia dito que me amava. — Sua mão subiu com dificuldade até meu rosto. Senti seu polegar fazer um carinho leve em minha bochecha.

— Eu te amo. Mesmo com medo, mesmo com todas as incertezas... Eu te amo, por favor, não me deixe — repeti.

Um sorriso fraco surgiu em seu rosto.

Ao nosso lado, Carlo falava rapidamente em italiano com alguém ao telefone.

— Eu sempre te amei. E para sempre te amarei. *Il mio cuore è tuo*. [36]

Um grito rasgou minha garganta quando sua mão caiu de repente ao meu lado e Lorenzo fechou os olhos deixando meu mundo em completa escuridão.



CAPÍTULO

TRINTA E OITO
AURORA

— Stefano quer falar com você — Carlo me entregou o celular. Eu ainda estava no gramado do jardim da casa do prefeito, com a cabeça de Lorenzo em meu colo.

Minhas mãos tremiam, alcancei o telefone e o levei ao ouvido.

— Aurora, preciso que mantenha a calma e siga todas as instruções de Carlo neste momento. Ele cuidará de vocês.

— Lorenzo... — consegui pronunciar.

— Eu sei — ele disse. Havia dor em seu tom de voz. — Agora é hora de agir. Enquanto eu estava no telefone com Carlo, sendo colocado a par da situação, já acionava nossos contatos para o resgate. O helicóptero deverá chegar a qualquer momento. Você entendeu tudo o que eu disse?

— Sim. — Eu havia entendido, mesmo com todas as emoções à flor da pele confundindo meus sentidos e dominando meu corpo.

— Faremos o possível por Lorenzo. Eu prometo — ele disse. Sua voz estava embargada.

Devolvi o celular a Carlo depois de encerrar a ligação.

— Você e Enzo devem voltar à sua casa com Marino e ficar escondidos até que entremos em contato. Não falem com ninguém, nem mesmo com sua amiga, para não a envolver nisso.

— Eu quero ficar ao lado do Lorenzo — disse.

— Eu entendo, *signora*, mas neste momento, é melhor que apenas eu o acompanhe para não chamar mais atenção para a situação.

Passei os dedos trêmulos pelo rosto de Lorenzo. Eu sentia que parte de mim morria com ele naquele momento.

— Marino também está sendo informado das ordens. Ele cuidará de vocês como nosso próprio *capo* faria.

Meu coração doeu mais ainda. Ele havia me protegido com sua vida. Lorenzo se colocou na frente de uma bala por mim e agora eu o estava perdendo.

Minha garganta doía como se alguém estivesse me sufocando.

— Eles chegaram — anunciou Carlo assim que ouvimos o helicóptero.

Os socorristas correram em nossa direção. Em instantes colocaram Lorenzo na maca e levaram seu corpo inerte ao interior do helicóptero.

Carlo ficou ao lado de seu chefe, dando ordens em italiano.

— Vamos, *signora*? — Ouvi a voz de Marino às minhas costas enquanto o helicóptero levantava voo e nos deixava.

Olhei para trás, meu menino estava mais calmo. Peguei Enzo no colo.

— Eu sinto muito por tudo, meu amor — disse tentando controlar o choro.

Encaminhamo-nos para o muro dos fundos. Eu levava Enzo no colo, agarrado ao meu pescoço. Marino nos seguia carregando uma das cadeiras do jardim.

Ao chegarmos no muro, atravessamos os arbustos. Marino colocou a cadeira rente à parede e escalou o muro.

— A *signora* precisa me entregar o menino para subir — orientou.

— Está tudo bem — garanti a Enzo antes de entregá-lo ao soldado.

Depois de subirmos no muro, Marino foi o primeiro a pular no chão do outro lado. O terreno desocupado estava tomado pelo mato que

quase cobria o corpo do homem por completo.

— Precisa pular agora — Marino disse a Enzo que estava em meu colo novamente.

— Ele vai te pegar — falei olhando para meu filho. — Eu prometo.

Enzo pulou e Marino o segurou. Colocou meu filho no chão ao lado dele. Joguei-me em seguida. Marino também conseguiu alcançar-me.

— O carro está do outro lado do terreno — disse colocando-me no chão.

Peguei Enzo nos braços novamente e seguimos Marino. O veículo estava próximo e em poucos minutos, estávamos de volta à minha casa.

— Vou ficar aqui na sala e qualquer notícia, avisarei a *signora* — Marino anunciou. Assenti.

Levei Enzo até seu quarto e separei uma muda de roupa para vestir depois de seu banho.

— Prefere o pijama de dinossauro verde ou azul? — perguntei tentando distraí-lo.

— Azul — ele respondeu abatido.

Deixei que ele demorasse mais no banho do que de costume. Quando estendi a toalha seca ele não questionou.

Vesti o seu pijama e o levei para a cozinha. Preparei um chocolate quente e deixei que ele tomasse sem pressa.

Na cama, ele parecia um pouco menos cansado quando cobri seu corpo com a manta.

— Mãe... — Ele me chamou. — Por que aquela mulher queria me machucar?

— Ela era uma pessoa ruim, meu amor.

— Eu fiquei com medo dela.

— Eu também — disse a ele que pareceu surpreender-se com minha declaração. — É normal sentirmos medo. Todos sentimos.

Ele segurou minha mão sobre a manta.

— Agora você está com medo? — perguntei.

— Da mulher não — respondeu logo.

— E tem alguma outra coisa te dando medo?

— Lorenzo estava machucado?

— Ele se machucou sim, filho, mas ele está sendo muito bem cuidado agora. Levaram ele para um lugar que pode ajudar ele a melhorar — disse tentando não parecer tão abalada quanto eu realmente estava.

— Ele é meu pai? — surpreendeu-me. Enzo nunca tinha me perguntado sobre o pai antes.

— Sim, ele é — confirmei sentindo o peso daquela conversa.

— E eu posso chamar ele de pai quando ele voltar? — perguntou com olhos esperançosos.

— Ele vai ficar muito feliz, tenho certeza — respondi, mesmo temendo o futuro.

Enzo continuava a segurar em minha mão. Não tive coragem de deixá-lo sozinho depois de tudo.

Ajeitei meu corpo ao lado do seu na pequena cama e esperei que ele fechasse os olhos para enfim, tentar adormecer também, mesmo sabendo que isso não ia acontecer.

Enquanto eu não tivesse notícias de Lorenzo, continuaria de olhos abertos, tomada pelo medo de perdê-lo para sempre.



TRINTA E NOVE
AURORA

Enzo se mexeu ao meu lado ao acordar. Seus olhos verdes pesaram em meu coração. Passei a mão por seus cabelos bagunçados.

— O meu pai já voltou? — Eu não sabia que podia sentir ainda mais dor até ouvi-lo dizer aquilo.

— Ainda não, mas estão cuidando bem dele — garanti. — O que você quer comer no café da manhã?

— Chocolate quente — respondeu na mesma hora.

— E um misto quente? — ele assentiu.

Levantei-me e estiquei os braços para que viesse até mim.

— Vamos ao banheiro lavar o rosto e depois vamos fazer o nosso café da manhã.

Enzo aceitou o colo e seguimos para o corredor.

Depois de preparar nossa refeição, chamei Marino para nos acompanhar. Sua cara não estava melhor do que a minha, mesmo depois de tomar um banho, que insisti que tomasse.

Estávamos todos em silêncio, ninguém conseguia dizer nada. O clima era tenso e a incerteza pairava sobre nós.

O celular de Marino tocou e todos olhamos para ele que se levantou na mesma hora.

— Sim. — Uma pausa após sua resposta.

Parei de mastigar. Nem mesmo sabia se respirava. Percebi que Enzo estava ao meu lado, atento a cada movimento de Marino. Terminei de engolir a massa de pão que estava na boca e passei a mão suavemente nas costas de meu filho direcionando a ele um sorriso acalentador.

— Estaremos aí o mais rápido possível — declarou.

— Vamos? — perguntou-nos assim que desligou o celular.

— Alguma notícia?

— Tudo bem durante a cirurgia. Ele pode se recuperar. Há boas chances. — Seu rosto ainda demonstrava preocupação. — Carlo recomendou que prepare uma mala pequena para a *signora* e o *bambino*, além dos seus documentos.

Em menos de uma hora estávamos na estrada em direção à capital. Eu não havia retornado a São Paulo desde minha fuga. Saber que eu estava voltando mexeu ainda mais com meus sentimentos.

Tudo havia começado naquela cidade.

Enzo estava com os olhos vidrados nos prédios grandes, no movimento intenso de carros e pessoas. Aquilo tudo era novidade para ele, ao menos ele estava distraído, pensei.

Chegamos ao estacionamento do hospital, descemos do carro. Carreguei Enzo no colo até o elevador. Subimos alguns andares até pararmos e Marino indicar que devíamos sair.

Andamos pelo corredor vazio. Passamos por um balcão no caminho, contudo não havia nenhum funcionário. O silêncio era rompido apenas por nossos passos que ecoavam pelo local assustadoramente branco.

Enzo olhava para as paredes e o teto, impressionado com a altura. Percebi que eu tremia e tive medo de minhas pernas fraquejarem. Apertei o corpo do meu filho ainda mais contra o meu.

Marino se deteve em frente à última porta do corredor e a abriu. Soltei o ar que prendia no peito ao ver Lorenzo acordado na cama. Ao seu

lado estava o médico que explicava sobre os cuidados que ele devia ter assim que recebesse alta.

— Vocês são? — o médico questionou ao notar nossa presença na porta.

— Minha *famiglia* — Lorenzo respondeu com a voz fraca. Deixei que lágrimas de alívio escorressem por meu rosto.

— Eu expliquei para seu esposo sobre os cuidados que deverá ter para uma boa recuperação após a cirurgia. Ele ficará em observação por mais algumas horas — assenti sem conseguir dizer mais nada.

O médico saiu do quarto e cumprimentei Carlo que estava do outro lado do chefe.

— Vá descansar, Carlo — ordenou Lorenzo. — Marino ficará conosco pelas próximas horas. — Carlo assentiu e nos deixou em seguida, também parecia esgotado.

Aproximei-me com Enzo e toquei a mão de Lorenzo.

— Obrigado por cuidar deles. — Lorenzo se direcionou a Marino que assentiu em resposta. — Pode assumir seu posto.

Marino passou pela porta do quarto e a fechou em seguida, deixando-nos a sós.

— Senti tanto medo — confessei baixinho.

— Eu também. Tive medo de nunca mais ver vocês dois. Logo agora que eu os tinha encontrado de novo.

Lorenzo indicou para que nos sentássemos na cama, ao seu lado, fiz o que pediu. Ficamos os três em silêncio, aliviados por estarmos juntos e seguros.

— Vamos para casa agora, pai? — Enzo disse com a naturalidade de uma criança que estava apenas entediada.

Os olhos de Lorenzo marejaram e ele engoliu em seco mantendo os olhos em nosso filho que estava em meu colo.

— Ele sabe — constatou. — Em breve vamos para casa, *mio figlio* [37]— disse com a voz embargada alcançando nossas mãos sobre o lençol branco que cobria seu corpo.

Não demorou para que Enzo dormisse em meu colo. Olhei para a frente e notei que Lorenzo fazia o mesmo.

Saí da cama e me direcionei à poltrona ao lado. Minhas pálpebras pesaram e finalmente senti que ia poder dormir e descansar um pouco.



Acordei quando a porta do quarto se abriu e uma figura que eu já conhecia adentrou o ambiente.

— Olá, Aurora — disse Stefano que segurava uma sacola grande em uma das mãos.

— Olá.

— Ele está realmente bem? — perguntou apontando para o irmão que ainda dormia.

— Sim.

Stefano colocou as mãos na cintura e soltou um longo suspiro.

— Podemos conversar lá fora? — Assenti.

Saí do quarto com Enzo no colo que estava acordando.

— Está tudo bem, meu amor — disse a ele que esfregava os olhos.

Andamos pelo corredor até algumas cadeiras de inox que estavam dispostas rentes à parede.

Sentei-me com Enzo no colo e Stefano se sentou ao meu lado.

— Então você está pronta para deixar o Brasil e ser esposa do *Capo Crimine*?

— Sinceramente, sei muito pouco do mundo de vocês, mas nós estaremos onde Lorenzo estiver. Não importa o que isso signifique.

— Ele te amou desde o momento em que pôs os olhos em você — disse baixando a cabeça. — Eu deveria ter visto a verdade.

— Que verdade?

— Que ele nunca te esqueceria.

— Eu também nunca o esqueci.

— Vocês são loucos — disse dando uma risada fraca.

— Você não acredita no amor?

— Não é para mim — ele respondeu sem hesitar.

— Isso é triste — disse. — Desejo que você encontre um amor tão forte que balance todo seu mundo.

— Isso nunca vai acontecer. — Ele riu mais um pouco.

Ficamos em silêncio por um instante.

— O que houve na casa do prefeito?

Eu não tinha notícias sobre o que havia acontecido após nossa partida e nem havia me preocupado com isso até então. Meus pensamentos estavam todos voltados a Lorenzo.

— Uma equipe nossa limpou o local e deixou evidências de que tudo não passou de um roubo que deu errado.

— E Elena?

— Não será mais um risco a vocês — disse com firmeza. — Os detalhes do que aconteceu naquele dia serão repassados a você e deverá repeti-los até que você mesma acredite que tudo foi exatamente da maneira que contaremos. Você compreende?

— Sim — confirmei. Eu ia precisar mentir e acreditar na mentira até que ela se tornasse verdade até mesmo para mim.

— Então você é o Enzo? — disse abaixando-se para ficar na altura do rosto do meu filho. — Eu sou seu *zio*[38], Stefano. — Sorriu. — Soube que você gosta de dinossauros, eu trouxe alguns para você.

A sacola que Stefano carregava foi aberta revelando três dinossauros. Um era no formato de boneco, outro uma pelúcia e ainda havia um emborrachado.

Enzo pegou os brinquedos sorrindo, mal conseguia segurá-los no colo.

— Obrigado, *zio* — tentou repetir a palavra que Stefano havia dito ao se apresentar.

— Você já chega mimando o menino — Fingi repreendê-lo.

— Ele é meu sobrinho, herdeiro do meu irmão. Como poderia ser diferente?

Ele parecia realmente feliz em conhecer Enzo.

De longe, vimos Marino fazendo sinal, nos chamando, e retornamos ao quarto. Lorenzo havia acordado e já apresentava um rosto melhor.

— Vejo que mal conheceu *mio figlio* e já o está enchendo de presentes — Lorenzo falou rindo.

— Não poderia ser diferente. — Stefano deu de ombros.

— Como estão as coisas em casa?

— Não posso mentir, estão complicadas, mas daremos um jeito. Somos os irmãos Santoro.

— Falando de irmãos... Nico?

— Deixei Nico e Alessandro nos representando.

— Você enlouqueceu? — Os olhos de Lorenzo quase saltaram.

— Acalme-se — disse me aproximando e tocando sua mão.

— Escute *sua moglie*[39] — recomendou. — Nosso irmão tem se mostrado responsável nos últimos tempos e ficou muito abalado quando soube da sua situação. Ele mesmo se ofereceu a cuidar de tudo ao lado de Alessandro enquanto estamos ausentes.

— Não sei se isso me tranquiliza — Lorenzo declarou.

— Vamos cuidar de tirar você daqui e providenciar sua volta para casa — Stefano disse. — Junto com sua família, é claro.



CAPÍTULO QUARENTA
LORENZO

Havia voltado para minha casa na Calábria finalmente, e daquela vez, nenhuma parte de mim estava faltando.

Depois de receber alta do hospital, passamos mais uma semana na cobertura em São Paulo. Aurora estava apreensiva com a mudança, mas nada tirou sua determinação em me acompanhar.

Durante aquele tempo, contei a ela o que podia sobre nosso mundo, nossos costumes e garanti que nada e ninguém ia tocá-la. Eu ia estar ao seu lado.

A conversa com Mario Ascioti foi difícil, ele não estava lidando bem com a perda da única filha. Precisamos contar uma história ao conselho, que era em parte verdade e parte mentira, para nos proteger.

Depois de retornar, marquei uma reunião com o conselho e contei a eles que já havia pedido o divórcio a Elena algumas vezes, mas em todas ela tinha se negado. Contei que apesar de nossos esforços, nosso matrimônio não estava bem. Disse a eles que ela sabia do motivo real de minha viagem ao Brasil que era trazer Aurora e meu filho para casa e assumi-los como minha família.

Falei também que havia descoberto há mais de um ano que era pai de Lorenzo e que desejava cuidar de minha família assim que o divórcio saísse, entretanto, Elena se negava a conceder-me.

Então decidi buscar minha família no Brasil mesmo sem o divórcio e entrar com o pedido litigioso quando retornasse. Mas Elena perdeu a cabeça e viajou atrás de mim, encontrou minha família, os ameaçou e quando se viu rendida. Ela tirou a própria vida.

As mentiras foram costuradas à verdade a fim de mantermos a paz entre as *famiglie* e evitar uma rebelião interna. Se soubessem como as coisas haviam acontecido e que um dos soldados havia tirado a vida de Elena, mesmo que para salvar a vida do meu filho, as coisas iam se complicar. Carlo foi esperto em acertar o tiro na cabeça em uma posição que o suicídio podia explicar a morte.

As coisas ainda estavam tensas. Havia certa incerteza no ar e eu tentava buscar uma solução que fizesse nossa posição na ‘Ndrangheta ter a mesma força que sempre tivera.

— Pai, posso brincar lá fora? — Enzo perguntou perdido entre os brinquedos, sentado no tapete à frente do sofá, em nossa casa. Cada vez que ele me chamava de pai, meu coração era tomado de emoção.

— Depois do almoço — Aurora disse ao chegar na sala.

Ela estava linda, usava um vestido branco de tecido leve. Seu sorriso era capaz de dissipar qualquer preocupação que estivesse em minha mente.

Minha mulher andou até o sofá e sem tirar os olhos dos meus, retirou o notebook do meu colo, o colocando de lado. Seus braços contornaram meu pescoço e sua boca veio de encontro à minha. Minhas mãos se apossaram de sua cintura enquanto minha língua invadiu sua boca.

Puxei seu quadril para meu colo deixando-a sentir o volume em minha calça. Aurora sorriu ao perceber minha excitação contra sua bunda.

— Olha a safadeza na frente da criança — Nico anunciou no meio da sala, fazendo graça. Aurora descolou nossas bocas na mesma hora e tentou se levantar, mas mantive seu corpo sobre o meu.

Nico se abaixou e pegou Enzo no colo que estava distraído com um dos seus muitos dinossauros de brinquedo.

— Isso está longe de ser safadeza — eu disse com humor.

— Seus pais são safados — Nico disse a Enzo.

— Não ensine essas coisas ao meu filho — falei atirando uma almofada do sofá em meu irmão caçula.

— Tem feijoada hoje? — Stefano indagou ao entrar em casa.

— Vocês não têm onde comer não? É a terceira vez essa semana — fingi desagrado. Eu adorava a interação de minha família com meus irmãos.

— Sua esposa nos convidou.

— É verdade — ela confirmou ainda em meu colo. — Faz bem almoçar com a família.

— Não posso discordar — Nico diz brincando com Enzo que gargalhava nos braços do tio.

— Vamos almoçar, então. Depois temos uma reunião com Alessandro — anunciei.



Alessandro chegou às quinze horas, como havíamos combinado. Eu e meus irmãos já o aguardávamos no meu escritório.

O capitão chegou e cumprimentou a todos nós. Sua face revelava certa preocupação.

Convidei a todos para se sentarem e então iniciamos a reunião.

— Há algo te preocupando, Alessandro? — perguntei diretamente.

— Não sei dizer se é um sinal de alerta, mas...

— O que está acontecendo? — Stefano perguntou.

— Você sabe, *capo*, que algumas famílias não veem com bons olhos seu relacionamento com Aurora. Eles não falam nada diretamente, mas cochicham por aí...

— E ainda tem o Ascioti, louco para puxar seu tapete — Nico completou.

Levantei-me da cadeira circulando a mesa.

— Eu sei que as coisas não estão tão certas como um dia tiveram... estamos passando por um momento de instabilidade.

— Por isso pensei em sugerir algo... — Alessandro falou.

— Prossiga — disse. Ele era de confiança e havia nos ajudado muito em minha ausência, além de saber de segredos que iam nos ligar pelo resto de nossas vidas.

— Toda essa confusão começou com um casamento arranjado que fracassou. E se um novo laço entre as famílias fosse formado? Mas um que salvaria a todos.

— E que laço seria esse? — indaguei.

— Entre nossas famílias — afirmou sem hesitação.

Stefano pareceu levar um susto, mas logo seu rosto voltou à frieza de sempre.

— Minha irmã nunca mais conseguiu um noivo dentro da máfia pelo que aconteceu com o anterior. Ela não o atacou ou matou. Vocês sabem, mas o pai do Francesco, seu ex-noivo, fez questão de acabar com a reputação de minha irmã, Vittoria.

— E sua irmã deseja casar-se? Pergunto por que hoje acredito que não devemos forçar ninguém a isso.

— Ela quer se casar. Ela acreditava que amava Francesco e as coisas aconteceram como aconteceram. Ela está desiludida, mas ainda sonha em construir uma família.

— Expectativas românticas? — indaguei.

— Ela não tem. Não mais — Alessandro respondeu.

— E quanto ao noivo? Quem seria? — questionei.

— Seria Stefano — anunciou Alessandro. — Nico ainda está ganhando autoridade enquanto Stefano já a tem consolidada. Seria uma junção de forças inquestionável.

O rosto de meu irmão era indecifrável.

— É uma proposta interessante, Alessandro. Este é um assunto a ser debatido por isso iremos conversar e te responderemos o quanto antes.

Cumprimentei Alessandro e o capitão deixou a sala sendo acompanhado por Nico.

— Não é uma má ideia — disse suspirando.

— Não quero me casar com aquela maluca — Stefano declarou. — Ela é uma doida desbocada. Parece um furacão em forma de mulher. Quem poderia lidar com ela?

— Eu não vou te obrigar a isso, irmão. Já passei por uma situação semelhante e não quero o mesmo para você.

Mesmo após me ouvir, Stefano parecia continuar tenso.

— Eu me caso com ela — disse Nico voltando à sala. A cara de fúria que Stefano fez chamou minha atenção. — Ela é uma mulher muito bonita e parece ser divertida. Já conversei com ela em algumas ocasiões. Até quis beijá-la, mas ela estava comprometida com o Francesco.

Nico se jogou no sofá parecendo despreocupado.

— Já viram o tamanho daquela bunda? — Nico mediu com as mãos um espaço à sua frente. — Um casamento com a incendiária deve ser puro fogo. — Riu sozinho.

— Eu me casarei com ela — Stefano anunciou. De canto vi que Nico sorria enquanto Stefano parecia estar prestes a ter um ataque. — É claro que farei isso por nossa família, e apenas por isso. Um casamento por obrigação, nada mais.

Stefano saiu praguejando ao passar pela porta do meu escritório, fechando-a com força.

— O que foi isso? — perguntei a Nico que gargalhava no sofá após sermos deixado a sós.

— Ele está caidinho pela moça desde que precisou ajudá-la com aquela história de ameaças.

— Mas não admite — concluí.

— De jeito nenhum. É muito cabeça-dura.

— E essa história de casamento veio em um momento muito oportuno, não?

— Eu posso ter plantado a ideia na cabeça do Alessandro. — Nico riu.

— Meu irmãozinho... — disse surpreso.

— Vamos marcar uma reunião com esses putos do conselho e dizer a todos que um novo casamento, além do seu, é claro, acontecerá em nossa

famiglia.

— Sim, vamos anunciar o quanto antes.

— E quando será seu casamento com Aurora?

— Em algumas semanas. Aurora não quer uma grande festa. Será algo íntimo entre nós. Ela ainda teme a reação das pessoas.

— Todos irão se acostumar, é questão de tempo — Nico falou com tranquilidade. — Agora vamos descer porque esse cheiro de bolo está me matando. Sua esposa deve estar preparando um café da tarde bem brasileiro e não irei embora antes de encher a barriga.



EPÍLOGO
AURORA

— Não fica preocupada — Vittoria falou arrumando um fio de cabelo que havia se soltado do meu penteado. Olhei meu corpo no espelho. O vestido de noiva branco era todo em renda. A saia era rodada, mas pouco volumosa. Havia uma carreira de botões de pérolas que se estendia nas costas. Eu tinha escolhido o modelo assim que o experimentei na loja ao lado de Vittoria.

Observei minha imagem à frente e sorri em um misto de alegria e nervosismo.

— Você está com sua família — ela disse. — E é a noiva mais linda que eu já vi — declarou sorrindo.

— Obrigada por tudo — disse a abraçando.

Vittoria me recebeu de braços abertos desde nosso primeiro encontro quando Stefano nos apresentou. Ela me ofereceu seu apoio e me ajudou com todos os preparativos do casamento.

Ela se tornou uma amiga querida e especial em pouco tempo.

Desci as escadas da mansão, passei pela nossa sala decorada com flores e castiçais de velas. Minhas pernas tremiam mais a cada passo que eu avançava. Caminhei até o pequeno altar com arco de flores naturais onde Lorenzo me esperava acompanhado de seus irmãos e nosso filho.

O sol se despedia lentamente atrás de nós enquanto um oficial do registro civil pronunciava palavras que, graças a meus estudos intensos de italiano, eu conseguia entender.

Os olhos de Lorenzo estavam presos aos meus, aqueles mesmos olhos verdes que eu nunca havia esquecido, brilhavam com o amarelado da tarde, me fazendo suspirar de felicidade.

Desci os olhos rapidamente por seu corpo, Lorenzo vestia um terno escuro com camisa clara. Estava lindo. Eternizei aquele momento em meu coração. Eu nunca ia me esquecer.

Assim que nos declararam marido e mulher, Lorenzo me puxou para si e beijou-me com intensidade.

— Io ti amo — ele disse segurando meu pescoço entre suas mãos, encarando-me com devoção.

— Io ti amo — respondi em italiano fazendo-o sorrir.

Lorenzo se virou para receber as felicitações de seus irmãos. Nico fazia festa com qualquer coisa, mas hoje ele parecia estar ainda mais animado.

Sorri ao ver minha futura concunhada correr em minha direção. Vittoria parecia desesperada para alcançar-me. Abraçou-me com força e me deu um beijo estalado na bochecha.

— Foi lindo, chorei um pouquinho — disse limpando a maquiagem levemente borrada. — Está feliz?

— Muito — disse sentindo meu peito transbordar de alegria.

Depois do jantar no jardim, nossos amigos começaram a se despedir. Apenas Vittoria e Stefano permaneceram em casa esperando para levar Enzo para o apartamento de Stefano onde eles iam cuidar do sobrinho juntos.

Eu pedi a Vittoria o favor de cuidar de Enzo enquanto meu marido pediu ao irmão e como nenhum dos dois queria abrir mão de ficar uma semana com o sobrinho, propusemos deles cuidarem de nosso filho juntos.

Em breve iam estar casados, então pensamos que não devia ser um problema para eles.

Vittoria me abraçou pela milésima vez. Ela gostava muito de abraçar. Sorri, mesmo um pouco triste, ao lembrar-me de Rafa que claramente ia ter problemas com o entusiasmo de Vittoria.

Minha amiga de Amparo não pôde vir ao casamento. Lorenzo se dispôs a pagar todos os custos da viagem e mesmo assim ela não aceitou, fiquei preocupada com as desculpas que ela deu, mas respeitei seu espaço como sempre fizemos uma com a outra.

— Aqui estão as roupas dele — disse entregando uma mala para Vittoria. Abaixei-me para abraçar Enzo e segurei-me para não chorar. Não sabia como ia ser para nós dois já que nunca ficamos tanto tempo separados.

— Está me apertando, mãe — reclamou meu filho, fazendo todos rirem.

— Eu te amo. Voltamos em uma semana. Não enlouqueça seus tios. — Beijei sua testa.

Já havíamos conversado com Enzo sobre a viagem. Ele não pareceu ficar tão afetado com o tempo que ia passar longe de nós.

— Eu também te amo, meu filho — Lorenzo disse abaixado à frente do nosso menino. — Voltaremos logo. — Beijou o topo de sua cabeça.

— Agora vamos porque temos muitos filmes de dinossauros para assistir — disse Vittoria estendendo a mão para Enzo que pegou a mão da tia sorrindo.

Nós nos despedimos de Vittoria e Stefano que saíram em seguida levando nosso filho.

— Eles cuidarão bem dele — disse Lorenzo, beijando meu ombro ao ficarmos sozinhos.

— Eu sei — disse. Era verdade. Eu confiava neles para cuidar de nosso filho ou nunca ia permitir tal coisa.

— Agora... — Lorenzo disse virando meu corpo para si. — Eu vou cuidar de você, senhora Santoro.

Sua boca avançou sobre a minha. Seus lábios quentes tomaram os meus enquanto suas mãos puxaram minha cintura colando meu corpo ao

seu. Era fácil perder o ar ao ser beijada por Lorenzo. Nós nos entregávamos por completo um ao outro.

Minha pele se arrepiou ao sentir que seus lábios desciam por meu pescoço deixando um rastro de calor por onde passavam.

— Vamos subir até nosso quarto e encomendar mais um herdeiro ou herdeira — disse com um sorriso malicioso nos lábios.

Meu corpo foi levantado e Lorenzo me pegou em seus braços. Passei os dedos por sua face traçando cada ponto.

— Eu te amo.

— Io ti amo — disse encarando-me com aqueles olhos verdes que me cativaram desde o primeiro momento.

Lorenzo e eu podíamos não ter trilhado um caminho fácil até ali, mas agora estávamos juntos, e desta vez, seria para sempre. Nós nos amávamos e lutaríamos por nosso amor, por nossa família.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Todo livro que escrevo é especial à sua maneira e este aqui não é diferente. Eu adorei escrever “O Herdeiro Inesperado do Mafioso Italiano” e entregar a vocês mais uma história.

Agradeço a todos que participaram de forma direta ou indireta deste projeto.

Também agradeço imensamente à minha rede de apoio nesta jornada: meu marido Willian, minha amiga, e também escritora, Helen Tussia e minhas queridas leitoras que não perdem um único lançamento.

Muito obrigada a você que chegou até aqui. Espero que tenha gostado de conhecer Lorenzo e Aurora.

Nós nos veremos novamente no próximo livro!

Até mais.

[1] Chefão do crime. Este é o maior posto dentro da Máfia “Ndrangheta.

[2] Senhorita.

[3] Jovem bonita.

[4] Por favor.

[5] E por que não?

[6] Está linda.

[7] Não há mulher mais bonita do que você.

[8] Tudo está perfeito.

[9] Meu amor.

[10] Está tudo bem, senhorita.

[11] Eu gosto muito de você, mais do que eu deveria.

[12] Me perdoa, meu amor.

[13] Acho que estou ficando louco.

[14] Moça.

[15] Família.

[16] Família.

[17] A classe dos medicamentos com ação antitérmica, também chamada de antipirética, serve para combater a febre.

[18] Atividades lúdicas são brincadeiras que envolvem jogos ou interações com outras crianças e adultos. Seu objetivo é ensinar e divertir quem as pratica. No caso das crianças, tais atividades também têm o papel importante de auxiliar no desenvolvimento em diversos aspectos.

[19] O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192)

[20] Menino.

[21] Senhora

[22] Filho da puta.

[23] Meu filho.

[24] Bom dia.

[25] Caralho.

[26] Famílias.

[27]. Eu te amo mais do que a minha própria vida.

[28] Eu sou seu.

[29] Senti tanta saudade, meu amor.

[30] Eu quero passar minha vida com você.

[31] Eu te amo.

[32] Então essa é a famosa Aurora.

[33] Sou Elena Santoro.

[34] Sim, este é o filho que meu marido não foi capaz de me dar?

[35] Ficaremos apenas nós quatro então, Elena.

[36] Meu coração é seu.

[37] Meu filho.

[38] Tio.

[39] Sua mulher .